



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Faculdade de Artes e Letras
Departamento de Letras

**Descobrir, Partilhar e Valorizar
Memórias da Literatura Oral da Raia.
Contributos para a Preservação dos Contos
Lendas, Crenças e Superstições de Penha Garcia**

Américo dos Santos André

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Ibéricos
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof^a. Doutora Reina Marisol Troca Pereira

Covilhã, Outubro de 2012

Às gentes simples e humildes das nossas lendárias e misteriosas terras da raia, que nas longas jornadas, com as mãos calejadas pelo trabalho de “sol a sol”, arrancaram com grande sacrifício, da terra agreste e ingrata “o pão nosse de cada dia” e que perante as canseiras e as agruras da vida souberam encontrar no sagrado ou no profano, nos milagres ou na magia, as forças que alimentaram a fé, a coragem e a esperança perante o desconhecido e as indomáveis forças da natureza ou do azar humano. A todos os que me abriram portas e me contaram segredos, mistérios e “s’tórias” de vida, escritas na memória, ao longo dos tempos, com sonhos, sangue e suor, jorrado nas canseiras da vida, um grande

Bem-haja!

Agradecimentos

Expresso a minha gratidão:

À Professora Doutora Reina Marisol Troca Pereira por ter aceitado a orientação da minha dissertação, pela constante disponibilidade, sugestões, esclarecimentos, apoios e ensinamentos que permitiram a realização deste trabalho. À moda da nossa Beira, um grande Bem-haja!

Ao Professor Doutor Paulo Osório, pelas palavras de confiança, pelas respostas e encaminhamento para o Mestrado em Estudos Ibéricos.

À Dr.^a Isabel Adónis, Coordenadora do Departamento de Ciências Sociais e Humanas do Agrupamento de Escolas de São Vicente da Beira, por toda a colaboração prestada e sobretudo pela paciência e simpatia com que acolheu sempre as minhas angústias e infinitas questões.

Ao meu amigo de infância, Irmão na Ordem do Templo e mui nobre Comendador da Comenda Templária das Terras das Idanhas, Eng.^o Armindo Jacinto, Presidente do Conselho de Administração da Naturtejo e Vereador da Cultura, Turismo e Desporto do Município de Idanha-a-Nova, pelo seu constante apoio e disponibilidade concedida no desenvolvimento das inúmeras iniciativas relacionadas com o levantamento e a preservação das Memórias de Tradição Oral no território.

À Dr.^a Cristina Granada, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Castelo Branco e nobre Irmã, Dama na Ordem do Templo, na Comenda Templária de Castelo Branco, pela disponibilidade demonstrada na tradução do resumo, para a língua francesa, na leitura e correcção dos textos.

Aos amigos Pedro Gama, Cila Serra e Anabela que, apesar de “entranhados” na burocracia da secretaria do Agrupamento de Escolas, nunca deixaram de me sorrir, de me atender e de me auxiliar nas constantes solicitações.

A todos os meus alunos, por tudo o que me têm ensinado ao longo dos anos, nomeadamente os mais rebeldes, problemáticos e revoltados, pequenos heróis sem honras, glórias ou horizontes, perdidos nos seus pequenos mundos, ricos em memórias de tradição oral.

A todos os professores do mundo que acreditam numa escola aberta ao mundo, sem grades e que diariamente - empenhados e obstinados - lutam por uma educação que acarinhe e abrace a escola da vida, valorizando costumes, crenças e memórias da tradição oral, nos territórios educativos.

A todos os jovens que, nos seus territórios marcados pelos flagelos da interioridade e da desertificação, “arregaçam as mangas” e deitando mãos ao trabalho transformam sonhos em realidades em prol do bem comum nas comunidades, muitas delas isoladas e abandonadas à sua triste sorte e destino, dando verdadeiros exemplos de heroicidade aos adultos e ao poder político.

A todos os que me convenceram a não desistir deste sonho.

RESUMO

O presente estudo surge no âmbito de um trabalho de investigação realizado no Mestrado em Estudos Ibéricos, na área das Literaturas Orais e Marginais, no Departamento de Letras, da Faculdade de Artes e Letras, da Universidade da Beira Interior.

As tradições lendárias e míticas, memória de memórias, testemunhando não a exactidão dos factos lembrados mas as conjunturas culturais em que surgiram, ou em que foram sendo transmitidas de boca a ouvido, reinventadas ao longo dos tempos, num longo processo de descoberta, valorizam a cultura local, dão voz às pessoas simples e humildes do povo, e podem constituir um importante recurso para enriquecerem as atracções turísticas de territórios marcados pela desertificação e interioridade.

Por ser uma herança colectiva, o património oral a todos diz respeito e a todos deveria interessar. Enquanto cidadãos activos e intervenientes temos o dever e a obrigação de preservar e conhecer, descobrir e olhar para os velhos baús de memórias orais que são os nossos antepassados. As antiquíssimas recordações colectivas, que nos chegam, são-nos transmitidas pelas vozes suaves e melancólicas dos idosos, personagens extraordinárias, sentadas nas velhas pedras das praças, nas escadas dos típicos balcões ou nas soleiras das portas das casas populares, e dão vida às aldeias e vilas da raia perdida.

As nossas memórias pessoais, notas de campo e registos nos diários, apesar de subjectivas -nesta observação participante - completaram informações e enriqueceram conhecimentos. Na presente investigação, acabámos por ter um papel duplo, de observador e de participante. Tendo presente os riscos da subjectividade, consideramos ser um autêntico desafio investigar factos que nos são próximos. Apesar do risco de não conseguirmos transmitir de forma isenta o nosso olhar sobre os factos, consideramos importante dar a conhecer a nossa experiência e o nosso trabalho, porque foi concretizado em prol do bem comum, salvaguardando património, preservando memórias colectivas e permitindo descobrir, partilhar e valorizar memórias da literatura oral da raia, sendo um verdadeiro contributo para a preservação dos contos, lendas, crenças e superstições de Penha Garcia.

No âmbito da presente dissertação apresentam-se propostas com estratégias de valorização e divulgação do património oral na Rota dos Fósseis do Parque Iconológico de Penha Garcia, integrado no Geoparque Naturtejo, incluído na Rede Europeia Global de Geoparques da Unesco, desde Setembro de 2006.

Reconhecendo-se a importância de todos os contributos que possam ser dados na área da valorização do património cultural, material ou imaterial, acreditamos que este estudo poderá levar a uma reflexão mais profunda sobre o papel das associações de defesa do património das comunidades, das instituições e entidades locais no que toca ao levantamento e preservação das memórias da tradição oral, motivando novas interrogações e despertando posteriores estudos nesta área.

Palavras-Chave: Património, Lendas, Imaginário, Cultura Popular, Crenças, Rezas e Superstições, Literatura Oral Tradicional, Parque Iconológico Penha Garcia, Geoparque Naturtejo.

RÉSUMÉ

Cette étude s'inscrit dans le contexte d'une étude de recherche effectuée pour le Master d'Études Ibériques dans le domaine des littératures orales et Outsiders, ayant comme référence le Ministère de la Culture, le Collège des Arts et des Lettres, et l'Université de Beira Interior.

Les traditions et les légendes, les mythes, "Memory of Memories", le témoignage, non pas l'exactitude des faits rappelés, mais les conjonctures culturelles dans lesquelles ils sont apparus ou ont été transmis de bouche à oreille et réinventés au fil du temps, dans un long processus de découverte, de respects pour la culture locale, donnant la parole aux gens simples et humbles, tout cela représente une ressource importante pour enrichir du point de vue culturel et même touristiques, des territoires marqués par la désertification et l'isolement.

Le patrimoine collectif, la tradition orale concernent tout le monde et tout le monde devrait s'intéresser aux derniers vestiges qui restent. Les citoyens actifs aussi bien que les institutions ont le devoir et l'obligation d'apprendre, de découvrir et regarder les vieux bahuts de mémoires orales que sont nos ancêtres. Ils préservent des mémoires anciennes et collectives, transmises par la voix toujours douce et mélancolique des personnes âgées. Ce sont eux les personnages extraordinaires, qui étaient assis dans les vieilles rues en pierre, sur les marches comme des conteurs classiques, au seuil des portes des vieilles maisons, ce qui faisait survivre les villages et les villes. Ces lieux seront oubliés ou, à tout jamais, perdus.

Nos souvenirs, nos notes prises sur le terrain dans des dossiers, des cahiers de bord personnels, malgré l'effort d'une capacité d'«observation participante» subjective, le fait est que toute information complète est toujours plus riche en connaissance. Dans cette recherche, nous assumons donc un double rôle, celui de «l'observateur aussi bien que celui du participant ». Conscients des risques de subjectivité, envisager cette recherche est effectivement un véritable défi pour enquêter sur les faits qui à venir. Malgré les risques, nous ne pouvons pas exprimer notre chemin sans regarder les faits, nous considérons qu'il est important d'informer sur notre expérience et sur notre étude, car elles ont été incorporées dans le bien commun, le patrimoine sauvé et préservé permet de conserver des souvenirs collectifs, de découvrir, de partager et de Valoriser les mémoires de la littérature orale de la région de la Raia. Ceci est une véritable contribution pour la préservation des Contes et Légendes, des Croyances et des Superstitions de Penha Garcia. le cadre de cette thèse nous présentons des stratégies qui visent à exploiter et à diffuser le patrimoine oral en rapport avec le patrimoine fossile des parcours du Parc ichtnologiques de Penha Garcia, intégré dans le Géo Parc Nature-Tejo qui est inclus dans le réseau européen et mondial des Géo parcs de l'UNESCO, depuis septembre 2006.

Reconnaissant l'importance des contributions qui peuvent être faites dans le domaine de l'évaluation du patrimoine culturel, matériel ou immatériel, nous pensons que cette étude pourrait conduire à une réflexion plus approfondie sur le rôle des associations de défense du

patrimoine, des collectivités, des autorités locales et des institutions de l'enquête. La préservation des souvenirs de la tradition orale devrait motiver de nouvelles questions et éveiller de nouvelles études dans ce domaine.

Mots-clés: patrimoine, légendes, prières imaginaire, la culture populaire, croyances et superstitions, la littérature orale traditionnelle, Ichnologiques Parc Penha Garcia, Géoparc Nature-Tejo

ÍNDICE DE FIGURAS E INFORMANTES

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 Mapa de Portugal continental.....	47
Fig. 2 Mapa dos concelhos do distrito de Castelo Branco.....	47
Fig. 3 Mapa do concelho de Idanha-a-Nova destacando-se o território da freguesia de Penha Garcia.....	47
Fig. 4 “Ronda” nas ruas de Penha Garcia com o “Ti” Gago.....	51
Fig. 5 “Ti” Moreira a tocar a viola beiroa.....	52
Fig. 6 “Ti” Chitas a tocar adufe nos rochedos de Penha Garcia.....	53
Fig. 7 “Ti” Emília Cota com adufe.....	55
Fig. 8 “Ti”Gracinda Nabais na entrada do forno da Porta da Vila.....	57
Fig.9 Grupo Etnográfico “ Os Garcias” representando os sacrifícios do pão.....	58
Fig. 10 “Ti” Gracinda Nabais no colóquio “República, Memória e Tradição”.....	58
Fig. 11 Vista geral da Vila de Penha Garcia.....	61
Fig. 12 Fragas de Penha Garcia, onde se encontra localizado o Parque Iconológico.....	64
Fig. 13 Conjunto arquitectónico da Praça do Pelourinho de Penha Garcia.....	65
Fig. 14 Antiga Igreja de St ^a Maria, cujas raízes se perdiam nas origens da Vila.....	66
Fig. 15 Quadro representando a lenda do D. Garcia	68
Fig. 16 A gente simples e boa de Penha Garcia	69
Fig.17 Imagens da “Maia” (esquerda) e da Marafona (direita)	71
Fig.18 O “Diébe” no imaginário popular em noites de Lua “tcháia”	75
Fig. 19 “Ti”Catarina d’Avó, nasceu em Penha Garcia e faleceu com 111 anos.....	76
Fig. 20 Imagem representando o “lob’somem”	79
Fig. 21 Imagem da bruxa voando na vassoura, nas noites de Lua “tchaia”.....	81
Fig. 22 Imagem antiga com vista geral dos moinhos de Penha Garcia	85
Fig. 23 “Ti” Catarina d’avó	88
Fig. 24 Representação das rezas durante as Conferências “Entre o Sagrado e o Profano”.....	89
Fig. 25 Mesa com objectos e utensílios das rezas.....	90
Fig. 26 Saltando a fogueira do São João “defumadouro”	98
Fig. 27 Grupo Etnográfico “Os Garcias” e fogueiras de São João.....	100
Fig. 28 “Ti” Alice com elementos do grupo etnográfico “ Os Garcias”	101
Fig. 29 Mulheres de Penha Garcia beijando as pedras das ruas.....	107

LISTA DE INFORMANTES

(Freguesia de Penha Garcia)

. Informador nº 1: Felismina Careiro

Naturalidade: Penha Garcia

Idade: 80

Habilitações literárias: Analfabeta

Local da recolha: Penha Garcia

Ano da recolha: 1986 / Colector: Américo André

. Informador nº 2: “Ti” Catarina “d’avó”

Naturalidade: Penha Garcia

Idade: 90

Habilitações literárias: Analfabeta

Local da recolha: Penha Garcia

Ano da recolha: 1987 / Colector: Américo André

. Informador nº 3: “Ti Zé da Véstia”

Naturalidade: Penha Garcia

Idade: 85

Habilitações literárias: Analfabeto

Local da recolha: Penha Garcia

Ano da recolha: 1986 / Colector: Américo André

. Informador nº 4: “Ti” Carrasca

Naturalidade: Penha Garcia

Idade: 83

Habilitações literárias: Analfabeta

Local da recolha: Penha Garcia

Ano da recolha: 1980 / Colector: Américo André

. Informador nº5: “Ti” Emília Cota

Naturalidade: Penha Garcia

Idade: 70

Habilitações literárias: Analfabeta

Local da recolha: Penha Garcia

Ano da recolha: 1990 / Colector: Américo André

. Informador nº6: “Ti Chitas”

Naturalidade: Penha Garcia

Idade: 77

Habilitações literárias: Analfabeta

Local da recolha: Penha Garcia

Ano da recolha:1987/ Colector: Américo André

. Informador nº 7: “Ti Haizé”

Naturalidade: Penha Garcia

Idade: 75

Habilitações literárias: Analfabeto

Local da recolha: Penha Garcia

Ano da recolha:1988 / Colector: Américo André

. Informador nº8: “Ti”Assunção

Naturalidade: Penha Garcia

Idade: 74

Habilitações literárias: Analfabeta

Local da recolha: Penha Garcia

Ano da recolha:1983 / Colector: Américo André

. Informador nº9: “Ti” Gracinda Nabais

Naturalidade: Penha Garcia

Idade: 87

Habilitações literárias: Analfabeta

Local da recolha: Penha Garcia

Ano da recolha:2010 / Colector: Américo André

. Informador nº10: “Ti Lérias”

Naturalidade: Penha Garcia

Idade: 75

Habilitações literárias: Analfabeto

Local da recolha: Penha Garcia

Ano da recolha:1990 / Colector: Américo André

. Informador de Rezas nº 11: Anónimo

Naturalidade: Penha Garcia

Idade: 90

Habilitações literárias: Analfabeto

Local da recolha: Penha Garcia

Ano da recolha:1998 / Colector: Américo André

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	IV
RESUMO.....	V
RÉSUMÉ.....	VI
ÍNDICE DE FIGURAS.....	VIII
LISTA DE INFORMANTES.....	IX
ÍNDICE GERAL.....	XI
CAPÍTULO I	13
1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Âmbito e Objectivos da Dissertação.....	13
1.2 Objecto de Estudo.....	15
1.3 Questões de Partida.....	15
1.4 Contexto da nossa Observação e Participação.....	16
1.5 Metodologia Seguida.....	18
1.6 Estrutura da Dissertação.....	20
CAPÍTULO II	21
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	21
2.1 A Literatura Oral.....	21
2.2 Recolhas “Memórias da Tradição Oral”.....	25
2.3 A Identidade Cultural.....	26
2.4 A Evolução do Conceito de Património.....	29
2.5 O Património na Legislação.....	33
2.6 Património Turismo e Desenvolvimento Local.....	39
CAPÍTULO III	47
3. CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO	47
3.1 PENHA GARCIA: TERRA E GENTES.....	47
3.1.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E SOCIAL.....	47
3.1.1.1 O Associativismo Local.....	48
3.1.1.2 As Personagens Históricas.....	50
3.1.1.3 “Ti” Gago.....	50
3.1.1.4 “Ti” Moreira.....	51
3.1.1.5 “Ti” Chitas.....	53
3.1.1.6 “Ti” Emília Cota.....	55
3.1.1.7 “Ti” Gracinda Nabais.....	56
3.1.2 PENHA GARCIA NA HISTÓRIA E NA LENDA.....	61
3.1.2.1 As Origens Históricas da Vila.....	61
3.1.2.2 A Lenda do D. Garcia.....	67
3.1.2.3 O Povo da Raia.....	69
3.1.2.4 O Culto da “Maia”.....	70
CAPÍTULO IV	72
4. BREVE APRESENTAÇÃO DO <i>CORPVS</i>	72
4.1 “ <i>AGOURES DO MUNDE NIM CRÂ-LOS NIM ‘SPRIMENTÁ-LOS’</i> ”.....	74
4.1.1 OS MEDOS.....	75
4.1.1.1 O “Diébe”.....	75
4.1.1.2 O Fatchó: “Diébe ‘Spanhol’”.....	76
4.1.1.3 A “Boa-hora” e a “Má-hora”.....	77
4.1.1.4 A “Diabolca”.....	78
4.1.1.5 A Lenda do “Ai qu’farê”.....	78

4.1.1.6 Os “Lob’somens”	79
4.1.1.7 O “Lob’somem” da Porta da Vila.....	80
4.1.1.8 As Bruxas.....	81
4.1.1.9 A Bruxa “Arranhéda”.....	82
4.2 PARTES “D’VIDA”.....	84
4.2.1 Parte do “Ti Zé” do Moinho.....	84
4.2.2 Parte do “Ti Haizéi”.....	86
4.2.3 Parte da “Ti” Carrasca.....	86
4.2.4 Parte do “Ti Zé da “Véstia”.....	87
4.2.5 Parte da “Ti” Catrina “D’Avó”.....	87
4.3 REZAS E BENZEDURAS.....	88
4.3.1 Reza “Pra Trér” o Bruxâde”.....	92
4.3.2 Reza “P’rás Cousas Perdidas “.....	93
4.3.3 Reza “P’rás Travoédas”.....	94
4.3.4 Reza “P’rás Quêmadelas”.....	95
4.3.5 Reza “P’rós Cobrões”.....	95
4.3.6 Reza “P’ra Eris’pela”.....	96
4.3.7 Reza “P’ra Curér Cabrita e Farpão”.....	96
4.3.8 Reza “P’rá Massa do Pão”.....	97
4.4 CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES DO SÃO JOÃO.....	98
4.4.1 São João “Casamenteire”.....	99
4.4.2 Os “Donzâles”.....	99
4.4.3 A “Erva dos Amores”.....	100
4.4.4 “Trér o Olhe à Fonte”.....	100
4.4.5 “Fazâr os Namorades”.....	101
4.4.6 As Folhas “D’Ólvêira Cor D’vile “.....	102
4.4.7 Partir o “Ove”.....	103
4.4.8 “ Entregué o Sone D’ane”.....	103
4.4.9 “Assualher as Roupas”.....	103
4.4.10 “Crienças Cobradas”.....	104
4.4.11 “Róber os Vases”.....	104
4.5 TRADIÇÕES, COSTUMES E SUPERSTIÇÕES.....	104
4.5.1 O “intrude” nas Terras da Raia.....	104
4.5.2 O Encomendar das Almas.....	107
4.5.3 Superstições do Quotidiano.....	110
CAPÍTULO V	113
5. VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO LITERÁRIO ORALTRADICIONAL	113
5.1 Estratégias Desenvolvidas na Valorização do Património Oral.....	113
5.2 Propostas com Estratégias de Valorização e de Divulgação da Literatura Oral Tradicional a Promover na Rota dos Fósseis do Parque Iconológico de Penha Garcia Integrado no Geopark Narturtejo.....	115
NOTAS CONCLUSIVAS	119
GLOSSÁRIO DE TERMOS LINGUÍSTICOS	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
ANEXOS	132

Capítulo I

1. Introdução

“Temos obrigação de salvar tudo aquilo que ainda é susceptível de ser salvo, para que os nossos netos, embora vivendo num Portugal diferente do nosso, se conservem tão portugueses como nós e capazes de manter as suas raízes culturais mergulhadas na herança social que o passado nos legou.”

Jorge Dias ¹

Envolver as comunidades, as instituições locais e nacionais, na descoberta, partilha e valorização da cultura local, é objectivo fundamental para a manutenção e salvaguarda do património cultural de um povo, seja ele de natureza tangível ou intangível. A preservação do património cultural imaterial, cuja recolha, investigação e sustentabilidade são hoje prioridades para os organismos nacionais e internacionais, merece o apoio da UNESCO.

O património imaterial começa a espelhar-se e a reflectir-se cada vez mais na concretização de encontros, seminários e conferências, resultante de algumas campanhas por parte da comunicação social sobre este património. Este interesse deve-se à Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003), que o Estado português ratificou e que entrou em vigor no nosso país em Agosto de 2008.

Todos os povos do mundo, bem como as comunidades locais, deviam ser alertados, sensibilizados e motivados para divulgarem, valorizarem e conservarem os testemunhos dos seus antepassados, nomeadamente nas suas memórias orais, reproduzidas nos contos, lendas, crenças, usos e costumes, tradições e superstições.

As tradições lendárias ou míticas, memória de memórias, testemunhando, não a verdade dos factos recordados, mas as conjunturas culturais em que surgiram ou em que foram sendo transmitidas da boca para o ouvido e reinventadas ao longo dos tempos, num processo de (re)descoberta permanente, valorizam a cultura local, dão voz às pessoas simples e humildes, e podem constituir um importante recurso para enriquecerem atracções turísticas nos territórios mais pobres, marcados pela desertificação e interioridade.

Apesar de poder existir algum receio ou mesmo pavor de que o turismo possa prejudicar o património local, consideramos que estes mesmos medos podem despertar nas populações e nas instituições uma motivação maior para a preservação dos seus bens culturais. O turismo cultural terá uma pendor tanto mais vigoroso quanto maior for a preocupação e dinâmica relativa à recolha dos elementos da cultura local que a diferenciam. A sua recolha, divulgação e valorização contribuirão como chamariz, quer para o bem patrimonial imaterial, quer para o território em que se inscreve. Caso contrário, os turistas deixariam de visitar estas

¹ Cf. http://www.folclore-online.com/frases_citacoes/index.html. Consultado em 29/09/2012.

regiões raianas, profundamente marcadas pelo isolamento, pela interioridade e pela desertificação dos mesmos territórios que se mantêm todavia repletos de tesouros, misteriosos e curiosos, nomeadamente no que respeita às memórias orais de tradição popular.

Constatamos também que, estando a economia cada vez mais globalizada, surge a necessidade de pensar-se na relação entre turismo, património literário oral e desenvolvimento local. Identificando e analisando de que forma a literatura oral popular pode enriquecer e valorizar as ofertas das atrações turísticas viabilizaremos, simultaneamente, a sua preservação e a sua divulgação por intermédio do turismo cultural.

1.1 Âmbito e Objectivos da Dissertação

O presente estudo surge no âmbito do trabalho de investigação realizado para obtenção do grau de Mestre em Estudos Ibéricos na área das Literaturas Oraís e Marginais, no Departamento de Letras, da Faculdade de Artes e Letras, da Universidade da Beira Interior.

O estudo intitulado “Descobrir, Partilhar e Valorizar Memórias da Literatura Oral da Raia: Contributos para a Preservação dos Contos Lendas, Crenças e Superstições de Penha Garcia” tem, pois, natureza académica, limitando-se o campo da investigação ao estudo de algumas riquezas do vastíssimo e valioso património literário oral existente na região raiana, recolhido por nós enquanto jovem, fundador e dirigente da Associação de Defesa do Património Cultural e Natural de Penha Garcia, desde a sua fundação, ocorrida em 1987² até à presente data.

O nosso trabalho pretende, assim, analisar o percurso da colectividade e avaliar os seus contributos na defesa do património oral de Penha Garcia. Simultaneamente temos como objectivos:

- . Elaborar um *corpus* com algumas das recolhas inéditas existentes nos arquivos da colectividade, dando-se a conhecer neste estudo contos, lendas, crenças e superstições da comunidade de Penha Garcia.

- . Apelar para uma herança colectiva que a todos deverá interessar no que toca à sua preservação enquanto cidadãos activos e intervenientes nas comunidades.

- . Apresentar propostas com estratégias de valorização e divulgação da literatura oral tradicional a promover na Rota dos Fósseis do Parque Iconológico de Penha Garcia³, integrado no Geoparque Naturtejo⁴ da Meseta Meridional, pertencente à rede Europeia e Global de Geoparques da UNESCO.

1.2 Objecto de Estudo

² Data oficial da constituição jurídica da colectividade após um longo período de intervenções no levantamento, defesa e preservação do Património Local.

³ É um dos dezasseis geomonumentos do Geopark, classificado como Imóvel de Interesse Municipal ao abrigo da Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro.

⁴ O Geopark Naturtejo foi aprovado em 26 de Julho de 2006, como o primeiro geoparque português, passando a fazer parte da Rede Europeia de Geoparques (REG). Integrou em 20 de Setembro de 2006 a Rede Global de Geoparques (RGG).

A Associação de Defesa do Património Cultural e Natural de Penha Garcia (ADPCNPG) é uma associação juvenil, sem fins lucrativos, fundada e legalizada em 1987. Tem a sua sede social na freguesia de Penha Garcia e desenvolve a sua actividade no território do concelho de Idanha-a-Nova.

Tem como objectivos a recolha dos elementos e valores do património cultural, natural e etnográfico de Penha Garcia assim como a promoção e divulgação de actividades envolvendo a colaboração e a participação da comunidade, que visem um desenvolvimento local, no respeito pelos valores patrimoniais e culturais existentes.

Possui o estatuto legal de uma organização não-governamental de ambiente, de âmbito local, estando registada no Instituto de Ambiente (como ONG), e de Associação Juvenil fazendo parte do Registo Nacional das Associações Juvenis (RNAJ). Está igualmente inscrita na Fundação INATEL como Centro de Cultura e Recreio (CCR).

Rege-se por estatutos e regulamento Interno devidamente aprovados e a sua actividade e organização assentam no voluntariado dos seus associados que, de quatro em quatro anos, elegem em assembleia-geral os órgãos sociais.

A ADPCNPG desenvolve actividades muito diversificadas que passam pela recolha, valorização e divulgação da cultura popular local. Esta associação pretende, em concreto, executar projectos educativos, de sensibilização ambiental e cultural, assim como organizar acções de intervenção nas áreas do património histórico material e imaterial, nomeadamente na preservação das memórias orais e marginais, existentes na cultura popular. Procura, ainda, manter uma vigilância atenta e uma intervenção activa perante as ameaças e agressões que envolvam os diversos patrimónios (material e imaterial) do território.

1.3 Questões de Partida

Os contos tradicionais assim como as lendas, as crenças e as superstições locais, para além de constituírem uma riqueza cultural são uma grande fonte de sabedoria e de conhecimento do nosso povo.

Apesar das convenções internacionais relativas ao património imaterial, duvidamos que esteja verdadeiramente a ser assegurada a sua preservação.

Que memórias deixamos às gerações futuras?

Com o presente estudo esperamos contribuir para um melhor conhecimento do papel das associações na recolha, estudo, preservação e valorização do património histórico-cultural.

Esperamos igualmente fomentar o interesse e apelar à participação e ao envolvimento das comunidades locais nas acções e nas intervenções concretizadas no território, ao longo dos anos.

Reconhecendo-se a importância de todas as colaborações que possam ser dadas na área da valorização do património cultural, material e imaterial, esperamos que os contributos que

este estudo possa trazer despertem olhares e incitem a uma reflexão mais profunda sobre o papel das associações, comunidades e entidades locais, na defesa e preservação do património das nossas terras.

1.4. Contexto da nossa Observação e Participação

A nossa opção e motivação pelo presente estudo reflectem, simultaneamente, dois gostos: por um lado, o interesse pelo levantamento e estudo das recolhas etnográficas, registando, partilhando e valorizando a literatura oral tradicional, por outro lado, o carinho pelas raízes que nos ligam pessoalmente ao território e a tudo o que a ele diz respeito.

A escolha da temática em estudo decorre, por sua vez, dos nossos sonhos, das experiências vividas e sentidas no quotidiano. Da reflexão que ao longo dos anos temos feito acerca da importância do levantamento e da necessidade urgente de se recolher, preservar, valorizar e divulgar as memórias orais tradicionais através de acções concretas, nos territórios, envolvendo as comunidades, as associações, as escolas e as entidades locais, num verdadeiro clima de parcerias úteis, harmoniosas e práticas e não do tipo “*Santos da porta não fazem milagres*”.

Todo o nosso percurso profissional enquanto docente⁵, historiador, investigador e dirigente associativo é pautado por um profundo interesse e empenho no conhecimento das temáticas relacionadas com a história local, a etnografia e o património histórico-cultural seja ele de natureza tangível ou intangível e recentemente marcado por um despertar para a descoberta, conhecimento, estudo e valorização da literatura oral e marginal do nosso povo.

Com participação activa e envolvimento na vida cultural do território, desde a juventude até aos dias de hoje, não podemos deixar de informar e esclarecer as nossas ligações a Penha Garcia. As nossas raízes prendem-se, ligam-se e enraizaram-se nos misteriosos e admiráveis rochedos de Penha Garcia. Nascemos e crescemos junto das penhas do D. Garcia, numa época em que a Vila assistia diariamente ao desaparecimento dos homens da terra que, um a um iam integrando a cruzada e a grande aventura do “*salte p’rá França*”, transportando o “*retrate rasgade*”⁶ nos bolsos rotos das calças de “*sarrubeco*” ou na bolsa de chita mapeada de remendos que carregavam nos ombros descaídos e onde baloiçava um naco de côdea de pão centeio, “*nâgre e dure qu’nem cornes*”.

⁵ Docente do Grupo 400 História no Agrupamento de Escolas de S. Vicente da Beira - Alcains. Professor em regime de voluntariado na Universidade Sénior Alcastrense (Usalbi) leccionando as cadeiras de História, Património e Genealogia - História da Família.

⁶ “*retrate rasgade*”. Na época do “*salte p’rá França*” era costume para segurança dos homens, quando estes partiam em “*bandes*” fazendo parte de pequenos ou grandes grupos, rasgarem uma fotografia. Um pedaço ficava com o homem que partia e a outra parte ficava com a mulher. Quando chegavam a França este devolvia por correio a metade da fotografia à mulher e esta pagava a segunda parte do dinheiro do preço combinado com o “*passador*” de homens. Conforme nos foi contado e explicado pelo nosso pai que viveu todas estas aventuras.

Ao lembrar dolorosamente os tempos da nossa infância não podemos deixar de dar a conhecer um pequeno pedaço do testemunho inédito que nos foi transmitido pelo penhagarcense, Manuel Robalo, poeta e escritor, do qual transcrevemos o seguinte excerto:

“ Numa casinhota coberta de colmo mais tarde substituído por telha de canudo, construída com pedra e barro pelo meu pai, para a qual se entrava por uma porta de metro e meio de altura, nasci e me criei, assim como mais sete irmãos [...] O pouco espaço que ocupava a casa e uma cabana onde acomodávamos um burro e uma cabra, tinha sido cedido pela minha avó materna que, mais tarde por sua morte veio a pertencer à minha mãe.

Nesta pequena e pobre casa consegui meu pai com os seus esforços trazendo um pau daqui um sarrafo de acolá engendrar dois pequenos quartos, onde à noite pudésemos dormir numa enxerga de palha em cima de quatro tábuas. Num dos quatro cantos que servia de cozinha sentávamo-nos em tropeços de cortiça, nas frias noites de inverno, em redor da lareira, de pés descalços gretados pelo frio. Era um canto escuro alumiado pela luz fosca de uma candeia de petróleo, impregnada de fumo e fuligem que o tornava em triste calvário das nossas lamentações. Quando a noite caía, ali nos acomodávamos amornando-nos com a tepidez do fogo crepitante da lareira ouvindo histórias, de pessoas atacadas pelos lobos, de mouras encantadas ou de almas do outro mundo [...] Enquanto a minha mãe se atarefava sobre uma velha panela de ferro, com três pernas, onde borbulhava o tradicional caldo de couves com feijão-frade, para a ceia, íamos mordicando alguma côdea de pão centeio, que havia três ou quatro dias tinha ficado esquecida dentro de alguma gaveta [...].⁷

Esta época de pobreza, de desespero e de isolamento foi dando origem a tempos de abundância, progresso e desenvolvimento. Os que partiram regressaram à terra e com o dinheiro acumulado, “lá fora”, ao longo dos anos, com sacrifício, desespero e muita saudade, construíram a casa dos seus sonhos. Na Vila surgiram novas modas, estranhos gostos e outras formas de construir, viver e sentir. Rasgaram-se estradas, caminhos e construiu-se uma grande barragem na garganta do Ponsul que engoliu e arruinou a velha azenha e os moinhos do rio.

O progresso começou a descaracterizar o território da freguesia e colocou em risco o património cultural, natural e etnográfico da antiga Vila. Salientamos e lembramos alguns dos muitos atentados contra as memórias das antigas gerações que fizeram e marcaram a história da povoação. Destruíu-se a antiquíssima Igreja de St^a Maria do Castelo, para dar lugar a um novo e amplo templo, descaracterizado e sem arte; derrubou-se o velho cemitério para dar lugar a um amplo largo à entrada da Vila, onde foi colocado um carro de combate, diga-se “tanque de guerra”, ao lado de um parque infantil; as antigas capelas, românicas e góticas, lugares sagrados, de culto e de ritos imemoráveis encontravam-se em ruínas que “brédévam aos céus” ou “sârviam de palhêre”. As antigas tabernas onde o velho “Ti” Moreira afiava as unhas “sfarrapande” a velhinha viola beiroa, acompanhando nas desgarradas e nos cantares ao desafio o “Ti Gago”, onde se “joguéva” à raiola ou se narravam pedaços de “s’tórias d’vida”, façanhas de contrabandistas ou proezas do “Ti” Artur, o “spertalhão” e velho barbeiro que num gesto arrojado e de afronta ao médico de Monsanto, metera sangue de cabrito no “rai do Ti Artolas”, “salvande o malvéde d’morte certa”, deram lugar aos modernos cafés.

⁷ Coleção de documentos escritos depositados pelo autor no arquivo André de Garcia. Consultado em 25/09/2012.

As rondas deixaram de ouvir-se nas ruas da velha praça e as ferraduras dos “lob’somens” nas noites de “lua tchâia” já não “detam tchispas de lume” nas velhas calçadas de pedra, das ruas sinuosas da vila.

A arquitectura tradicional que não conheceu mão de arquitecto ou de engenheiro, mas sim o gosto popular de cada geração, estava em perigo na praça medieval do pelourinho, o coração da terra, e corria o risco de desaparecer para sempre, dando lugar a modernas casas descaracterizadas, sem arte e de gosto duvidoso.

Foi neste contexto que se fez sentir a nossa acção, intervenção e envolvimento na árdua e ingrata tarefa de promover, sensibilizar e alertar, tudo e todos, para a defesa, recolha e preservação dos valores culturais da antiga sentinela da pátria que “pertilinha” do Erges observa, “s’preita” e guarda o reino de Espanha. Segundo o velho ditado popular de “Spâna nim bom vente, nim bom casamente” mas, em Penha Garcia os laços de proximidade criados com os “hermanes ‘spanhóis” eram muito fortes e o povo nas cantigas da terra cantava:⁸

<i>Esta moda é cá nova</i>	<i>S’nhora do Almortão</i>
<i>No reine d’ Portugale</i>	<i>Minha tâ linda raiana</i>
<i>Ca traxe o nosse ranche</i>	<i>S’tais na raia d’ Castela</i>
<i>No laçe do aventale</i>	<i>Sandes mâia castelhana</i>

Quando se zangavam as “comadres” cantavam “no querais sâr castelhana”⁹

1.5 Metodologia Seguida

O trabalho de investigação que apresentamos insere-se num estudo de caso exploratório e descritivo, que justifica uma metodologia qualitativa, uma vez que pretendemos conhecer, compreender e interpretar uma dada realidade.

Segundo Carmo e Ferreira (1998) o investigador:

*“Deverá definir o problema de investigação, o qual será com frequência proveniente da sua própria experiência ou de situações ligadas à sua prática e de seguida formulará as questões de investigação na tentativa de compreensão dos acontecimentos”.*¹⁰

Na presente investigação recorreremos à metodologia etnográfica e a procedimentos que envolveram a utilização de técnicas de análise bibliográfica, análise documental, diálogos

⁸ Versos anónimos do povo cantados na romaria da Sr^a do Almortão tal como em muitas outras romarias do território raiano substituindo-se apenas o nome da Senhora, “Santa” da romaria. Ouviam-se também nos cantares ao desafio, nas rondas e nas desgarradas. Recolhas escritas por nós efectuadas e depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 20/09/2012.

⁹ Conforme nos contou a nossa informante e avó “Ti”Felismina. Recolhas escritas depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 24/09/2012.

¹⁰ HERMANO Carmo; FERREIRA, Manuela Malheiro. (1998). Metodologia da Investigação. Guia para auto-aprendizagem. Universidade Aberta. Lisboa, p.217.

informais, observação directa e indirecta e a utilização de fontes de dados não escritos (depoimentos orais).

Para delimitar o tema e os conceitos do estudo procedemos a consultas bibliográficas relacionadas com a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Linguística, a Etnografia, a Etnologia e a História, nomeadamente os campos relacionados com a história e a cultura local.

Para caracterizarmos o território onde se enquadram os levantamentos das memórias orais incorporadas nesta investigação, elaboramos uma breve exposição das características geográficas da região e da população local, recorrendo a informações estatísticas do INE e aos dados do Diagnóstico Social do Município de Idanha-a-Nova, de 2005.

A pesquisa documental ajudou-nos a recolher informações e a classificar o trabalho concretizado por nós na associação, objecto do nosso estudo. Consultamos também diversa documentação, produzidos pelos órgãos sociais, nomeadamente planos e projectos de actividades, estudos e relatórios diversos. Recorremos também à consulta de jornais e a diálogos informais para esclarecermos pormenores ou informações sobre acontecimentos que a nossa memória esqueceu.

Tendo em conta que fizemos parte do grupo de jovens fundadores da colectividade e que participámos activamente nos seus órgãos sociais, como presidente da direcção, desde a fundação em 1987 até 2010 e fomos responsáveis pela organização de exposições, colóquios e eventos em colaboração com a comunidade e em parceria com as entidades locais recorremos também ao nosso próprio conhecimento dos factos ocorridos no tempo.

As nossas memórias, notas de campo e registos nos diários pessoais, apesar de subjectivas nesta observação participante, completam informações e enriquecem conhecimentos.

Reconhecemos contudo que na presente investigação acabámos por ter um papel duplo, o de observador e ao mesmo tempo de participante. Tendo presente os riscos da subjectividade focados, por exemplo, por Iturra (1990)¹¹ e (Portela 1985)¹² consideramos, na verdade ser um autêntico desafio investigar factos que nos são próximos. Apesar do risco de não conseguirmos transmitir de forma isenta, o nosso olhar (dentro e fora), sobre os factos vivenciados e presenciados consideramos importante dar a conhecer a nossa experiência e o nosso trabalho, porque foi concretizado em prol do bem comum, salvaguardou património, preservou memórias colectivas e permitiu descobrir, partilhar e valorizar memórias da literatura oral da raia.

¹¹ ITURRA, Raúl. (1987). Trabalho de Campo e Observação Participante em Antropologia. In SILVA, Augusto & PINTO, José (Orgs). Metodologia das Ciências Sociais. Edições Afrontamento. Porto, pp.149-163.

¹² PORTELA, José. (1985). Observação Participante: Reflexão sobre uma Experiência. Cadernos de Ciências Sociais, nº 3, pp.157-176.

1.6 Estrutura da Dissertação

A dissertação está organizada em cinco capítulos, dos quais se apresenta seguidamente uma breve síntese.

No primeiro capítulo, INTRODUÇÃO, fazemos o enquadramento geral e justificamos o tema da investigação, apresentamos os objectivos da dissertação e o objecto de estudo, assim como as questões de partida. Explicamos também o contexto da nossa observação e participação no estudo, bem como a metodologia utilizada.

No segundo capítulo, ENQUADRAMENTO TEÓRICO, apresentamos o quadro teórico que sustenta o trabalho de investigação onde são abordados temas e analisados conceitos relacionados com a Literatura Oral, as Recolhas Etnográficas, a Identidade Cultural, a Evolução do Conceito de Património, o Património na Legislação e a complicada relação entre Património Turismo e Desenvolvimento Local.

No terceiro capítulo, CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO, fazemos uma caracterização sintetizada do território que serve de base ao estudo de caso. Apresentamos os temas Penha Garcia: Terra e Gentes, Enquadramento Geográfico e Social e Penha Garcia na História e na Lenda, onde damos a conhecer o dinamismo do associativismo local, personagens históricas que se destacaram e destacam na comunidade e as origens da Vila, na história e na lenda.

Seguidamente, no quarto capítulo, APRESENTAÇÃO DO CORPVS MEMÓRIAS DA LITERATURA ORAL DE PENHA GARCIA apresentamos uma breve abordagem fonética, morfológica sintáctica e estilística da linguagem transcrita no *corpus* e damos a conhecer recolhas etnográficas onde são divulgados alguns dos muitos temas relacionados com os “*agoures do munde nim crâ-Los nim ‘sprimentá-Los*”. Apresentamos e identificamos os medos, damos conhecimento de algumas partes “*d’vida*”, abordamos as rezas e benzeduras, as crenças do São João e algumas das tradições locais relacionadas com o “*intrude*” nas terras da raia, o encomendar das almas e as superstições no quotidiano, identificadas recolhidas e preservadas em Penha Garcia.

No quinto capítulo, ESTRATÉGIAS DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO LITERÁRIO ORAL TRADICIONAL DE PENHA GARCIA, Identificamos acções e estratégias na recolha, valorização e divulgação do património imaterial e apresentamos propostas com estratégias de recolha, preservação e valorização da literatura oral tradicional a materializar na Rota dos Fósseis no Parque Iconológico de Penha Garcia, integrado no Geoparque Narturtejo.

Nas NOTAS CONCLUSIVAS procuramos reflectir sobre os dados, tendo em conta o quadro teórico estabelecido e a observação empírica, destacando as diversas questões e os pontos mais marcantes que ressaltam na recolha, preservação e valorização do património oral do território raiano. E por fim apresentamos um Glossário de termos linguísticos, por nós elaborado, com palavras e expressões populares utilizadas no presente trabalho. Na parte final do estudo apresentamos a Bibliografia e os Anexos.

CAPITULO II

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 A Literatura Oral

Ao longo dos tempos surgiram nas regiões dos diversos continentes, histórias e lendas criadas pelos povos que eram depois contadas e recontadas de geração em geração. Essas histórias e lendas anónimas, com raízes na cultura popular e transmitidas oralmente, fazem hoje parte da literatura oral popular e tradicional. Saraiva (1950) refere:

“Depois de ouvir a história do santo da festa e dos seus milagres, contada pelos pregadores, o camponês das romarias ou peregrinações escutava muitas vezes ao ar livre o jogral, que tocava, cantava e bailava, mostrava o macaco dançarino [...] recitava poemas ou contava notícias de longínquas e extraordinárias terras.”¹³

A oralidade incorporando gestos e olhares, permitiu ao ser humano, ao longo dos séculos transmitir conhecimentos, partilhar memórias, vivências e convivências entre as gerações. De origem remota e geralmente de autor anónimo, este tipo de literatura oral encontra-se preservada na memória dos povos integrando o conjunto das tradições, os usos e costumes populares.

Nos diversos tipos ou géneros da literatura oral que constituem o património oral popular, salientamos por exemplo de acordo com Ribas (1977)¹⁴ os romances, os contos, as lendas, os provérbios e outros ditos, as adivinhas, a poesia popular entre outros. A literatura oral encontra-se também associada às práticas e aos ritos populares como por exemplo, nas “cantigas à desgarrada”, cantadas nas rondas ou nas serenatas aos noivos, nas “janêras” cantadas de porta em porta, nas orações contra as tormentas, nas “rezas e benz’duras” contra o mau “ólhede”, ou nos contos relatados vezes sem fim, aos serões.

Transmitida oralmente com finalidade lúdica e moralizante socorrendo-se muitas vezes do maravilhoso e do fantástico da cultura popular foi sendo recriada ao longo do tempo conforme a imaginação, a criatividade e a subtilidade do ser humano. Por serem transmitidas oralmente, as histórias são contadas de forma diferente, conforme a arte e o talento de quem conta. Cada contador ou narrador dá-lhe um cunho pessoal esquecendo ou acrescentando-lhe pormenores, daí o ditado popular “quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto”.

Encontramos, também, contos, lendas ou crenças aparentados, com uma ou outra característica, localmente diferenciadora, em diferentes territórios ou regiões do país ou do mundo. Estas histórias da literatura oral moldadas e alteradas por muitos contadores, autores anónimos, ao longo dos séculos pertencem assim ao património cultural e imaterial da humanidade.

¹³ SARAIVA, António José. (1950). História da Cultura em Portugal. Vol. I. Jornal do Foro. Lisboa, p.124

¹⁴ RIBAS, Tomás. (1977). Etnologia 1. Cadernos F.A.O.J, Série B, nº 5. Gráficas do MAI. Lisboa, p.31

Alguns autores, apesar da marginalização da cultura popular, reconheceram a importância e a riqueza cultural da literatura oral. Recolheram-na e registaram-na em livros evitando que essas histórias tradicionais, transmitidas através da oralidade se perdessem para sempre. Por exemplo, Perrault em França, os Irmãos Grimm, na Alemanha, Almeida Garrett Teófilo Braga, José Leite de Vasconcelos e Michel Giacometti em Portugal entre muitos outros, recolheram e publicaram muitas histórias dos tesouros da literatura oral tradicional da cultura popular.¹⁵

A definição dos conceitos de literatura tradicional oral ou de literatura popular não tem sido pacífica. Segundo Ribas (1997):

*“torna-se necessário conhecermos a nossa Cultura a Cultura do Povo Português : não apenas aquela cultura erudita, mas, na verdade, a Cultura que os Portugueses criaram ao longo dos séculos e, apoiada na tradição”.*¹⁶

Guerreiro (1978) refere que:

*“incluem-se modernamente no âmbito da literatura as composições que o povo ouve, conta, recita ou canta, embora este ramo, tido por menor, não tenha merecido em todos os géneros a atenção dos especialistas”.*¹⁷

Interpretamos literatura oral como algo que pertence ao povo e que ao ser transmitida de geração em geração é renovada de acordo com as capacidades e o gosto popular. O conceito de literatura oral surge-nos também como literatura tradicional, transmitida ao longo dos anos, de pais para filhos através das memórias orais preservando as tradições da cultura popular. Segundo Guerreiro (1978):

*“outro nome corrente é o de literatura popular. É o de mais extenso significado e o que prefiro. Cabe nele toda a matéria literária que o povo entende e de que gosta, de sua autoria ou não.”*¹⁸

Pode haver, para alguns, uma aproximação entre literatura popular e literatura tradicional oral. Contudo, os dois conceitos deverão ser mantidos como distintos, uma vez que, para nós, literatura popular significará ao gosto do povo, de pronta adesão popular, enquanto literatura de tradição oral, será um conjunto de conteúdos, textos e outros bens do património imaterial oral, que temos vindo a abordar neste estudo, trazidos até aos dias de hoje através da forma da expressão oral, por intermédio de uma sedimentação assente nas tradições próprias de uma comunidade, circunscrita a um território. A literatura tradicional

¹⁵ Charles Perrault escreveu entre muitos contos a Bela Adormecida e os irmãos Grimm escreveram a Branca de Neve. Almeida Garrett escreveu entre outras obras, Viagens na Minha Terra e o Cancioneiro - Cancioneiro Geral. Teófilo Braga deu-nos a conhecer os Contos Tradicionais do Povo português. José Leite de Vasconcelos, linguista, arqueólogo e etnógrafo deixou-nos a Etnografia Portuguesa. Giacometti percorreu o país recolhendo as cantigas do povo. Deixou-nos o Cancioneiro Popular Português que contou com colaboração de Fernando Lopes Graça.

¹⁶ RIBAS, Tomás. (1977). *Op.cit.*, p.5.

¹⁷ GUERREIRO, M. Viegas, (1997). Para a História da Literatura Popular Portuguesa. Biblioteca Breve. Vol. IX. Gráficas da Livraria Bertrand. Amadora, p.9.

¹⁸ GUERREIRO, M. Viegas. (1997). *Op.cit.*, p.10.

oral ou literatura de tradição oral corresponderá a todo um conjunto de formas da arte verbal do povo.

É importante que se promovam projectos de recolha, investigação e estudo, de divulgação em todas as áreas da literatura oral tradicional, registando-se e preservando-se em arquivos locais, regionais e nacionais as memórias ainda vivas, da literatura oral do povo português, que corre o risco de desaparecer para sempre.¹⁹ As mudanças provocadas pelo progresso nos contextos locais do mundo rural e urbano causaram a morte de muitos tesouros da nossa literatura oral, que continua a morrer diariamente, pois todos os dias se rasgam folhas no grande livro da vida.

Com o decorrer das épocas, a tradição oral, valorizada no passado, porque saber ler e escrever não era para todos, passou a ser desvalorizada e a cair lentamente no esquecimento com a alfabetização das classes populares.

A escrita absorveu a necessidade que o povo tinha de manter, reconhecer e prestigiar certas personagens, perde-se o “*dom*” para guardar na lembrança as memórias colectivas, de todo um povoado. A memória vai perdendo utilidade, funcionalidade. Hoje, conseqüentemente, não temos (praticamente) memória. Como exemplo desta realidade focamos o desespero dos professores perante as dificuldades dos alunos com o cálculo mental, ou com a fixação de regras gramaticais funcionais. Não se decora a tabuada. Não se memoriza com o objectivo de aprender, de reter os conhecimentos. Para nosso espanto os idosos, por vezes analfabetos, simples e humildes guardam na memória as contas da vida, as tristezas, as alegrias e as recordações e a sua palavra servia e serve para honrar os compromissos assumidos, na palavra dada.

Actualmente somos confrontados com realidades problemáticas, com a morte dos idosos nas comunidades locais assistimos ao desaparecimento dos narradores da literatura oral. Enquanto nos confrontamos com outro fenómeno, não menos gravoso, nas escolas muitos jovens, sem memórias, não ganham pela leitura.

Salientamos também a importância do valor dos vários géneros da literatura oral, de acordo com a descrição de Sanfilippo (2005) o “*valor terapéutico de los cuentos y del hecho de contar*” e “*el cuento y la narracion oral de cuentos como un médio de autoconocimiento o un instrumento de crecimiento personal.*”²⁰

Assim, se por um lado é necessário fomentar os hábitos de leitura, mais urgente se torna a necessidade de promover hábitos de narração oral, envolvendo todos os interessados, jovens e adultos, para que esta riqueza cultural continue a sobreviver e a desenvolver-se nos territórios. Qualquer iniciativa, projecto ou actividade, nesta área obriga a uma recriação dos

¹⁹ Damos como exemplo o projecto da UNESCO “Participação dos Jovens na Preservação e Promoção do Património Mundial”, levando os jovens a consciencializarem-se para o valor da sua própria cultura e história, respeitando e valorizando as diferentes culturas de modo a sentirem-se colectivamente responsáveis pelo património da humanidade.

²⁰ SANFILIPPO, Maria Teresa. (1998). El Renacimiento de la Narración Oral en Itália e Espana (1985-2005). Departamento de Literatura Espanhola y Teoria de la Literatura, Facultad de Filologia Universidad Nacional de Educación a Distancia. Tesis Doctoral, p. 128. Cf. <http://www.uned.es/centro-investigacion-SELITEN@T/pdf/sanfilippo.pdf>. Consultado em 29/09/2012.

contextos, dando-se continuidade às festas e actividades culturais com base na leitura e na narração oral. Em anexo (fig.1) damos um exemplo da recriação destes contextos, no enquadramento de iniciativas de valorização e divulgação da literatura oral tradicional, em bibliotecas escolares, em agrupamentos de escolas ou na biblioteca municipal de Castelo Branco.

Nestes contextos foram recriados os antigos serões à lareira, dando aos jovens a possibilidade de, através da recriação figurada, sonharem com os cenários propostos. Aos adultos foi proporcionada a possibilidade de lembrar, talvez com saudade, os tempos da infância. Segundo Rodrigues (2004):

*“ a literatura popular de tradição oral é fascinante porque, como bem o disse Pinto - Correia (2000:10),” todos os públicos desde o adulto ao infantil, desde o erudito ao analfabeto, denotam apreço, por vezes bem escondido ou mesmo renegado, pelas “maravilhas”, pelas personagens, pelos cenários e pelas intrigas que não cabem no universo real e próximo de nós, isto é, que constituem o mundo “outro” inexplicável, feérico, sobrenatural”.*²¹

Mas nem sempre os profissionais, os técnicos ou os programadores de iniciativas culturais, nas instituições com esse fim, estão sensibilizados ou dispostos a investir o seu tempo na recriação de ambientes ou contextos tradicionais. É mais fácil pegar num livro e ler a história, quando essa mesma história pode ser uma “s’tória” contada por alguém que pode ainda estar ali perto, numa casa velha, num centro de dia ou num lar para terceira idade.²²

Todas as iniciativas que envolvam idosos, para além de permitirem recolhas de grande interesse, valorizam o ser humano e enriquecem o convívio, a partilha e a proximidade entre as gerações. Segundo Pacheco (1985):

*“ a lembrança da ternura das coisas e dos lugares, de tudo o que constitui, depois, as tradições, não é um ritual fúnebre, uma intenção passadista. É antes um acto assumido de indagação e conhecimento simples ou complexos que justificam a compreensão da herança que nos foi legada no presente em que nos foi dado participar, para projectarmos os amanhãs que valha a pena viver.”*²³

Por ser uma herança colectiva o património oral popular ou tradicional a todos diz respeito e a todos deveria interessar a sua preservação porque, enquanto cidadãos activos e intervenientes nas comunidades, temos o dever, a obrigação de conhecer, descobrir, olhar, “spréter” os velhos baús cheios de antiquíssimas memórias colectivas que ainda hoje se transmitem pela voz suave e melancólica dos idosos, personagens extraordinárias. Sentados nas pedras velhas das antigas praças, nas “scadas” dos balcões típicos ou na soleira das portas das casas populares da região, dão vida e alma às nossas aldeias e vilas da raia perdida.

²¹ RODRIGUES, Donizete (2004). O Terreiro das Bruxas: o religioso no maravilhoso popular. Covilhã, Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior, p.20.

²² Damos como exemplo o trabalho que realizamos na nossa escola, no ano lectivo de 2011/2012 com os alunos envolvendo idosos do território educativo. O trabalho fez parte do programa da TVI, “ Os Tis”. Cf <http://www.tvi.iol.pt/videos/13629494>. Consultado em 28/09/2012.

²³ PACHECO, Helder. (1985). Portugal - Património Cultural Popular. Porto, Areal Editores, p.141.

2.2 Recolhas “ Memórias da Tradição Oral”

“A cultura de um povo é o seu maior património. Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato”

Nildo Lage²⁴

A literatura oral de tradição popular corre sérios riscos de cair no esquecimento, a curto prazo, se não forem tomadas medidas no sentido de se promoverem campanhas consistentes de divulgação junto das populações, escolas, instituições locais, de modo a travar o desconhecimento e o desinteresse por este tipo de património. Ajuizar que esta missão apenas diz respeito aos estudiosos, intelectuais ou gentes de letras é um erro que trará consequências no que respeita à preservação deste património cultural intangível. Pela nossa experiência no terreno, nomeadamente enquanto docente da disciplina de Património e de Genealogia-História da Nossa Família, na Universidade Sénior Albicastrense temos com surpresa assistindo ao desenvolvimento de trabalhos de maior relevância, ainda que tenham sido elaborados por gente simples. Como exemplo desta realidade apresentamos, no anexo número dois, um livro terminado com *“partes d’vida”*.²⁵

Assim acreditamos que as recolhas da cultura oral do nosso povo podem ser efectuadas por qualquer um de nós, desde os mais velhos aos mais novos. Com conhecimentos técnicos básicos de investigação, interesse, gosto e muito empenho é possível realizar levantamentos, executar registos junto das populações mais idosas, nas comunidades rurais ou urbanas.

Nos levantamentos das histórias orais, enraizadas na cultura popular, deve-se tomar nota por escrito, fazer gravação e filmagem da produção oral de forma fidedigna²⁶, isto é, sem contaminar os regionalismos ou o típico da literatura oral de cada região. Deve-se igualmente registar em fichas próprias as informações relacionadas com o nome do informador, a naturalidade, idade habilitações literárias, local, ano da recolha e o nome do autor da recolha. Apresentamos no anexo número cinco o exemplo de uma grelha para recolha e registo da literatura oral que consideramos serem úteis e práticas no registo do património imaterial.²⁷ Segundo Ribas (1977) *“A ficha é o documento descritivo de todo o trabalho de recolha. Elemento básico e imprescindível de pesquisa irá ela ser, depois, o grande documento do trabalho de gabinete. É sobre as fichas elaboradas pelo etnógrafo que, no seu gabinete, irá o etnólogo trabalhar.”*²⁸

²⁴ Cf. http://pensador.uol.com.br/autor/nildo_lage/ . Consultado 28/09/2012.

²⁵ Cf. <http://rd3.videos.sapo.pt/i9pl114DpjHNZ0Blb3Rf>. Consultado em 28/09/2012.

²⁶ Nas recolhas de campo achamos muito importante para além das gravações e das filmagens, dos contextos das personagens e dos locais um cuidado muito especial na preservação dos regionalismos, “linguagem típica”, das expressões e dos respectivos significados de modo a salvaguardar todo este património oral que por ser mal interpretado é muitas vezes mal visto e envergonha os informantes o que consideramos um erro gravíssimo porque faz parte da história dos lugares e dão informações muito ricas, como fontes orais para a compreensão e o estudo da História Local. Esta foi uma de entre muitas outras razões pelas quais recorremos e fizemos questão de manter “os falares típicos da região” no nosso trabalho.

²⁷ Boletim Cultural “Cira”, n.º 2. Editado pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 1986.

²⁸ RIBAS, Tomás. (1977). Etnologia (2). Cadernos F.A.O.J. Série B, n.º 6. Lisboa, p.9.

2.3 A Identidade Cultural

*“Não há gente culta e gente inculta. A cultura é só uma, tudo o que aprendemos do nascer ao morrer, de nossa invenção ou alheia, sentados nos bancos da escola ou da vida [...] Acabemos de vez com essa absurda e injusta discriminação.
M. Viegas Guerreiro”²⁹*

A Cultura reunindo heranças do passado, modos de ser do presente, acaba por ser um conjunto de manifestações que confere particularidades identitárias a uma determinada sociedade ou grupo social.

A Cultura surge das relações sociais e da profunda interacção do ser humano com o meio em que este se encontra inserido. É uma herança que não se limita às manifestações artísticas, à língua, à religião, mas que se articula com as inúmeras criações da produção humana. Segundo Saraiva (1993):

“ A cultura de um povo abrange certo número de aspectos diferentes mas entretecidos e inseparáveis. Em primeiro lugar, a cultura não é uma coisa suspensa no vazio: existe dentro de uma sociedade, e para uma sociedade. Conforme a importância relativa dos diversos grupos sociais e os meios de que cada um dispõe, assim varia a cultura.”³⁰

Assim podemos entender a nossa identidade cultural como um processo que integra conhecimentos e práticas da cultura local onde nascemos, vivemos e morremos.

Segundo Castells (2001) *“A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória colectiva e por fantasias pessoais, pelos aparelhos de poder e revelações de cunho religioso”³¹*. De facto o ser humano procura desesperadamente uma forma de se identificar na sociedade em que vive. Os principais obstáculos para que isso aconteça são as transmutações pelas quais a identidade cultural passa ao longo dos séculos.

As culturas por sua vez têm referências que nos fazem sentir vivências com as quais nos identificamos. Esses sentidos estão nas tradições, na história, nas memórias colectivas ou individuais que adquirimos ao longo dos anos. Assim, a Cultura tem uma natureza dinâmica podendo ser descrita como um processo evolutivo, onde indivíduos e grupos partilham heranças culturais comuns, como a língua, a religião, os patrimónios material e imaterial, entre outras. Esta é, entre muitas outras, uma das diferenças entre as sociedades tradicionais e as modernas.

Segundo Giddens (1991):

“nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é o meio de lidar com o tempo e

²⁹ GUERREIRO, M. Viegas. (1978). Para a História da Literatura Popular Portuguesa. 1ª Edição. Instituto de Cultura Portuguesa. Lisboa, p.25.

³⁰ SARAIVA, António José. (1950). História da Cultura em Portugal. Vol. I. Jornal do Foro. Lisboa, p.9.

³¹ CASTELLS, Manuel. (2001). O Poder da Identidade. Serviços de Educação e Bolsas, Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, p.4.

*o espaço, inserindo qualquer actividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes”.*³²

O mesmo autor salienta, também que *“Oralidade e tradição estão inevitavelmente relacionadas de perto uma com a outra [...] são como formulas, relativamente invariáveis, calculadas para preservarem o conhecimento”.*³³

As identidades que ao longo dos séculos normalizaram as sociedades humanas estão hoje em declínio. As mudanças provocadas pela globalização originaram novas identidades que marcam o actual ser humano. Como consequência da globalização, as identidades culturais revelam hoje fronteiras pouco nítidas. Atendendo ao desenvolvimento das redes de comunicação e à facilidade dos movimentos migratórios, que influenciam os indivíduos, os territórios culturais já não coincidem, actualmente, com as fronteiras dos países. Conceitos como nação, território, povo, comunidade, que influenciavam a construção da memória colectiva e a identidade cultural, perderam terreno perante as realidades do mudo actual.

Vivemos actualmente, na era da cultura digital assente no uso das novas tecnologias, que alteram profundamente os comportamentos dos indivíduos e das sociedades. A internet facilita profundamente os acessos à informação e ao conhecimento em qualquer parte do globo terrestre. Segundo Isabel Pires de Lima (2005):

*“ Habitamos hoje um planeta imenso e diverso, a tal ponto transformado que lhe começámos a chamar «aldeia». E a esta designação metafórica acrescentámos um adjetivo: «global». O vertiginoso desenvolvimento da tecnologia nas últimas décadas, estrategicamente aplicado ao sector das telecomunicações e dos transportes, aproximou-nos dos nossos contemporâneos [...] Contudo, desta interessante aproximação resulta bem conhecido, e extensamente debatido, um risco: o da uniformização. Da perda de identidades. Do esbatimento cultural.”*³⁴

Tal como existe um amplo consenso sobre o risco da uniformização, subsiste igualmente a profunda convicção quanto à necessidade de os países adoptarem políticas que preservem e respeitem as especificidades de cada cultura, pondo em acção planos que permitam simultaneamente a sua interacção e distanciamento, mas também (re)conhecimento e respeito mútuos. As ambições das recomendações e dos diversos programas da UNESCO, são um claro exemplo dessa convicção.

Na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, UNESCO (2002), salientamos o Artigo 6º, em particular, onde se aborda o rumo a uma diversidade cultural acessível a todos:

*“Enquanto se garanta a livre circulação das ideias mediante a palavra e a imagem, deve-se cuidar para que todas as culturas possam se expressar e se fazer conhecidas. A liberdade de expressão, o pluralismo dos meios de comunicação, o multilinguismo, a igualdade de acesso às expressões artísticas, ao conhecimento científico e tecnológico - inclusive em formato digital - e a possibilidade, para todas as culturas, de estar presentes nos meios de expressão e de difusão, são garantias da diversidade cultural.”*³⁵

³² GIDDENS, A. (1991). As Consequências da Modernidade. Editora UNESP. São Paulo. 2ª Edição, pp.37-38.

³³ GIDDENS, A. (1994). Modernidade e Identidade Pessoal. Celta Editora. Oeiras, p.21.

³⁴ Cf. <http://www.mincultura.gov.pt/imprensa/arquivo/intervencoes/Pages/20050507forumportugalemspaulo.aspx>. Consultado em 30/09/2012.

³⁵ Cf. <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Consultado em 28/09/2012.

Torna-se, perante o exposto, muito evidente que nas intenções políticas se reconhece a importância das manifestações culturais. Porém estas poderão ser insuficientes no que toca à preservação da diversidade cultural. Não é possível só pela definição de planos de acção teóricos promover uma rápida consciencialização da necessidade de se preservarem as identidades culturais. Deve existir uma vontade comum de acção, para que a globalização não se transforme num processo de segregação das mesmas. Em relação ao conceito de Identidade Manguel (2007) argumenta que “ *Apanhada entre definições de nacionalidade e mundialização, entre lealdades endémicas e um êxodo voluntário ou forçado, a noção de identidade, pessoal e social, tornou-se difusa e incerta.*”³⁶

Como exemplo de uma urgente consciencialização referimos o Seminário Internacional sobre Diversidade Cultural: Práticas e Perspectivas, em Brasília, ano de 2007. No intuito de aprofundar a discussão acerca da diversidade cultural, o Seminário realizado contou com a presença de diversos países e de autoridades governamentais. Ao longo de três dias, especialistas abordaram temas como diversidade cultural no mundo contemporâneo, comunicação e convergência digital, globalização e cultura, entre muitos outros. O ex-secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, salientou a importância da cultura como símbolo de identidade. Segundo Kofi Annan, a globalização deveria levar à multiplicidade cultural e não à uniformização:

*“A actual onda de globalização tem exacerbado o sentimento de que somos diferentes. Certamente somos. Globalização deveria levar à diversidade cultural e não à homogeneização. Deveria ser um processo de redefinição criativa que juntasse tradições globais e locais. Devemos reconhecer a integridade e autonomia das diferentes culturas locais e nacionais. Acessório de confiança e energia para as pessoas do mundo todo. Deveríamos fazer mais para proteger direitos culturais incluindo diversidade cultural como chave para os direitos humanos fundamentais.”*³⁷

Se a globalização leva as sociedades contemporâneas a ver a humanidade como uma aldeia global não podemos cair num processo de uniformização que debilite ou extinga as culturas locais. Há autores que mostram que a globalização pode originar uma redescoberta e uma valorização das diferenças. Perante os impactos da globalização, Castells (2001) evidencia por exemplo o surgimento de “*uma vasta gama de movimentos reativos que cavam as suas trincheiras de resistência em defesa de Deus, da nação, da etnia, da família, da região, enfim, das categorias fundamentais da existência milenar agora ameaçada pelo ataque combinado e contraditório das forças tecno-económicas e movimentos de transformação social.*”³⁸

Segundo o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1996) “*a rápida transformação das sociedades humanas a que assistimos, na*

³⁶ MANGUEL, Alberto. (2007). A Cidade das Palavras. Gradiva, publicações, S.A. Lisboa, p.12.

³⁷ Cf. <http://www.cultura.gov.br/site/2007/06/26/saudacao-especial/>. Consultado em 30/09/2012.

³⁸ CASTELLS, Manuel. (2001). O Poder da Identidade. Serviços de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, p. xxx .

charneira de dois séculos, dá-se em dois sentidos: no sentido da mundialização, como vimos, mas também no sentido da busca de múltiplas raízes particulares.”³⁹

Pensamos assim que a cultura global com raízes na globalização poderá originar uma nova relação entre as culturas locais e influenciar os padrões de comportamento, provocando uma revalorização das tradições e dos regionalismos, factores importantes no processo da construção das identidades culturais. Na actualidade, a globalização da cultura e dos padrões de comportamento é uma tendência mundial. Por isso, pensamos que é urgente a análise das formas de preservação e de revalorização das identidades culturais, e em especial como os dirigentes associativos lidam com esta problemática, na medida em que partimos do pressuposto que é no movimento associativo, bem como na escola, que surgem factores, motivações e iniciativas tendentes à preservação da identidade cultural, seja ela local, nacional ou mundial.

Não podemos deixar de focar que os diferentes traços, presentes na construção da identidade e que fazem de cada individuo um ser humano único, também são criados nos grupos de sociabilidade, nos bairros onde se habita ou nas colectividades onde cada um se encontra associado.

Partindo do reconhecimento do dinamismo do movimento associativo, das suas actividades, projectos ou iniciativas, este promovendo uma sociabilidade dinâmica influencia a identidade dos indivíduos. Verifica-se como a própria identidade da associação é profundamente marcada pelos seus membros. Como exemplo desta realidade focamos as experiências, dos jovens e dos adultos, partilhadas nos inúmeros projectos promovidos pelas associações, da iniciativa do Instituto Português da Juventude ou das próprias colectividades.

Através das redes, a acção do movimento associativo nas comunidades pode ser cada vez mais valorizada e divulgada, de modo que o ser humano possa agir localmente e pensar globalmente, construindo e preservando uma verdadeira identidade cultural assente na troca e na partilha recíproca, permitindo que a mesma se transforme, adapte e valorize.

As contradições que possam existir entre as culturas locais e a cultura globalizada, podem preservar as identidades locais, sejam elas de natureza política, étnica, religiosa ou cultural. Tal como refere Pacheco (1985):

*“a cultura não é uma inutilidade [...] ela é a expressão da própria vida dos homens [...] a identidade do país radica na alegria, nos desejos, na tristeza e no desespero dos homens que nele viveram e continuam a viver.”*⁴⁰

2.4 A Evolução do Conceito de Património

“O património primordial, mais relevante e valioso - sem o qual nem a cultura nem a vida - é a gente concreta que, em condições favoráveis ou amargas criou formas de viver, de sentir e de criar uma realidade que faz da terra- de - ninguém uma terra de homens”
Helder Pacheco⁴¹

³⁹ DELORS, Jacques. (1996). Educação - um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Edições ASA. Lisboa, p.41.

⁴⁰ PACHECO, Helder. (1985). Portugal- Património Cultural Popular 1. Areal Editores, gráfica de Mirandela & C^a (irmão), Lda. Lisboa, p. 9.

⁴¹ PACHECO, Helder. (1985). *Op.cit.*, p.141.

O que é o Património?

Segundo CHOAY (1999) *“Património esta bela e muito antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo.”*⁴² Na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira verificamos que a palavra *“patrimonium”* oriunda do latim, pode ser percebida como *“herança paterna”, “bens de família”* ou *“bens materiais ou morais”*.⁴³

Podemos também entender o património como algo que engloba os valores culturais de um povo, de um território ou de uma comunidade, cuja herança é transmitida de pais para filhos. Segundo Pacheco (1987):

*“Património cultural é o nosso rosto, pedaços da nossa identidade. A memória de uma trajectória comum. Tem a ver com pessoas, gente viva [...] são rostos que se desvendam pouco a pouco. Recordações, vestígios, artes e ofícios que já não são; mas também, por vezes, afirmações de hábitos, costumes, fenómenos que permanecem.”*⁴⁴

Sendo uma herança colectiva que passa de geração em geração, com raízes que se perdem na noite dos tempos acaba por ser um factor de identidade e de proximidade nas comunidades. Talvez assim possamos compreender a saudade, a vontade e a felicidade que as pessoas de determinado território sentem ao regressarem anualmente à sua terra cumprindo votos ou participando nos festejos da sua padroeira.

Segundo Almeida (1993) o *“Património como valor de identidade e de memória de uma comunidade e, sobretudo, o de Património como qualidade de vida que ele será mais falado e se lhe dará futuramente, maior importância.”*⁴⁵

O património cultural foi sendo interpretado ao longo dos séculos conforme a mentalidade da sociedade ou os valores que caracterizaram as épocas históricas. Foi de facto evoluindo ao longo da história do homem sofrendo grandes transformações, quer a nível de conteúdos quer a nível de significados.

O movimento cultural renascentista (séculos XV-XVI), ao valorizar e recuperar a cultura greco-romana marcou profundamente o conceito do património que apreciava apenas alguns testemunhos histórico, nomeadamente aqueles que se destacavam pela grande monumentalidade, deslumbrando os humanistas e provocando na gente simples do povo um grande encantamento.

A Revolução Francesa marca uma época com grandes destruições e pilhagens nos bens culturais. Os revolucionários saqueiam os bens do clero, da nobreza e da monarquia. O património monumental e artístico da nação francesa ressentiu-se profundamente com estes

⁴² CHOAY Françoise. (1999). Alegoria do Património. Arte & Comunicação. Edições 70, Lda. Lisboa, p.11

⁴³ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Vol. XX. Editorial Enciclopédia, Limitada. Lisboa, p. 630

⁴⁴ PACHECO, Helder. (1987). Rostos da Gente-Escritos sobre o Património Cultural e Outras Histórias. Editorial Caminho. Resopal, Lda, p.13.

⁴⁵ ALMEIDA, C. (1993). Património: Riegl e hoje, in Revista da Faculdade de Letras. 2ª Série. Vol. X, p.408.

saques originando nas elites revolucionárias o desejo de acautelar os valores culturais como testemunho colectivo da nação.

Segundo Almeida (1993) no século XIX, o romantismo com as suas características marcadas pelos valores do passado identificou o património com as ruínas históricas, os monumentos nacionais, originando a nacionalização de muitos dos testemunhos monumentais, artísticos e culturais das nações.⁴⁶

O liberalismo por sua vez marcado por conflitos bélicos e por graves crises económicas agravou a tendência do poder político para nacionalizar os bens culturais, artísticos e monumentais. O património religioso foi nacionalizado e muitos bens culturais do país acabaram vendidos na praça pública.

Na idade contemporânea, com as destruições provocadas pelas guerras mundiais emerge na sociedade, uma nova intelectualidade com uma consciencialização e sensibilização para a protecção dos valores culturais. O conceito de património cultural, com as cartas, as convenções e as recomendações da UNESCO⁴⁷ ganhou nova importância e despertou consciências.

Actualmente os valores, os conceitos, assim como os significados do património evoluíram muito devido talvez à percepção do interesse da protecção e da salvaguarda do património cultural, tangível ou intangível.

A UNESCO organizou debates sobre as definições, as acções e as formas de salvaguardar o património cultural e natural nos diversos países. Hoje a definição de património é muito ampla integrando, por exemplo os monumentos históricos, os locais sagrados, as obras de arte, as paisagens naturais, assim como as memórias relacionadas com a cultura popular.⁴⁸

A Convenção para a salvaguarda dos bens culturais (1972) gerou novas perspectivas em relação às definições do património cultural e natural. Salienta-se no documento:

“o património cultural e o património natural estão cada vez mais ameaçados de destruição, não apenas pelas causas tradicionais de degradação, mas também pela evolução da vida social e económica que as agrava através de fenómenos de alteração ou de destruição ainda mais importantes.”⁴⁹

O património cultural engloba de acordo com o artigo 1º da citada Convenção:

⁴⁶ ALMEIDA, C. (1993). *Op. cit.*, p. 409.

⁴⁷ UNESCO foi criada em 1945, após a II Guerra Mundial, pela ONU. No âmbito da salvaguarda do património destacam-se as seguintes Convenções e Recomendações:

- Convenção sobre a Protecção dos Bens Culturais em caso de conflito armado ou Convenção de Haia, (1954);

- Convenção para a Protecção do Património Mundial Cultural e Natural, Paris (1972/3);

- Recomendação Relativa à Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e sua Função na Vida Contemporânea, Nairobi (1976);

- Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular (1989);

- Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, Paris (2003).

A UNESCO recebe a contribuição de diversas Organizações Não Governamentais, designadamente o ICOM (International Council of Museums) ou o ICOMOS (International Council of Monuments and Sites). Cf. <http://www.unesco.org/new/en/culture/> . Consultado em 30/09/2012.

⁴⁸ Cf. http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul_tema.php?t=14. Consultado em 30/09/2012.

⁴⁹ Cf. http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=10 . Consultado em 30/09/2012.

- “1. Os monumentos: Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
2. Os conjuntos: Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
3. Os locais de interesse: Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.”⁵⁰

O património natural por sua vez é identificado com os “monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas com valor excepcional do ponto de vista estético ou científico” (Art.º 2º). Pode envolver distintos tipos:

- “1. As Formações biológicas, ou os grupos destas formações, de valor universal do ponto de vista estético e científico.
2. As Formações geológicas bem delimitadas que constituam o habitat de espécies animais ou vegetais em risco de valor do ponto de vista da ciência e da conservação.
3. Os locais naturais ou zonas naturais delimitadas com valor excepcional do ponto de vista da ciência, da conservação ou da beleza natural.” (Art.º 2º).

Após a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural (1972), alargou-se ainda mais o conceito de património de modo a identificar e a proteger as manifestações do património imaterial. Surgiu então a definição de património intangível abrangendo as manifestações culturais, as expressões populares, as artes e os ofícios, valores culturais enraizados nas tradições do povo. Segundo Almeida (1993) o “*Património não pode ser olhado apenas como uma reserva e, menos ainda, como uma recordação ou nostalgia do passado mas, antes, como algo que tem de fazer parte do nosso presente.*”⁵¹

A UNESCO na Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular (1989) reconhece a “*cultura tradicional e popular como parte do património universal da humanidade e é um poderoso meio de aproximação entre os povos e de afirmação da sua identidade*”⁵². Definiu cultura tradicional e popular como:

“*o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores que se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras.*”⁵³

A UNESCO aprovou em 17 de Outubro de 2003, em Paris, a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Portugal sancionou a Convenção em 26 de Março de 2008. Reconhece-se no documento que o património imaterial transmitido e recriado ao longo do tempo constitui nas comunidades um factor de identidade e de proximidade. Este património revela-se nas “*tradições e expressões orais, incluindo a língua, nas práticas sociais, rituais e eventos festivos, nos conhecimentos e nas práticas relacionadas*

⁵⁰ *Ibidem.*

⁵¹ ALMEIDA, C. (1993). *Op.cit.*, 412 p.

⁵² Cf. http://cvc.institutocamo.es.pt/cpc2007/patrimonio/bloco2/recomendacao_%20sobre_a_salvaguarda_da_cultura_tradicional.pdf. Consultado em 30/09/2012.

⁵³ *Ibidem.*

com a natureza e o universo e nas aptidões ligadas ao artesanato tradicional” (Artº 2, ponto 2).⁵⁴

2.5 O Património na Legislação Portuguesa

Após uma breve abordagem da evolução do conceito de Património consideramos importante analisar a legislação portuguesa relacionada com os bens culturais.

A análise à legislação prende-se com preocupações relacionadas com o desenvolvimento dos processos de preservação, classificação e formas de valorização dos bens culturais.

A inquietação pela preservação do património português não é recente está presente, por exemplo, no alvará de D. João V, datado de 20 de Agosto de 1721⁵⁵. Segundo o documento:

*“ [...] seria mui conveniente à luz da verdade, e conhecimentos dos séculos passados, que, no que restava de semelhantes memórias, e nas que o tempo descobrisse, se evitasse este dano, em que pode ser muito interessada a glória da Nação Portuguesa [...] Hei por bem, que daqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade e condição que seja, desfaça ou destrua em todo, nem em parte, qualquer edifício, que mostre ser daquele tempo, ainda que em parte esteja arruinado, e da mesma sorte as estátuas, mármore e cipos em que estiverem esculpidas algumas figuras, ou tiverem letreiros, fénices, gregos, romanos, góticos e arábicos; [...] encarrego às Câmaras das cidades, e Vilas deste Reino tenham muito particular cuidado em conservar, e guardar todas as antiguidades sobreditas, e de semelhante qualidade que houver no presente, ou ao diante se descobrirem nos limites do seu distrito [...] ”*⁵⁶

Aqui encontramos de facto as primeiras preocupações e referências legais, à protecção do património português. Contudo, apesar das preocupações do monarca pensamos que a implementação do referido diploma não teve os resultados esperados, pois muito do nosso património perdeu-se, ao longo do tempo.

Desde então um longo caminho foi percorrido publicando-se diversa legislação com o objectivo de preservar-se e salvaguardar-se o património. Da legislação publicada destacamos o Decreto de 30 de Dezembro de 1901⁵⁷, que inicia a classificação dos monumentos nacionais e bens mobiliários. O Decreto de 22 de Novembro de 1910⁵⁸, assim como o Decreto de 26 de Maio de 1911⁵⁹ que dão prosseguimento à política de salvaguarda dos valores patrimoniais do país. A legislação de 1930, nomeadamente o Decreto-Lei nº 20:985, de 7 de Março de 1932⁶⁰ e

⁵⁴ Cf. <http://www.cultura-alentejo.pt/pagina,6,15.aspx> . Consultado em 30/09/2012.

⁵⁵ Cf. <http://flama-unex.blogspot.pt/2012/03/alvara-de-djoao-v-determinando.html>. Consultado em 30/09/2012.

⁵⁶ Cf. http://www.apena.rcts.pt/aproximar/monumentos/apoio/pdfs/joao_v.pdf. Consultado em 30/09/2012.

⁵⁷ Cf. http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/portugal/portugal_decree_192006_classification_goods_national_interest_pororof.pdf Consultado em 30/09/2012.

⁵⁸ Cf. http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/portugal/portugal_decree_192006_classification_goods_national_interest_pororof.pdf Consultado em 30/09/2012.

⁵⁹ Cf. http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/portugal/portugal_decree_192006_classification_goods_national_interest_pororof.pdf Consultado em 30/09/2012.

⁶⁰ Cf. <http://www.policiajudiciaria.pt/PortalWeb/content/?id={43025A9A-B726-40B9-BAC6F4420F6AEA90}>. Consultado em 29/09/2012.

o Decreto-Lei n.º 26:611, de 19 de maio de 1936⁶¹, valorizam a defesa e a preservação dos valores culturais do património da nação.

A Lei n.º 2:032 de 11 de Junho de 1949 salienta:

*“As câmaras municipais devem promover a classificação como monumentos nacionais ou como imóveis ou móveis de interesse público, de todos os elementos ou conjuntos de valor arqueológico, histórico, artístico ou paisagísticos existentes nos seus concelhos. Se as entidades competentes os não classificarem como tais, poderão as câmaras promover junto das mesmas entidades, a sua classificação como valores concelhios. (Base I)”*⁶²

O Decreto-Lei n.º 38:906, de 10 de Setembro de 1952⁶³, assim como a Lei n.º 2065, de 25 de Junho de 1953⁶⁴ continuaram a promover as políticas de salvaguarda do património nacional tentando-se impedir a sua venda ou transferência para o estrangeiro e obrigando à inventariação dos bens culturais que entrassem em território nacional.

Após a Revolução de Abril, a Constituição da República Portuguesa reconhece a importância do património cultural salientado no artigo 9.º, alínea e) que são tarefa fundamentais do Estado *“proteger e valorizar o património cultural do povo português, defender a natureza e o ambiente, preservar os recursos naturais e assegurar um correto ordenamento do território”*.⁶⁵

No artigo 66º, ponto 2, menciona-se que para:

“assegurar o direito ao ambiente [...], incumbe ao Estado [...]: criar e desenvolver reservas e parques naturais e de recreio, bem como classificar e proteger paisagens e sítios, de modo a garantir a conservação da natureza e a preservação de valores culturais de interesse histórico ou artístico”.⁶⁶

No artigo 78º, ponto 1, do citado documento salienta-se que *“todos têm direito à fruição e criação cultural, bem como o dever de preservar, defender e valorizar o património cultural”* sendo da responsabilidade do Estado em parceria com os agentes culturais *“promover a salvaguarda e valorização do património cultural, tornando-o elemento vivificador da identidade cultural comum”* (ponto 2, alínea c).

A Lei n.º 13/85⁶⁷, de 6 de Julho, definiu o património cultural como *“todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo.”* (Art.º 1º). No Artigo 2º, nº 1 e 2 salienta-se que *“é direito e dever de todos os*

⁶¹Cf. <http://dre.pt/pdf1sdip/1936/05/11600/05360547.pdf>. Consultado em 30/09/2012.

⁶²Cf. <http://www.policiajudiciaria.pt/PortalWeb/content/?id={0546B164-65D9-424A-BFF1-D669A5AB4258}>. Consultado em 30/09/2012.

⁶³Cf. http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/portugal/portugal_decree_192006_classificati_on_goods_national_interest_pororof.pdf. Consultado em 28/09/2012.

⁶⁴Cf. http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/portugal/portugal_decree_192006_classificati_on_goods_national_interest_pororof.pdf. Consultado em 28/09/2012.

⁶⁵Cf. <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>. Consultado em 30/09/2012.

⁶⁶Cf. <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>. Consultado em 30/09/2012.

⁶⁷ Cf. http://www.igf.min-financas.pt/inflegal/bd_igf/bd_legis_geral/leg_geral_docs/LEI_013_85.htm. Consultado 30/09/2012.

cidadãos preservar, defender e valorizar o património cultural” sendo igualmente uma “obrigação do Estado e demais entidades públicas promover a salvaguarda do património cultural do povo português.”

Reconhece o direito às populações de participarem e de colaborarem na protecção e dignificação do património (Art.º 3º, nº 4) assim como às colectividades denominadas por “ADP” que devem fomentar a salvaguarda e dar a conhecer os bens culturais. (Art.º 6º, n.º).

No referido diploma legal consta também, nomeadamente quanto às formas e regime de protecção:

“A protecção legal dos bens materiais que integram o património cultural assenta na classificação dos imóveis e dos móveis” (Art.º 7º, nº 1);

“Os bens imóveis podem ser classificados como monumento, conjunto e sítio, eventualmente agrupáveis em categorias, nos termos que forem regulamentados, e os móveis, unitária ou conjuntamente, como de valor cultural, podendo ainda todos os bens ser classificados como de valor local, valor regional, valor nacional ou valor internacional” (Art.º 7º, nº 2).”

Quanto ao património imaterial refere-se, no artigo 43º que compete ao Estado:

“ . Promover o respeito dos valores gerais da cultura e a defesa de identidade e memória colectiva portuguesa, protegendo, em particular, os valores da integridade, verdade e autoria das obras do engenho humano de todas as criações culturais, sejam quais forem as formas e meios por que se manifestem e corporizem; (alínea a), ponto 1).

. Assegurar a defesa dos valores culturais, etnológicos e etnográficos da língua portuguesa; (alínea c), ponto 1).

. Apoiar a revitalização e a conservação das tradições culturais populares em vias de desaparecimento” (alínea d), ponto 1).

. Promover a recolha, conservação e fruição popular do património fotográfico, filmico, fonográfico bem como de outros domínios do património imaterial “ (alínea e), ponto 1).

No Despacho Normativo n.º 23/91 de 29 de Janeiro salienta-se que “A salvaguarda e valorização do património cultural e a sua integração na vida colectiva da nossa época constituem um dever dos Governos e também dos cidadãos dos Estados onde se localiza”. Para reconhecer e incentivar boas práticas na preservação dos bens culturais aprova-se segundo o diploma o prémio anual para as autarquias que se distinguirem na salvaguarda do património.⁶⁸

A Lei n.º 107/ 2001 de 8 de Setembro ⁶⁹ revoga a Lei nº 13/85 de 6 de Julho e define o património cultural como “*todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização*” (Art.º 2º, nº 1).

Segundo a Lei são bens de interesse cultural relevante os que “*reflectem valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.*” (Art.º 2º, nº 3), assim como os bens intangíveis que “*constituam parcelas*

⁶⁸ Cf. <http://www.policiajudiciaria.pt/PortalWeb/content/?id={959C0F4F-F0A5-4452-B44E-130406A0A244}>. Consultado em 20/09/2012.

⁶⁹ Cf. <http://dre.pt/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf> . Consultado em 29/09/2012.

estruturantes da identidade e da memória colectiva portuguesas”, (Art.º 2, nº 4) e ainda, os que “*como tal sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado Português, pelo menos para os efeitos nelas previstas.*” (Art.º 2, nº 5).

O Estado deve assegurar a transmissão da herança cultural nacional “*cuja continuidade e enriquecimento unirá as gerações num percurso civilizacional*” (Art.º 3º, nº 1).

Nos valores culturais materiais, distinguem-se os bens tangíveis, intangíveis e os diversos tipos de bens naturais (Art.º 14º). Os bens culturais “*imóveis podem pertencer às categorias de monumento, conjunto ou sítio podendo os mesmos serem reconhecidos como de Interesse nacional, Interesse público ou de Interesse municipal*” (Art.º 15º, nº 2).

Os bens culturais intangíveis reconhecidos como de interesse nacional designam-se por “*monumento nacional*”, os tangíveis designam-se por “*tesouro nacional*” (Art.º 15,º nº 3). Designam-se de “*Interesse público*” quando os bens culturais apesar do seu interesse cultural a protecção e a valorização desse bem como monumento nacional, se considerem desproporcionadas em relação à sua classificação (Art.º 15º, nº 5).

São bens de “*interesse municipal*” o património que seja reconhecido com valor cultural para o território do município. (Art.º 15, nº 6).

A preservação legal dos bens culturais apoia-se na classificação e na inventariação. A classificação é “*entendida como o acto final do procedimento administrativo mediante o qual se determina que certo bem possui um inestimável valor cultural*” (Art.º 18º,1º). A inventariação compreende “*o levantamento sistemático, actualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes a nível nacional, com vista à respectiva identificação*” (Art.º 19º, 1º).

De acordo com a citada Lei a classificação assim como a inventariação dos valores patrimoniais terão que enquadrar-se em categorias, como por exemplo:

- “ a) O carácter matricial do bem;*
- b) O génio do respectivo criador;*
- c) O interesse do bem como testemunho simbólico ou religioso*
- d) O interesse do bem como testemunho notável de vivências ou factos históricos;*
- e) O valor estético, técnico ou material intrínseco do bem;*
- f) A concepção arquitectónica, urbanística e paisagística;*
- g) A extensão do bem e o que nela se reflecte do ponto de vista da memória colectiva;*
- h) A importância do bem do ponto de vista da investigação histórica ou científica;*
- i) As circunstâncias susceptíveis de acarretarem diminuição ou perda da integridade do bem.” (Art.º 17º).*

No capítulo três, protecção dos bens culturais inventariados salienta-se que “*os bens inventariados gozam de protecção com vista a evitar o seu perecimento*” (Art.º 61º, nº 1).

No título dois da Lei refere-se que todos “*têm o dever de preservar, de defender e conservar e de valorizar o património cultural, não atentando contra a integridade dos bens culturais*” (Art.º 11º, nº 1, 2 e 3), tal como as colectividades que tenham como âmbito nos seus objectivos a preservação e a valorização do património (Art.º 10º).

De acordo com o DL n.º 215/2006,⁷⁰ de 27 de Outubro, no âmbito do PRACE, Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado, o Ministério da Cultura:

“tem por missão a definição e execução de uma política global e coordenada na área da cultura e domínios com ela relacionados, designadamente na salvaguarda e valorização do património cultural, no incentivo à criação artística e à difusão cultural, na qualificação do tecido cultural e na internacionalização da cultura portuguesa”. (Art.º 1º).

O Decreto-lei 139/2009 de 15 de Junho criou os processos jurídicos para a salvaguarda do património cultural intangível ou imaterial de acordo com a Convenção da Unesco de 2003⁷¹. Reconhece a importância dos valores culturais na *“internacionalização da cultura portuguesa”* e cria *“um sistema de inventariação através de uma base de dados que permite a participação das comunidades”*⁷². Com a publicação da Portaria n.º 196/2010⁷³, de 9 de Abril, são estabelecidos os formulários para a identificação, o registo e a inventariação do património cultural intangível e designa o Instituto dos Museus e da Conservação, como entidade coordenadora dos respectivos processos. No citado diploma definem-se igualmente os métodos, as técnicas de pesquisa e a formação académica dos interessados em promover trabalhos de campo. Ao Departamento de Património Imaterial, (PCI) do Instituto dos Museus e da Conservação, (IMC) compete:

*“cooperar com centros de investigação, estabelecimentos de ensino superior, autarquias e particulares com vista ao registo e divulgação dos bens imateriais, bem como estimular estudos e o desenvolvimento de metodologias de investigação para a salvaguarda eficaz do património cultural imaterial”.*⁷⁴

Com o Despacho n.º 1018/2011⁷⁵, de 12 de Janeiro é criada a Comissão para o Património Cultural Imaterial sendo disponibilizada ao público a Matriz do PCI, através de uma plataforma, com acesso livre.⁷⁶

A abordagem que fizemos ao conceito de património permite-nos afirmar que o mesmo tem evoluído, ao longo dos tempos tomando formas e conteúdos distintos conforme as épocas e as gerações. As sociedades temem a perda do seu passado, das suas origens, do conhecimento da sua própria história devido às grandes mudanças que ocorrem no mundo moderno.

A abordagem da legislação permitiu-nos constatar que para preservar, conservar e valorizar o património cultural existem vários procedimentos legais. Contudo a maioria dos mecanismos e dos procedimentos legais apenas poderão servir para demonstrar que aquele ou o outro património cultural é reconhecido e protegido pelos poderes públicos, não impedindo

⁷⁰ <http://dre.pt/pdf1sdip/2006/10/20800/75397548.pdf>. Consultado em 30/09/2012.

⁷¹ <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>. Consultado em 28/09/2012.

⁷² <http://dre.pt/pdf1sdip/2009/06/11300/0364703653.pdf>. Consultado em 30/09/2012.

⁷³ http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/DPI/DL/Portaria_196_2010%20-%20DPI.pdf. Consultado em 28/09/2012.

⁷⁴ Cf. http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/patrimonio_imaterial/ContentDetail.aspx. Consultado 28/09/2012.

⁷⁵ Cf. [http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/DPI/DL/Despacho_1018_2011%20\(Nomea%C3%A7%C3%A3o%20da%20Comiss%C3%A3o%20para%20o%20PCI\).pdf](http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/DPI/DL/Despacho_1018_2011%20(Nomea%C3%A7%C3%A3o%20da%20Comiss%C3%A3o%20para%20o%20PCI).pdf). Consultado em 30/09/2012.

⁷⁶ Cf. <http://www.matrizpci.imc-ip.pt/matrizpci.web/Apresentacao.aspx>. Consultado em 30/09/2012.

a degradação ou os actos de vandalismo. Muitas vezes a autoridade da própria Lei e das comissões nomeadas pelos poderes políticos não são suficientes para salvaguardarem os valores culturais do país. Torna-se assim urgente o envolvimento das comunidades locais que contando com a boa vontade do cidadão comum poderão atenuar as causas do desaparecimento dos valores culturais imateriais que marcam a nossa identidade.

Os cidadãos podem e devem participar na preservação do património cultural conforme as formas contempladas na Lei, os quais têm obrigação de o conhecer e proteger. As comissões nomeadas para a defesa dos valores culturais do país, nem sempre são empenhadas e por vezes dão maus exemplos aos cidadãos.⁷⁷ Contudo lembrando as comunicações do saudoso mestre e amigo, Padre João Pires de Campos, continuamos hoje a constatar que, tal como ontem, segundo as suas palavras:

“ usa-se e abusa-se da palavra Património Cultural. Uns servem-se da palavra para fazer proselitismo, procurando esconder complexos sociais ou arrecadar a curto ou longo prazo rendimentos pessoais ou colectivos; outros para se imporem socialmente como os mais cultos, e assim passam pelas academias ou congressos, mostrando relevada posição intelectual. Esta tentação já não é nova ”⁷⁸

Pacheco (1987) salienta:

“isto de património tem que se lhe diga. Todo o cão e gato fala nele.[...] Se pelo nosso património fizessem tanto quanto falam, viveríamos num autêntico paraíso cultural. Infelizmente, em muitos aspectos, enquanto, discursam desaparece uma casa do século XIX, uma rua inteira é demolida, um monstro de betão destrói um jardim, um velho artesão morre, um ofício antigo extingue-se...”⁷⁹

Segundo Dias (1963):

“Nós, portugueses, estamos não nas vésperas, mas em plena fase de perdermos toda essa riqueza do passado. Se não corrermos rapidamente a salvar o que resta, seremos amargamente acusados pelos vindouros, pelo crime indesculpável de ter deixado perder o nosso património tradicional, dando mostras de absoluta incúria e ignorância. Se não o fizermos, daqui a duas gerações podemos ser um povo descaracterizado e profundamente pobre”⁸⁰

Mendes (2009) refere:

“as questões relacionadas com o património estão na moda e toda a gente, hoje, invoca o património para justificar um número diversificado de acções ou de actuações. A propósito dessa “patrimoniomania” fala-se mesmo de fetichismo do património ou do património como alegoria.”⁸¹

⁷⁷Cf. <http://expresso.sapo.pt/ministeriodaculturaprocessamembrosdogrupodopatrimonioimaterial=f6380>
77. Consultado em 29/09/2012.

⁷⁸ CAMPOS, João Pires de. Considerações para a defesa do património cultural e natural. Trabalho não publicado. Arquivo André de Garcia. Consultado em 28/09/2012.

⁷⁹ PACHECO, Helder. (1987). *Op.cit.*, p.13.

⁸⁰ DIAS, Jorge. (1963). A Etnografia como Ciência. Separata da Revista de Etnografia, nº 1. Junta distrital do Porto. Porto, p.10

⁸¹ MENDES, J. Amado. (2009). Estudos do Património- Museus e Educação. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra, p.9.

Pensamos que mesmo por vaidade, interesses, por gosto ou por obrigações legais temos um dever a cumprir nos nossos territórios. Como filhos das terras que nos viram nascer e crescer temos a nobre missão de preservar os bens culturais, materiais ou imateriais para que os nossos filhos, os nossos netos nunca esqueçam as suas raízes históricas, a sua herança cultural que apesar de colectiva também lhes pertence. De acordo com Almeida (1993) “A experiência mostra-nos que o Património pode ser muito mais bem defendido pelas associações locais de defesa do património e pelas forças locais que pelo poder central.”⁸²

2.6 Património Turismo e Desenvolvimento Local

“Trabalhar com sustentabilidade e plantar um presente que garanta a subsistência das novas gerações num planeta que pede socorro e se aquece a cada dia. Pois melhor que plantar árvores, despoluir rios, proteger animais, é semear a consciência de que a garantia da vida é respeitar as fronteiras da natureza.”

Nildo Lage⁸³

As tradições orais populares, lendárias, míticas, memória de memórias transmitidas de geração em geração, reinventadas ao longo dos tempos, num processo de descoberta e redescoberta valorizam a cultura popular. Dão voz às pessoas simples e humildes do povo, e podem constituir um importante recurso para enriquecerem as atracções turísticas, nomeadamente nos territórios marcados pela desertificação e interioridade.

Apesar de existirem medos, receios de que o turismo possa prejudicar o património local, achamos que estes mesmos medos ou receios podem gerar, por sua vez, nos investigadores, nas comunidades e nas instituições locais, uma maior preocupação na defesa e na preservação dos bens culturais. Segundo Tinoco (2008):

“Estamos agora perante duas entidades sobre as quais muito discutimos nas últimas décadas o património e o Turismo. Já suspeitámos muito de ambas (...) O alargamento do conceito de património e a sua aceitação quase universal fizeram-nos rectificar o nosso erro. Do “turismo” desconfiámos ainda mais. O turista era o intruso, senão o agressor que nada entendia da “nossa” cultura. E, depois, tínhamos a certeza de que o turismo não era, não poderia ser, a salvação para os problemas da estagnação sócia e económica e, logo cultural, de que padeciam as comunidades num mundo em mudança que elas não entendiam (e, diga-se de passagem, nós também não). (...). Assim sendo, andávamos a fazer museus contra o mundo. Abrigos, refúgios, bunkers, capazes de salvar a nossa cultura do agressor. (...) Mas o tempo e, sobretudo, as experiências pioneiras de outros que ousaram mais do que nós, encarregaram-se de nos explicar o nosso erro e de nos reconduzir da vereda em que caminhávamos para a estrada larga da cultura, do turismo e do desenvolvimento.”⁸⁴

As diversas formas ou modalidades do turismo cultural também só existirão, por sua vez, se os valores culturais forem recolhidos, preservados, divulgados e valorizados. Os

⁸² ALMEIDA, C. (1993). *Op.cit.*, p.416.

⁸³ Cf. http://pensador.uol.com.br/autor/nildo_lage/. Consultado em 30/09/2012.

⁸⁴ TINOCO, Alfredo. (2008). Turismo e Desenvolvimento Local - Função Social do Património, in Livro das XVIII Jornadas sobre a Função Social dos Museus. Edição Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, p.181.

turistas deixarão de visitar e de permanecer nos territórios marcadas pela desertificação e interioridade, apesar de apinhados de muito e interessantes tesouros, nomeadamente, neste caso concreto do nosso estudo, em memórias orais populares. Tinoco (2008) argumenta:

“De há uns tempos a esta parte é comum ver e ouvir falar de “turismo rural”, de “turismo etnológico e/ou etnográfico”, de “turismo industrial”, de “turismo ambiental”, de “turismo desportivo”, de “turismo arqueológico”, de “turismo geológico e mineiro”, de “turismo cultural” e de outros turismos ainda mais especiosos e especializados. É que para todos estes novos turismos existem actualmente fortíssimos segmentos de públicos e existe, sobretudo, um enorme público potencial que está nas nossas mãos sensibilizar e satisfazer à medida das nossas capacidades de imaginação e de realização.”⁸⁵

Ao considerarmos que a economia está cada vez mais globalizada, reconhecemos que é necessário e urgente pensar-se e reflectir-se sobre a relação turismo, património e desenvolvimento local. Torna-se, na verdade, urgente pensar, identificar e analisar formas criativas e empreendedoras de preservar, divulgar e valorizar, os tesouros das memórias da tradição oral, com raízes na alma e nas tradições do povo, nos territórios da raia através das ofertas que se fazem ou poderão vir a fazer nas atracções turísticas. Nomeadamente nas diversas e inúmeras formas ou sectores do turismo cultural, desde o religioso ao profano, do místico ao esotérico, do geológico ao arqueológico, do gastronómico ao etnográfico, das festas e celebrações locais aos eventos culturais.

Citamos, como exemplo desta realidade, o trabalho inovador do nosso amigo e colega historiador, Dr. António Silveira Catana, que com criatividade, sabedoria e muito empenho envolveu as populações e as entidades locais no levantamento, estudo e divulgação das tradições quaresmais, trabalho publicado numa obra belíssima.⁸⁶ Anualmente, o município distribui e oferece gratuitamente ao público uma agenda “Mistérios da Pascoa em Idanha,”⁸⁷ com a divulgação das tradições, dos rituais e das memórias orais da quaresma do território raiano.

O Turismo motivado pelos desejos, interesses ou curiosidades do ser humano que vão desde o simples lazer ao conhecimento, experiência e vivência de novas realidades, da procura do fantástico e do maravilhoso popular ao mais excêntrico dos sonhos lunáticos que actualmente já pode ser concretizado através das actividades do recente turismo espacial.⁸⁸

Tinoco (2008) refere:

“Estamos hoje perante um novo desafio que é o de combinar de maneira diferente e inovadora a cultura e a economia, transformando os patrimónios e as memórias a eles associados em produtos turísticos no sentido real da palavra, isto é, com funções que impliquem a sua reelaboração produtiva.”⁸⁹

Sendo o turismo cultural motivado, em grande parte, pela procura de novos conhecimentos, novas realidades e vivências e de interacções com outras gentes e locais,

⁸⁵ TINOCO, Alfredo (2008). *Op. Cit.*, p.181.

⁸⁶ CATANA, António & FERREIRA, Hélder. (2012). Mistérios da Semana Santa em Idanha. Progestur.net.

⁸⁷ Cf. http://www.agencia.ecclesia.pt/dlds/bo/idanha_quaresma.pdf. Consultado em 30/09/2012.

⁸⁸ Cf. <http://www.turismoespacial.com/>. Consultado em 30/09/2012.

⁸⁹ TINOCO, Alfredo (2008). *Op. cit.*, p.182.

baseadas na curiosidade cultural, nos costumes e nas tradições da identidade cultural típica dos territórios, poderá converter os locais deprimidos em territórios interessantes e atraentes tornando-os economicamente rentáveis.

Contudo reconhecemos que são muitas as discussões em torno do património e da sua utilização como “mercadoria”, que possa ser vendida em pacotes turísticos atenuando as dificuldades económicas de um determinado território, contribuindo também para o desenvolvimento local. Segundo Tinoco (2008):

“De facto, o turismo é hoje uma actividade transversal que proporciona variadas oportunidades de desenvolvimento económico e de enriquecimento cultural das comunidades locais e daqueles que as visitam. E, no caso do património ao utilizá-lo como recurso turístico permite rendibilizar as despesas com a sua conservação e reabilitação que, como referimos são muito dispendiosas. Esta nova e intensa actividade usando o património como recurso turístico, obriga-nos a cuidar mais eficazmente dos bens culturais e a tornarmo-nos todos responsáveis por eles e pela sua conservação e, nesse sentido, é um poderoso factor de educação patrimonial e de educação para a cidadania; obriga-nos a associar o património cultural e os recursos naturais e ambientais, percebendo deste modo a importância da preservação da Natureza e tomando consciência da necessidade de uma correta gestão dos recursos.”⁹⁰

Mas a preservação ou a valorização da cultura transformada num produto comercial, pode também gerar processos conflituosos, de competição ou mesmo de transformação nos territórios, provocando mudanças nas vivências e nas mentalidades das gentes locais. A cultura local ela própria factor de identidade, gerador de união e de proximidade entre os elementos da comunidade, pode acabar por interferir negativamente nos comportamentos e nas atitudes quotidianas dos cidadãos.

Vejamos dois exemplos locais contraditórios desta realidade:

“sempre bem recebidos por Ti Chitas que com infinita paciência repetia histórias e canções, convidando-os para sua casa onde lhes dava de comer e por vezes guarida até ao dia seguinte. Foi assim que um dia, acompanhado pela Teresa e pelos nossos filhos Pedro e Tiago, depois de termos conversado e gravado, comemos um frango frito e uma salada de tomate que não mais esquecemos.”⁹¹

“Ah! Andames p’rá qui a dar ó canãle e no ganhames nada! Atão pra sâr p... e no ganharemos nada mai vale sâr mulher honrada!”⁹²

Os dois exemplos, contraditórios estão relacionados com as gentes simples do povo e revelam algumas das transformações já ocorridas com o desenvolvimento do turismo local. O primeiro exemplo relacionado com a “Ti Chitas” revela-nos uma época em a freguesia era visitada, descoberta por estudiosos e investigadores. As gentes simples acolhiam os visitantes nas suas próprias casas e com infinita paciência repetiam histórias e canções sem fim. O segundo exemplo, relacionado com uma situação recente, silencia a alma simples e humilde

⁹⁰ TINOCO, Alfredo (2008). *Op. cit.*, p.181.

⁹¹ Domingos Morais: Catarina Chitas - Uma lição para escutar e aprender. Cf. <http://asp3.blogspot.pt/2004/01/recolha-catarina-chitas-uma-liao-para.html>. Consultado em 30/09/2012.

⁹² Resposta de uma informante à nossa solicitação de participação numa actividade pública onde actuavam também grupos profissionais exteriores à comunidade. “Diálogos na raia”, testemunhos orais depositados no arquivo André de Garcia. Consultado em 30/09/2012.

das gentes da raia, daquele povo que na hora da despedida saudava com um sagrado “Vá com Dâs” ou na hora do agradecimento ouvíamos com um sorriso, um grande “bem-haja”.

Se este exemplo nos preocupa, por ser um problema revelador de mudança nos comportamentos e nas atitudes por parte de determinados elementos da comunidade que ao observarem os movimentos turísticos no território acabam por se sentirem excluídos do processo ou dos benefícios económicos. Também obscurecem os aspectos positivos do turismo, mas, mais grave que isto, é o puro e simples afastamento ou alheamento dos cidadãos em relação ao que podem concretizar na sua comunidade, valorizando as suas raízes e dignificando a cultura local.

Assim consideramos que é necessário dar a conhecer e envolver todas as populações nas memórias e nos valores culturais do passado identificando-os com o presente criando-se de certo modo, um sentimento de posse, por ser parte de uma herança colectiva que é também pertença de todos. Os valores patrimoniais para além dos interesses históricos, educativos ou mesmo lúdicos transformam-se de facto, quando são sentidos e vividos pelas comunidades, numa espécie de memorial de heranças colectivas e comunitárias no qual as populações se revêem, partilhando valores e sentimentos.

Segundo Jacinto (2008) o conceito de Geopark:

“mais do que a classificação patrimonial da área que o caracteriza, com limites bem definidos, é sobretudo um projecto de desenvolvimento sustentável, que pretende envolver as pessoas, as empresas e as instituições do território, tendo por base o seu património de excelência, de grande relevância internacional, para criar riqueza, influenciar o PIB do território, criar emprego líquido e garantir a preservação desse mesmo património para as gerações futuras. Os geosítios que caracterizam o Geopark, bem como a biodiversidade e o património histórico-cultural, são assim valores que se pretendem preservados com a acção das populações, acarinhando e preservando o que de mais genuíno e autêntico possuem. Objectivos como o desenvolvimento sustentado, qualificação, a conservação e desenvolvimento científico, a educação, explorando métodos de excelência e organizando actividades para o público, comunicando o conhecimento e a prática de conceitos ambientais e culturais, são assim os alicerces fundamentais na definição abrangente de Geopark, claramente definidos e obrigatoriamente desenvolvidos pela gestão destes territórios.”⁹³

Sabemos pela nossa própria experiência que a divulgação dos valores culturais junto da comunidade, envolvendo e empenhando as populações nas acções programadas origina um forte sentimento de posse, levando desde os jovens aos mais idosos a um empenhado e interessante movimento de defesa, protecção e valorização dos bens culturais.

Carvalho (2003) refere:

“ Quanto à protecção e preservação destes espaços e estruturas geológicas, o circuito paleontológico apresenta características quase singulares em Portugal: é comum encontrar a frase “É PROIBIDO DANIFICAR OS FÓSSEIS” escrita junto de alguns focos de interesse. É frequente a população local, pessoas simples mas sensibilizadas há muito para a preservação de um legado patrimonial que considera seu, indicar espaços onde se podem encontrar icnofósseis em maior quantidade, deixando sempre a advertência “há ali muitas pedras ao pé daqueles eucaliptos, mas não leve as pedras de cá...”. Este é um caso único num país que só agora “acorda” para as elevadas potencialidades do seu património natural, ainda que algo

⁹³ JACINTO, Armindo. (2008). Geopark Naturtejo - Unidos Por Natureza, in Livro das XVIII Jornadas sobre a Função Social dos Museus. Edição Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, p.106.

delapidado pela degradação que tem vindo a sofrer através de actos vergonhosos, alguns com a “bênção” de entidades estatais.”⁹⁴

Constata-se que na referida comunicação o autor não refere o nosso trabalho enquanto dirigente associativo nas ferozes cruzadas em prol dos valores do património cultural e natural de Penha Garcia, sendo o mesmo do conhecimento público e constando nos arquivos da colectividade.

Salientamos que a nossa intervenção nas Fragas do Ponsul, foi concretizada há muitos anos e foi um sonho transformado em realidade, muitos anos antes de existir a ideia de um geoparque para o território. Foi elaborado um inventário, registo dos fósseis do Ponsul que nos permitiu controlar os saques e as destruições que aumentavam de dia para dia, nomeadamente com as excursões dos alunos das universidades. O referido inventário foi apresentado num encontro de investigadores da região, nas instalações do IPJ de Castelo Branco.⁹⁵

Efectuaram-se igualmente recolhas sobre as lendas e as histórias relacionadas com as fragas e colocaram-se nas ruas da vila, na estrada principal e nos caminhos de acesso ao local das fragas, placas sinaléticas e informativas, alertando para não se danificarem os fósseis. Mesmo assim, não nos foi possível travar o atentado que alguns funcionários do município, trabalhando nos depósitos, junto da barragem, tivessem “*scavacado*”, extraído e vendidos uns reboques de pedra que acabaram por “*forrar*”, decorar as piscinas do Hotel Fonte Santa, nas Termas de Monfortinho.⁹⁶

Todo o património que é visto, sentido e vivido como algo que é útil e necessário à comunidade resistirá no tempo e na memória dos homens, se for sentido como algo estranho, forçado no tempo e no espaço, embora resista fisicamente acabará por desaparecer na alma e no espírito das populações.

Perecem muitas iniciativas, assim como projectos turísticos porque um dos maiores erros que se pode cometer é tentar edificar nas e para as comunidades iniciativas ou projectos independentemente da sua natureza, sem integrarem a participação ou a colaboração das populações locais. Estarão, na verdade condenados à resistência, ao esquecimento, abandono, e a situações de conflito. Apresentamos como exemplo a implementação de um carro de combate “Tanque de Guerra”⁹⁷, no Largo do Chão da Igreja, à entrada da vila, próximo de um parque infantil e ocupando uma grande parte do espaço do antigo cemitério destruído para construção do referido largo.

⁹⁴ CARVALHO, Neto. (2004). Os Testemunhos que as Rochas nos Legaram: Geodiversidade e Potencialidades do Património do Canhão Fluvial de Penha Garcia, *in* Associação Portuguesa de Geólogos. Geonovas nº 18, p. 49.

⁹⁵ Primeiro encontro de investigadores do distrito de Castelo Branco, realizado em 1980, nas instalações do I.P.J. Actas não publicadas. Documentação existente no arquivo André de Garcia. Consultado em 30/09/2012.

⁹⁶ Uma das personagens envolvidas no “atentado” surge-nos actualmente como o “guardião” dos fósseis, uma vez que é o responsável pela guarda do parque Icnológico de Penha Garcia.

⁹⁷ Tanque de guerra em Penha Garcia.Cf. http://www.youtube.com/watch?v=v4mwZNy_4il. Consultado em 30/09/2021.

De facto o reconhecimento, a valorização ou qualquer intervenção no património, como algo que pode servir e contribuir para o desenvolvimento local, através do turismo e das inúmeras actividades turísticas deve permitir os olhares, as sugestões, a participação, a intervenção e a avaliação dos cidadãos. Muitas vezes, devido às suas condições socioeconómicas e de analfabetismo estes não têm voz. Assim, a voz dos representantes das diversas instituições locais deverão fazer-se ouvir transmitindo as preocupações e os anseios das populações. Vejamos a ausência da voz das gentes locais através da transcrição de um excerto da introdução da apresentação das *XVIII Jornadas do MINOM sobre a Função Social do Museu*, realizadas entre 25 e 28 de Setembro de 2008, na Vila de Idanha-a-Nova:

“Geoturismo e Desenvolvimento Local” foi o tema de discussão durante as XVIII Jornadas do MINOM sobre a Função Social do Museu, em Idanha-a-Nova, entre 25 e 28 de Setembro de 2008, onde mais de 50 profissionais de (geo) turismo, políticos, gestores locais, ambientalistas e geólogos discutiram turismo, desenvolvimento local, geoconservação, estratégias de marketing, projectos de geoparques, investigação científica, boas e más práticas e novos projectos. Este livro resulta do aceso debate sobre os principais temas, Geoturismo & Desenvolvimento Local e Rotas Culturais & Identidades, que uniu pessoas de diversas áreas do conhecimento para discutir vários exemplos do Território-Museu Geopark Naturtejo Meseta Meridional, nos fóruns de reflexão e durante as agradáveis excursões realizadas.”⁹⁸

Constatamos em Jacinto (2009) um grande conhecimento, reconhecimento e forte empenhamento na valorização de todos os valores culturais do território, conforme refere:

“O Geopark oferece no seu conjunto um vasto e riquíssimo património natural, histórico e cultural, caracterizado nos 16 geossítios [...] Este, hoje reflecte uma unidade milenar entre as infundidas práticas humanas e o ambiente inspirado, que as gentes souberam transportar por iguais heranças, através dos usos costumes e tradições, que se reflectem nas práticas do dia-a-dia, na gastronomia, no artesanato, nos produtos regionais, na música, nas práticas religiosas e agrícolas, entre muitos outros ao longo do ciclo anual. Uma unidade territorial tão vasta quanto diversificada nos pontos de vista da evolução geológica e geomorfológica das paisagens, da sua biodiversidade, da história, da sua arquitectura, tradições e costumes das suas gentes, enriquece valores patrimoniais imateriais difundidos na linguagem, nas artes na música. [...] São todos estes valores patrimoniais que a Naturtejo, enquanto empresa intermunicipal de promoção turística que dirige o Geopark Naturtejo, procura hoje dar a conhecer na Europa e no Mundo, através da integração do território na Rede Europeia e Global de Geoparques da UNESCO.”⁹⁹

Verificamos uma certa contradição, neste nosso breve olhar crítico, sobre o território pois, há teoria e ao conjunto das boas intenções deverá corresponder uma prática e incontestável integração e envolvência das populações nos desejos, nos sonhos e nos objectivos do nobre e grandioso projecto do Geopark. O conhecimento por parte das populações dos objectivos e dos interesses, do que se pretende promover a nível turístico num determinado território gere um clima de harmonia, com bases de apoio e de solidariedade, para com essas mesmas políticas.

⁹⁸ Livro das XVIII Jornadas sobre a Função Social dos Museus. Edição Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, p.7.

⁹⁹ JACINTO, Armindo (2008). *Op. cit.*, p.106.

A experiência tem demonstrado que as populações locais, onde o património é promovido e preservado de forma criativa com a sua colaboração, elas próprias o defendem e apoiam “*com unhas e dentes*”, muitas vezes demonstrando até um bairrismo avivado, que se encontrava adormecido no tempo.

Citamos aqui, como exemplo, as nossas intervenções na recuperação do antiquíssimo castelo templário, das antigas capelas da Vila, sem qualquer tipo de classificação e em ruínas deploráveis, e na aquisição do bloco das casas etnográficas, na praça medieval do Pelourinho. Iniciativas inéditas, exemplares e extraordinárias por envolverem a comunidade local, mas constantemente omitidas pelos técnicos e guias de turismo, nos folhetos e nas comunicações apresentadas, como se a preservação e a divulgação dos valores culturais de Penha Garcia, seja apenas fruto de um trabalho recente.

Também reforçamos que não deverá existir, desinteresse pelos conhecimentos e experiências dos filhos do território, desvalorizando-se a “*prata da casa*” e procurar-se lá longe o ouro que se encontra na terra. Por outro lado, achamos que os responsáveis pelas iniciativas do turismo na região, devem partilhar e aceitar conhecimentos, próprios das diferentes áreas do saber porque, ninguém possui todo o conhecimento ou é detentor da verdade absoluta. Assim os diversos saberes e experiências deverão complementar-se num trabalho de equipa, num espírito de entre ajuda que permita encontrar caminhos e alternativas enriquecedoras para o turismo e o desenvolvimento local.

As equipas gestoras ou coordenadoras do turismo deverão integrar nos seus quadros elementos das diversas áreas do conhecimento de modo a evitar a sobrevalorização de conteúdos de determinadas áreas do conhecimento em detrimento de outras que ficam empobrecidas ou caem no esquecimento. Rodrigues (2008) salienta:

“A nossa história e a da Terra estão intimamente ligadas. As suas origens são as nossas origens (Declaração de Digne, 1991. [...] Como já foi referido anteriormente, o geoturismo necessita de ter outras valências para além da geodiversidade, não só para diversificar a oferta como também para contribuir para o desenvolvimento sustentável. Um destino torna-se mais rico quanto mais variadas forem as ofertas, mesmo quando se trata de um segmento turístico especializado, como o geoturismo. Um local com um rico património Geológico tem que juntar as valências das abordagens histórica, cultural e natural (biológica e geológica).”¹⁰⁰

Assim, quanto menos interesse económico despertar um certo tipo de património, menos garantia terá de ser preservado, estudado ou ser alvo de protecção e de investimento, por parte das entidades públicas.

O Património tem também um papel importante na promoção dos produtos e dos sabores locais como a gastronomia, os vinhos, o pão, o artesanato local e muitos outros produtos que constituem uma mais-valia para o desenvolvimento local, conforme constatamos no seguinte excerto da apresentação e divulgação do Geopark Naturtejo:

¹⁰⁰ RODRIGUES, Joana de Castro. (2008). Geoturismo - Uma Abordagem Emergente, in Livro das XVIII Jornadas sobre a Função Social dos Museus. Edição Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, p. 44.

“No Geopark Naturtejo há 600 milhões de anos de história para descobrir. Escolha algum dos vários percursos pedestres e sinta a natureza selvagem de hoje e de ontem neste parque geológico onde a história vive tão perto de si. Arte rupestre, vida selvagem, pegadas que os homens foram deixando ao longo dos séculos podem ser apreciadas no Geopark Naturtejo. Desde a pré-história à cultura e tradição regionais mais recentes não faltam pontos de interesse neste local rodeado de natureza. Abrange várias regiões que se estendem por 4.600 km². Da Raia, à Beira Interior, passando pelo Alto Alentejo, com fascinantes lugares para descobrir. Aqui, as actividades geoturísticas desenrolam-se paralelamente a uma vasta e original oferta de produtos turísticos de qualidade, que vão da gastronomia ao património histórico e dos eventos desportivos às festividades religiosas tradicionais.”¹⁰¹

Mas as memórias de tradição oral tradicional também devem ser extremamente valorizadas e divulgadas em todos os sectores dos diversos tipos de turismo, envolvendo e integrando os contextos e as personagens locais, porque muitos deles, apesar de tão “velhinhos” como as rochas, também eles, são verdadeiros testemunhos do passado e contam a história da Terra. Na introdução da apresentação do Geopark podemos verificar mais uma vez o reconhecimento da importância dos testemunhos das gentes locais:

“Gozando de uma excelente localização e acessos, o Geopark Naturtejo abre-lhe os horizontes e oferece-lhe mais de 4.600 Km² de terra para descobrir. Apure todos os seus sentidos e deixe-se surpreender. Veja o que esta região tem para lhe mostrar, ouça o que as gentes têm para contar, sinta as marcas que o tempo foi deixando, delicie-se com os aromas que se desprendem da paisagem e saboreie cada momento como se tivesse todo o tempo do mundo. Neste site encontra uma selecção do melhor que o Geopark Naturtejo tem para oferecer. Para além do que lhe damos a conhecer, há muito para descobrir. Deixe-se cativar por esta região e desvende toda a sua beleza. É natural que se surpreenda com tudo o que o espera. No Geopark Naturtejo vive-se de forma plena e quem vem de fora fica para sempre cá dentro. Dentro do coração deste povo, na memória desta terra que quem conhece, não esquece.”¹⁰²

Todos os esforços empregados no desenvolvimento do turismo no território poderão gerar dinamismos criativos e empreendedores criando postos de trabalho, logo melhorando as condições de vida das populações locais que se estendem também a outros territórios envolvendo hotéis, restaurantes, transportes e outros serviços. Outra questão importante é a necessidade de garantir o rigor e a autenticidade dos bens patrimoniais, que identificam os territórios evitando a massificação despersonalizada dos produtos ou das tradições. Assim, no Geopark vão surgindo geoprodutos com qualidade certificada, desde os geo-restaurantes às geo-padarias, entre muitos outros produtos que poderão surgir. Segundo Rodrigues (2008):

“o desenvolvimento e a promoção de uma região passam por uma boa estratégia de geoturismo envolvendo intervenientes de vários sectores. A cultura local é outro factor preponderante no que diz respeito ao desenvolvimento sustentado e a sua dinamização no âmbito do geoturismo. As tradições estão cada vez mais a ser valorizadas tornando-se um foco de atracção turística que complementam plenamente o património Geológico. Destaque-se o exemplo do artesanato que é apreciado por ser um produto genuíno, típico de uma região. Do mesmo modo, os ranchos folclóricos, os grupos de cantares, de adufeiras ou os tocadores de concertina marcam as tradições locais e permitem que os turistas revivam os locais que visitam. Para os habitantes de uma região é extremamente importante a percepção de que o local onde habitam tem valor e suscita o interesse de quem visita e que procura nos habitantes contadores de histórias e tradições, por vezes para explicar

¹⁰¹ Cf. <http://www.naturtejo.com/conteudo.php?id=19>. Consultado em 30/09/2012.

¹⁰² Cf. <http://www.naturtejo.com/conteudo.php?id=19>. Consultado em 30/09/2012.

fenómenos e ocorrências geológicas. Deste modo poderão entrosar-se e enriquecer as visitas de quem por lá passa.”¹⁰³

Segundo Daniel Vila (2002) é importante que exista uma certa ponderação na “mercantilización”¹⁰⁴ dos bens culturais. O turismo deve ser uma forma de intercâmbio e de conhecimento entre culturas e não uma simples ocupação do território com objectivos puramente economicistas. Pensamos que os valores culturais devem ser encarados como um factor de proximidade e de identidade e não como uma mera mercadoria comercial. Contudo, tendo em conta, a falta de incentivos e de apoios à manutenção, preservação e conservação dos bens culturais aceitamos que mais vale a transmutação do património em bens de consumo do que presenciar a sua total ruína e abandono.

CAPITULO III

3. CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

3.1 PENHA GARCIA: TERRA E GENTES

3.1.1 ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E SOCIAL

A Vila de Penha Garcia é desde 1855 pela eliminação do concelho, uma das dezassete freguesias do concelho de Idanha-a-Nova. É demarcada a Norte pelo concelho de Penamacor; a Oeste, pela freguesia de Monsanto (figura 3); a Sul pela freguesia de Monfortinho e a Leste, pelo rio Erges que separando as duas margens, constitui a linha de fronteira entre Portugal e o reino de Espanha.

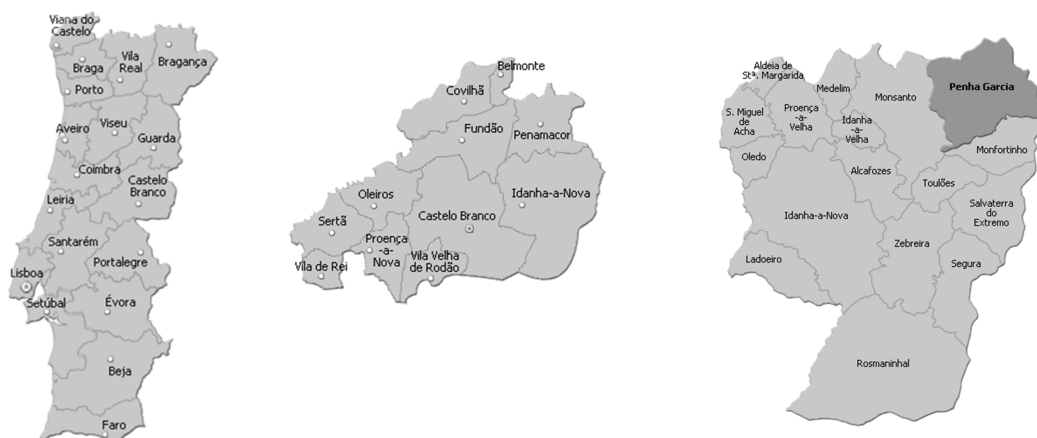


Fig. 1 Mapa de Portugal continental, fig. 2 Mapa dos concelhos do distrito de Castelo Branco, fig. 3 Mapa do concelho de Idanha-a-Nova, salientando-se o território da freguesia de Penha Garcia.¹⁰⁵

¹⁰³ RODRIGUES, Joana de Castro. (2008). *Op. cit.*, p. 48.

¹⁰⁴ DANIEL VILA, Aurora. (2002). El Turismo Cultural o la Mercantilización de la Cultura. Cf. http://www.naya.org.ar/turismo_cultural/congreso/ponencias/aurora_daniel_villa.htm. Consultado em 30/09/2012.

¹⁰⁵ Mapas consultados e retirados do site Portugal Veraki. Cf. <http://portugal.veraki.pt/>. Consultado em 28/09/2012.

Penha Garcia apresenta uma área total de 128,569¹⁰⁶ km² e distancia-se da sede do concelho cerca de 26 km. Pelas suas características é um território rural, com problemas de ordem social comuns às outras freguesias do concelho, população envelhecida, falta de mão-de-obra qualificada e escassez de infra-estruturas capazes de contribuir para a fixação de população jovem. Tem como desafios essenciais através do turismo implementar medidas para a qualidade de vida dos residentes e desenvolver estratégias para o desenvolvimento económico que possam contribuir também para a fixação de pessoas através do aumento e diversificação da oferta de emprego.

Quanto à população, esta tem vindo a diminuir ao longo dos anos, ocorrendo uma forte desertificação e envelhecimento dos habitantes de todo o território.

Na freguesia de Penha Garcia, o número de habitantes, segundo os censos de 1981 era de 1314, em 1991 diminuiu para 1094 e em 2001 para 928. Com um índice de envelhecimento em 2001 calculado em 40,80%, dado que existiam 377 pessoas com mais de 65 anos, a densidade populacional era de 7,3 hab./Km². Segundo Fonseca (2005):

“as populações rurais debatem-se com inúmeras necessidades (...) a migração do mundo rural para zonas urbanas despovoou as comunidades (...) O fenómeno de migração do mundo rural para as zonas urbanas, comum à generalidade dos países e com a especificidade própria de Portugal, ajuda a tornar a vida dos idosos rurais francamente menos idílica (...) O interior rural de Portugal é, na sua generalidade, uma zona envelhecida e fracamente povoada, donde os mais novos saíram, sobretudo a partir da década de 60, para as cidade e para o estrangeiro, à procura de uma vida melhor. Muitas das nossas aldeias são “terras de velhos”, onde se fecham as escolas primárias e se abrem lares de idosos. É globalmente neste tipo de contextos que os idosos permanecem, ora entregues a si próprios, aos seus cônjuges e companheiros de uma vida, ora institucionalizados”¹⁰⁷

3.1.1.1. O Associativismo Local

Em profunda contradição com a realidade, anteriormente citada, surge-nos na Vila um grande dinamismo local, cheio de vitalidade, assente num forte movimento associativo por parte da população jovem e idosa da freguesia.

Adormecida no tempo e sofrendo muito com as intempéries da natureza e a acção criadora/ destruidora do homem, a Vila renasce de um passado erguido com a força dos sonhos da juventude local, que soube juntar ao esforço, a boa vontade dos adultos e o apoio de diversas entidades e instituições. Na freguesia fundaram-se várias associações, de acordo com os interesses dos sócios e as necessidades culturais da terra. Assim fundou-se a Associação de Defesa do Património Cultural e Natural de Penha Garcia, o Grupo Etnográfico e Folclórico “Os Garcias”, a Liga dos Amigos de Penha Garcia, o Clube Desportivo e Recreativo

¹⁰⁶Cf. <http://portugal.veraki.pt/freguesias/indexf.php?idfreg=2366&op=DD>. Consultado em 30/09/2012.

¹⁰⁷ Diagnóstico Social do Município de Idanha-a-Nova. Perfil Psicossocial de Idosos Rurais do Interior de Portugal, p. 28. Cf. http://www.cm-idanhaova.pt/gass/pdf/diagnostico_social.pdf. Consultado em 20/09/2012.

de Penha Garcia, o Clube Equestre “Rancho das Casinhas” e a Associação de Caça e Pesca de Penha Garcia.

Na luta pelo progresso e na defesa dos valores locais salientam-se os esforços da Rádio Amizade, do Jornal Aldeia Viva e da Associação de Defesa do Património Cultural e Natural de Penha Garcia, na divulgação, preservação, reconstrução e valorização do património local. São exemplos reais os esforços concretizados da reconstrução do antiquíssimo castelo, dos antigos templos, a aquisição do núcleo de casas típicas na praça medieval, a valorização e a divulgação das fragas do Ponsul, com as suas cobras “*bichta pintada*”, hoje designados por icnofósseis e a preservação das memórias locais, com recolhas dos relatos de histórias de vida, preservando-se desta forma muitos usos, costumes e superstições locais.

A maior parte destes jovens, actualmente “*homens feitos*”, com responsabilidades em vários domínios profissionais, continuam a sonhar, a concretizar e a envolver a comunidade local no desenvolvimento da terra, cujas raízes se perde na longa noite dos tempos.

Estes grupos culturais e recreativos, nomeadamente a Associação de Defesa do Património Cultural e Natural de Penha Garcia, o Grupo Etnográfico os “Gracias” e o Rancho Folclórico de Penha Garcia, com as suas adufeiras, têm preservado a cultura tradicional e popular da região.

O Grupo de Adufeiras, assim como o Grupo Etnográfico de Penha Garcia, constituídos por gente simples, gente que nas árduas tarefas do campo, trabalhando de sol a sol, encontrou sempre na dança, nas canções e no toque do adufe, “*pandarêtas*” ou ferrinhos, uma alegria imensa que conseguia superar as mais profunda das tristezas. O tempo e as suas agruras marcavam os rostos de mulheres e homens da raia, mas as suas almas libertavam-se nos sentimentos e nas paixões conforme constatamos na seguinte quadra que ouvimos e recolhemos da “Ti Chitas”:

*Quem m’óvera d’ ouvire cantare
Julgará que s’tou alegre
S’cante tude m’esquece
S’tchore tude m’alembra
Tânhe m’a pena no pête
Dâsde Demingue à tarde
Tod’as penas voam
Só esta voare no sabe¹⁰⁸*

Com as mãos calejadas pelo trabalho, pelo suor e sangue jorrado nas canseiras da vida, estas gentes sempre souberam encontrar um refúgio nas tradições cantando, bailando e

¹⁰⁸ Recolhas por nós escritas e em gravação áudio dos testemunhos da “Ti Chitas” depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 27/09/2012.

animando com alegria as velhas praças da Vila, os terreiros das romarias, em dias de festa e as paragens dos trabalhos, como as ceifas e as malhas.

Hoje com os seus cantares, verdadeiras pérolas do cancionero literário popular da Beira Baixa, dão a conhecer a alma, o amor, os sentimentos, a religiosidade, o sagrado e o profano das gentes da Raia. Ao som do toque dos inconfundíveis adufes da região, transportam o público para vivências e recordações de séculos de história, onde se cruzam raízes e longínquas heranças judaicas, árabes e castelhanas. O grupo mantém vivas as tradições orais ancestrais, faz renascer crenças, costumes, danças e canções antiquíssimas, verdadeiros tesouros perdidos, tão velhos como a alma e o sangue do povo raiano.

Com o apoio da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, a Associação de Defesa do Património de Penha Garcia, o Grupo Etnográfico “ Os Garcias” e o Grupo das Adufeiras do Rancho Folclórico de Penha Garcia têm-se destacado como verdadeiros embaixadores da cultura popular da raia, divulgando o grandioso, vastíssimo e misterioso património etnográfico do Concelho.

Das iniciativas programadas e concretizadas destacam-se as Jornadas Etnográficas de Penha Garcia ou “Festas Antigas da Vila” que de dois em dois anos dão a conhecer aos habitantes mais novos e aos visitantes os valores culturais da freguesia, enaltecendo e divulgando as tradições, os usos e costumes, os contos, as crenças e as superstições. Promove-se assim o desenvolvimento do turismo no concelho, valorizando-se igualmente o património histórico-cultural, literário e etnográfico do território.

Estimula-se também a instalação de exposições organizadas com os produtos das recolhas locais, com fotografias antigas, pratos antigos ou trajes regionais, lembrando acontecimentos ou personagens históricas do território. Recordam-se e dão-se a conhecer às novas gerações personagens locais, já falecidas, que marcaram o quotidiano da Vila, nomeadamente cantadores, tocadores, bailadores e narradores de contos, “s’tórias” ou partes de vida.

3.1.1.2 As Personagens Históricas

3.1.1.3 “Ti Gago”

Destacam-se nestas personagens o “Ti Gago”, famoso pelos “*despicos*” nos cantares ao desafio¹⁰⁹ nas rondas¹¹⁰ pelas ruas da Vila (figura 4) dos quais damos conta através de algumas quadras recolhidas.

¹⁰⁹ Cantares de Penha Garcia. Cf. www.youtube.com/watch?v=NW2bgd46su4. Consultado em 28/09/2012.

¹¹⁰ Na linguagem popular “*ronda*” significa um grupo de homens que canta durante a noite pelas ruas da Vila.



Fig.4 “Ronda” nas ruas de Penha Garcia com o “Ti Gago”¹¹¹

Quadras da Ronda de Penha Garcia¹¹²

*Esta noute sai a ronda
Quem sará o rondadore
Quem toca é mê prime
Quem canta é mê amori*

*Ca m’dera ma mãe
Entes qu’fóra ma silva
Entes qu’ela m’piquera
Sempre ê era sua filha*

*Esta noite sai a ronda
Sai a ronda até d’dia
S’fosse rapaze soltêre
Esta noute no drumia*

*O cego que nasce cego
O seu alívio é cantar
Eu que vi e chegue
A minha vida é chorar*

3.1.1.4 “Ti” Moreira

Salientamos, também o “Ti” Moreira, notável tocador de viola beiroa, no território raiano (figura 5). Não tivemos a felicidade de conhecer o “velhote”, famoso, cobiçado e disputado pelos grupos de homens que organizavam as desgarradas nas velhas tabernas e as rondas pelas ruas da vila. Consta na freguesia, pela voz do povo que as serenatas às “catchopas” que fossem realizadas sem a tocata do velho Moreira não matavam o “bitcho”¹¹³ aos rapazes. Segundo os idosos da freguesia¹¹⁴ só o som das melodias saído das cordas da viola beiroa conseguia abrir as portas das casas das raparigas cobiçadas, onde por uso e costume da terra, o pai da “catchopa” aceitando o galanteio dava de beber aos rapazes e acabava por entrar também ele na farra.

¹¹¹ Imagem reproduzida da fotografia original doada pelos familiares do Ti Gago ao arquivo André de Garcia. Consultado em 21/09/2012.

¹¹² Quadras da ronda, por nós recolhidas através de gravação áudio, em 1980 e depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 21/09/2012.

¹¹³ Matar o “bitcho” significa dar de beber aos participantes.

¹¹⁴ Conforme consta nas nossas recolhas, gravações em áudio, realizadas em 1980 e depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 28/09/2012.

A escassez de recordações, de vivências ou de outras memórias relacionadas com o “Ti” Moreira, levou-nos a procurar na bibliografia referências sobre esta grande personagem local.



Fig. 5 “Ti” Moreira a tocar a viola beiroa¹¹⁵

Assim, encontramos na obra, *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*,¹¹⁶ algumas das tão desejadas referências que nos possibilitaram conhecimentos e lembranças relacionadas com a personalidade do “Ti” Moreira, conforme salienta Oliveira (2000):

“A Região da Beira Baixa esteve representada pela tocadora de adufe, Catarina Chitas, que nessa altura nos falou do Manuel Moreira como sendo o último tocador de viola daqueles sítios. Ele vivia no flanco da serra do Ramiro oposto ao de Penha Garcia, o que nos obrigou a contornar essa serra. O percurso alongou-se, fez-se noite, a estrada deu lugar a uma vereda que o velho Citroen 2 cv a custo vencia, com coelhos bravos a saltar à nossa frente, e a toda a volta o silêncio e o negrume total. No momento da desistência lobrigámos uma luzinha - saí do carro e gritei por ajuda para encontrar o Tio Manuel Moreira. Como por encanto, lá do alto uma voz respondeu: “É aqui!” Subimos a encosta e fomos ao seu encontro. Foi como se já nos conhecêssemos de há longos anos. Apesar de nunca ter saído desse pequeno mundo rural, de não conhecer sequer Castelo Branco, prontificou-se de imediato a ir a Lisboa, dado ir na companhia da Catarina Chitas. Evoco a sua entrada no palco, de calças de bombazina e faixa preta, um sorriso confiante e sereno, a sua belíssima execução musical. Depois de terminar despediu-se do público com um gesto profundamente natural e afectivo, secundado pela saudação “Deus vos abençoe”.”¹¹⁷

Com um “dês vos abenço” se despediam os idosos do nosso território, expressão carregada de alma, demonstrando a bondade e a simplicidade do povo da raia. Imortalizado na obra citada poderá ser recordado por todos aqueles que verdadeiramente amam e se interessam pelas riquezas que o nosso povo guarda na memória.

3.1.1.5 “Ti Chitas”

¹¹⁵ Imagem reproduzida da fotografia original que nos foi cedida pelos familiares do “Ti” Moreira, em 1980 e depositada no arquivo André de Garcia. Consultado em 26/09/2012.

¹¹⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga. (2000). *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*. 3ª Edição Fundação Calouste Gulbenkian / Museu Nacional de Etnologia. SIG-Sociedade Industrial Gráfica. Lisboa, p. 31.

¹¹⁷ OLIVEIRA, Ernesto Veiga. (2000). *Op. cit.*, p. 31.

Depois de recordarmos o “Ti” Moreira, extraordinário tocador de viola beiroa, nas nossas terras da raia, passamos a lembrar a grande personagem da literatura oral, cantora, pastora e tocadora de adufe, Catarina “Chitas” ou mais conhecida por “Ti Chitas” (figura 6).

É importante confrontar a memória do Passado com a actualidade do Presente para tomarmos consciência do lugar onde estamos hoje e percebermos a riqueza e as potencialidades do património seja ele musical, literário, arquitectónico, sagrado ou profano.

Pensamos que todas as culturas, todos os valores culturais são importantes, mas as pérolas do Património Local são no nosso entender, as pessoas simples do povo que guardam na alma, na sua memória, as memórias colectivas do território e que com engenho, sabedoria e arte as sabem transmitir às novas gerações, aos investigadores e aos visitantes.

Lembramos palavras da “Ti Chitas” e quadras carregadas de sabedoria recolhidas por nós nos diálogos com a mestra da cultura popular, nos rochedos das “p’ssêras” de Penha Garcia:



Fig. 6 “Ti Chitas” a tocar adufe nos rochedos de Penha Garcia¹¹⁸

“ - Fui criada no campe, a guardare gade, a guardare tude, cabras, vacas, porcos [...] Ah! e a trabalhare, a céfer, a satchar o trigue, a’rrancare o mate, a fazâr tude. Tamêe fui t’cedêra. A minha sab’doria é esta [...] nunca fui à s’cola e aprandi a tocare adufe a batâr cas mãos na minha barriga”¹¹⁹

*Tod’ a vida fui pastora
E sâ multe d’vontade
Ê nasci p’ra camp’nesa
No foi p’ra ir pr’à cidade
Guarde minhas cabrinhas
É ma vida qu’me incanta
Ê nasci p’ra pastorinha
No foi p’ra sâr s’tudanta
Guarde as minhas cabrinhas*

¹¹⁸ Imagem reproduzida da fotografia original que nós fizemos e depositamos, em 1980, no arquivo André de Garcia.

¹¹⁹ Memórias da “Ti Chitas”. Recolhas em áudio, por nós efectuadas, em 1980 e depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 26/09/2012.

*É a minha prof'essão
Sempre cantande e rinde
S'tudande a minha canção
S'tudande a minha canção
Com prazâr e al'gria
Guarde as minhas cabrinhas
No rochede d' Penha Garcia
Guarde as minhas cabrinhas
Come bom lête e bons quejinhos
Passe o mê reste d' tempe
A brincare c'os tchibinhos
E a brincare c'os tchibinhos
É ma vida qu'é modesta
O lá lai lari ló léla
No há vida com'esta.¹²⁰*

Para reforçarmos o brilho mágico e a luz misteriosa desta personagem simples, mas de um valor extraordinário que “*incantava*” e dava vida aos rochedos de Penha Garcia, transcrevemos um pequeno excerto do testemunho de Domingos Morais, extraído do *blog Conversando*:

“Catarina Sargenta, a Ti Chitas para todos os que tiveram o privilégio de com ela privar, nasceu em Penha Garcia, Concelho de Idanha a Nova, a 30 de Janeiro de 1913 [...] registos foram feitos, por músicos amadores, estudantes, investigadores e estudiosos, sempre bem recebidos por Ti Chitas que com infinita paciência repetia histórias e canções, convidando-os para sua casa onde lhes dava de comer e por vezes guardada até ao dia seguinte.”¹²¹

A “Ti Chitas” faleceu em 2003 na freguesia de Penha Garcia. A Câmara Municipal de Idanha a Nova, através do esforço e do empenhamento do Vereador da Cultura, Eng. Armindo Moreira Palma Jacinto promoveu-lhe uma homenagem, em 19 de agosto de 2005, inaugurando-se uma escultura em granito do território de Alcains e uma exposição biográfica, organizada e elaborada por nós, com o apoio do município.

3.1.1.6 “Ti” Emília Cota

Neste trabalho, não podíamos, igualmente deixar de fazer referência à “Ti” Emília Cota, (figura 7) imortalizando na investigação esta grande personagem, também ela já

¹²⁰ Quadras da canção da “Ti Chitas” tod’ à vida fui pastora, recolhidas em áudio, por nós efectuadas, em 1980 e depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 26/09/2012.

¹²¹ Cf. <http://asp3.blogspot.pt/2004/01/recolha-catarina-chitas-uma-lio-para.html>. Consultado em 29/09/2012.

falecida, hábil no toque do adufe, mestra nos cantares, extraordinária nos contos, lendas e nomeadamente nos “rimances” que nos agarraram noites e tardes sem fim, ouvindo e registando estes belos romances históricos, cantados, numa extraordinária melodia que nos fazia sonhar com os cavaleiros, as donzelas e os castelos templários raianos. Como exemplo apresentamos as quadras do “rimance” do Leonardo, um de entre muitos outros, por nós recolhidos na povoação.



Fig. 7 “Ti” Emília Cota com adufe¹²²

“RIMANCE OS OLHES D’ LEONARDE”¹²³

*Male hajas tu ó mulher
Mai a tua geração
D’sete filhes que temes
Nenhum saiu varão*

*Cal’s e aí ò meu pai
Não nos rogue a mald’ção
Merqu’me cavale e ‘spada
Qu’ eu irei sarvir varão*

*Tens o cabelo muito grande
Filha a conhecer-te vão
Merqu’me pente e tesoura
Qu’ me o deitarei ao chão*

*Tês olhes faguerinhos
Filha a conhecer-te vão
Eu quande passar p’los homens
Eu os deitarê ao chão.*

*Tens os peitos muito grandes
Filha a conhecer-te vão
Os alfaiates fazem fates
Qu’ eu os m’terê no coração*

Ò minha mãe eu me morre,

*Os olhes d’ Leonarde
São d’mulher, homem não*

*S’queres sabâr s’ é mulhere
Chama-a contigo a drumir
Porque s’ ela mulher fore
Não se há de querer despir*

*Eu tenhe ma jura fêta
P’ra pardâr ò ganhare
Enquante andare na guerra
As minhas calças no tirar*

*Ò minha mãe eu me morre
Eu me morre do coração
Os olhes do Leonarde
São d’mulher, homem não*

*S’queres sabâr s’ é mulher
Chama-a contigue a nadare
Porque s’ela mulher fore
Na água s’ há de afrontare*

*Tinha uma bota calçada
E a outra por descalçare
Chegara-me agora cartas*

¹²² Imagem reproduzida da fotografia original que nós fizemos e depositamos, em 1980, no arquivo André de Garcia. Consultado em 26/09/2012.

¹²³ Recolhas por nós elaboradas e depositadas no Arquivo André de Garcia.

<i>Eu morre d' coração Os olhes d' Leonarde São d'mulher, homem não</i>	<i>Cartas d'grande pesare Está a minha mãe morta E o mê pai à acabare Anda pr'cá companheire S' me queres acompanharare</i>
<i>S'queres sabâr s'é mulhere Chama-a contigue a ma tenda Porque s'ela fore mulhere Há-d'se agradare da renda</i>	<i>Ele amontou-se pró cavale E seguiu atrás dela Quande lá chegou à porta Já ela 'stava à janela</i>
<i>Olha qu' lindas rendas P'ra ma moça trajare Olha qu' lindas espadas Para na guerra garreare Pela mais alta ficou.</i>	<i>Andê sete anes na guerra C' um filhe d'um capitão Mas nunca chegou a sabâr S' eu era mulhere ou não</i>
<i>Ò minha mãe eu me morre Eu me morre d' coração</i>	

3.1.1.7 “Ti” Gracinda Nabais

Com referências à “Ti” Gracinda Nabais, personagem singular, ainda viva, que se destaca e marca o quotidiano de Penha Garcia, guardando na sua memória as memórias colectivas da terra terminamos as alusões aos guardiães dos valiosos tesouros da literatura oral das gentes simples das nossas lendárias terras da Beira raiana.

Poderíamos aqui divulgar e imortalizar a obra de muitas outras personagens, artistas da terra, nomeadamente a “Ti Rascoa” que se distinguia no toque do adufe e nas cantigas do cancionero tradicional de Penha Garcia, o “Ti Cartola” nos contos, o “Ti” Mourão nas tradições sacra profanas e o “Ti Sacristão” nas quadras populares.¹²⁴

Enfim um mundo repleto de heróis, de riquíssimos tesouros da oralidade popular, que tarda em recuperar e em preservar as suas memórias, mas não nos é possível neste trabalho de investigação por ser uma tese de mestrado e os conteúdos a tratar dariam para uma tese de doutoramento.

A “Ti” Gracinda (figura 8), também conhecida por Gracinda “Tovelha” apelido que herdou do marido, conta a linda idade de 87 anos. Como ela gosta de argumentar “*nasci na era de 1925*” no “*cante do p'lorinhe*”, “*erames oite irmãos*”, *nunca fui à "s'cola"*. “*Aprendi muita cousa co mê avô qu'era o Ti Saquestão*”

¹²⁴ Se não forem recolhidas as memórias destas personagens perder-se-ão em breve com o desaparecimento dos mais idosos que ainda as recordam.



Fig. 8 “Ti” Gracinda Nabais, na entrada do forno da Porta da Vila declamando quadras populares sobre a proclamação da república.¹²⁵

Esta Gente simples e humilde da raia, com muita sabedoria certificada *“p’los s’caldões da vida”*, são muito *“spertos”* como diz o povo raiano. Examinemos com atenção as seguintes expressões que com um sorriso nos lábios, nos narrou Josefina Pissarra. Quando na rua interroga a gente simples do povo, obtém sempre respostas para as suas perguntas mas não recebe qualquer tipo de informação:

Ó Maria onde vai?

- Vou ali!

A fazer o quê?

- Ma cousa!

Como todos os outros *“spalhades p’las malhadas no campe”* as gentes da Vila, que nas longas jornas, com as mãos calejadas pelo trabalho de *“sol a sol”* arrancaram com grande sacrifício, da terra agreste e ingrata *“o pão nosse de cada dia”* (figura 9). Perante as canseiras e as agruras da vida souberam encontrar entre o sagrado e o profano, nos milagres ou na magia, nos contos ou nas lendas, nos ritos e mitos as forças que alimentaram a fé, a coragem e a esperança perante o desconhecido e as indomáveis forças da natureza ou do azar humano.

¹²⁵ Imagem reproduzida da fotografia que efectuamos durante as recolhas em áudio das quadras da “Ti” Gracinda sobre a república, em Penha Garcia, no dia 5 de Outubro de 2010. Original depositado no arquivo André de Garcia. Consultado em 27/09/2012.



Fig. 9 Grupo Etnográfico “ Os Garcias” representando os sacrifícios do pão, nas festas antigas da Vila¹²⁶

Esta gente tendo como escola, a escola da vida, conseguiram preservar na memória a cultura dos seus antepassados, transmitida através da oralidade que foi sendo guardada ao longo do tempo, com sonhos, sangue e suor, jorrado nas canseiras da vida.

Apresentamos (figura 10) as quadras com memórias populares da república recolhidas e transcritas por nós, no momento em que organizamos a sua divulgação num programa da Local Visão, sobre as comemorações da proclamação da República Portuguesa, em 2010.¹²⁷



Fig.10 “Ti” Gracinda Nabais no colóquio “Republica, Memória e Tradição” organizado por nós para os alunos dos vários Agrupamentos de Escolas da cidade de Castelo Branco¹²⁸

¹²⁶ Imagens reproduzidas das fotografias originais por nós depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 30/09/2012.

¹²⁷ Colóquio “Republica, Memória e Tradição” realizado no auditório do IPJ de Castelo Branco, no dia 13 de Dezembro de 2010. Cf. <http://videos.sapo.pt/s0UqZ0nWp4yPgG2LAVVH>. Consultado em 28/09/2012.

¹²⁸ Imagem reproduzida do documentário da Local Visão “Republica, Memória e Tradição”. Cf. <http://videos.sapo.pt/s0UqZ0nWp4yPgG2LAVVH>. Consultado em 28/09/2012.

MEMÓRIAS POPULARES DA REPÚBLICA

Contava o meu avô...

*Em 1910 d'entre da nossa Nação
A 5 de Outubro bêm vês*

*Foi o dia da aclamação
No poleire português
Há gales, frangues e pitas
Qu' me s' tão fazende male
Sende p' ssoas tão ricas*

*Essas p' ssoas tão bonitas
S' tão papando à Monarquia
Acêles gales, frangues e pitas
Três contes de réis por dia*

(D. Manuel II)

*Acêle frangue não podia cantar
Como já cantou
D' pois que o papo encheu
Bateu as assas e voou*

*Âle fugiu e abalou
Era pouque valentão
Âle logo d' smaiou
Com mâde à ribolição*

*Foi o gate e o tourão
Que o fâz fuzir do ninho
Mas ninguâm m' diga
que não era inocente o franguinhe*

*Mês dizem que fugiu sozinhe
Levaria o aut' móvel borrade
Mas agora coitadinhe
Já s' tará s' patriade*

*Fugiu bâm male preparade
P' ra não cair na lousa
Quem dizem qu' foi o culpade
O senhore Teixeira de Sousa*

*Houve ali uma grande cousa
Não havâr gente resluta
Não havâr uma qualquer cousa
Entretante filha da puta
Foi uma cousa do diabe
Deixar entrar a República*

*Alguns t' veram a culpa
Outres pardâram a vida
Houve muita desta fruta
Da Rotunda à Avenida*

*Tanta gente morta e ferida
Quais seriam os causadores
Foram as tropas da Avenida*

E do mar os dois cruzadores

*Tanta gente passou dores
Homens e muitas senhoras
Por causa dos cruzadores
E das balas mitralhadoras*

*Tanta gente passou dores
Homens e muitas senhoras
Por causa dos cruzadores
E das balas mitralhadoras*

*Ó rapaz s' tu não foras
O artilheiro pimpão
Que apontaste a peça à altura
Logue batâste na restauração*

*Deves ganhar galão
E ir p'ra casa passear
D'pois do d'inheire na mão
Tante tens de o gastar*

*Portugal vai-se à arrastar
Todos querem ir ao Trono
Ninhuns sabem governar
É uma casa sem done*

*Isto é um desabône
Isto é todes os anes
Vamos vâ se dá o sône
Ao chefe dos republicanos
(vâmes vâ s' dá o sône a um dê-les
p'ra irmes p'ra lá nós)*

*Dizem que vão fazêr engane
E vão sâr mai de mil
S'cutai meus mânes
Atão há guerra civil*

*Dizem que vão p'ro covil
A donde nunca s'tiveram
Vames a vâ se são tão vis
Que faltam ao que prometeram*

*S'eu lá fosse à ribolição
durante tode este tempe
tinha a satisfação
de versos fazêr um cente*

*S'lá s'tivesse algum tempe
Levaria tude bem endereçado
Mas já não tenhe talente
Darei tude por acabade*

*Desculpe tode o homem honrade
Peço perdão dos meus enganes
Qu'eu não quer sâr castigade
P'las mãos dos chefes dos republicanos*

*Tanta gente ali ó lade
deixare entrare a República
e Palácio bombardiade*¹²⁹

3.1.2 PENHA GARCIA NA HISTÓRIA E NA LENDA

3.1.2.1 As Origens Históricas da Vila



Fig. 11 Vista geral da Vila de Penha Garcia¹³⁰

Situada na encosta da serra de Penha Garcia, do Ramilo ou Ramiro, na margem direita do rio Ponsul a antiquíssima Vila de Penha Garcia (figura 11) repleta de História e de lugares misteriosos impressiona pela sua localização geográfica, sendo considerada por muitos como a “aldeia Presépio”. Nas fragas desta Vila levantam-se abruptamente, parecendo desafiar os céus, uns enormes rochedos, repletos de precipícios, que levaram Leite de Vasconcelos a chamar-lhe “*belo horrível*”¹³¹ e Pina Lopes “*interessante ninho de águias* “. A beleza natural das suas fragas também já foi descrita como sendo uma autêntica catedral da natureza. As origens da Vila, perdem-se na obscuridade dos tempos.

Os lugares profundos e escarpados dos rochedos das suas fragas, semeadas de abrigos e enigmáticas grutas, foram habitados pelos seus primeiros habitantes. Na parte mais alta e abrupta dos rochedos, podemos ainda hoje, contemplar as ruínas de um imponente castelo, imortalizado nos desenhos do Livro das Fortalezas do Reino, concluído em Março de 1510 por Duarte d’Armas, escudeiro da casa real de D. Manuel.¹³²

¹²⁹ “Ti” Gracinda Nabais. Quadras populares da república recolhidas por nós em 2010 e depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 30/09/2012.

¹³⁰ Imagem de Penha Garcia retirada do site Capeia Arraiana. Cf. <http://capeiaarraiana.wordpress.com/2012/07/13/ruta-de-los-castillos-penha-garcia/>. Consultado em 28/09/2012.

¹³¹ CAMPOS Padre João Pires de. (1959). Estações Arqueológicas nas Bandas de Leste, no Concelho de Idanha-a-Nova. I Congresso Nacional de Arqueologia. Lisboa, p.374.

¹³² ALMEIDA João de (1945). Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses. Vol. I, Lisboa, Edição do autor, p.453.

Com a categoria de sentinela da Pátria, frente à raia de Espanha, foi uma Vila com importância estratégica no povoamento e na defesa no território da raia, por ser concelho e por estar fortificada e dotada de uma muralha defensiva que garantia o bem-estar e a segurança às populações da região.

D. Afonso III, o “Bolonhês” concedeu o primeiro Foral a Penha Garcia, em Proença, a 31 de Outubro de 1256 com os usos e costumes de Penamacor:

“ Em nome de Cristo e da sua Graça. Seja conhecida de todos esta carta, que eu Afonso por graça de Deus Rei de Portugal e Conde Bolonha, juntamente com minha mulher a Rainha D. Beatriz, filha do ilustre Rei de Castelã e Leão, dou e concedo a vós todos os povoadores de Penha Garcia presentes e futuros o foro usos e costumes de Penamacor”¹³³

D. Dinis, no ano de 1303, doou a Vila e a fortaleza de Penha Garcia aos templários, na pessoa do seu mestre Vasco Fernandes, conforme Carta de Doação à Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão:

“D. Diniz pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve a quantos esta carta virem, faço saber que (...) damos a vós D. Vasco Fernandes Mestre da Ordem de Cavalaria do Templo nos nossos reinos e aqueles que depois vierem para todo o sempre na nossa Vila de Penha Garcia e o castelo e fortaleza dêsse lugar, por muito serviço que vós nos fizestes e fazeis.”¹³⁴

Quando os cavaleiros templários foram perseguidos em França, por Filipe o “Belo” e a Ordem do Templo foi dissolvida passou a Vila com o seu Castelo para a Ordem de Cristo, conforme doação de D. Dinis de 19 de Dezembro de 1323.¹³⁵

Na guerra da independência (crise 1383-1385) a Vila de Penha Garcia terá passado grandes dificuldades com as escaramuças que na região terão ocorrido. O castelo foi conquistado pelo Rei de Castela, tendo voltado a ser português depois de terminada a guerra e o Mestre de Avis (D. João I) ter sido aclamado Rei de Portugal. O cronista Fernão Lopes na Crónica de D. João I, Cap. CLXXXVI, escreve o seguinte:

“Finalmente foram comcordados em tregoa=de=dez anos [...]que se entregassem de huu regno a outro todollos lugares que foram filhados per quoaall quer guisa que fosse, a saber: Purtugall a Castela, Badalhouse, Tuy, Salvaterra, Saom Martinho, e de Castela a Purtugall, Bragança, Vinhaees, o Casteello de Piconha, Myramda, Pemamacor, Penagarcia, Segura, =Noudal= os quaes entreguas aviam de seer desta guisa”.¹³⁶

A 24 de Janeiro de 1431, a pedido do Infante D. Henrique, seu pai, o rei D. João I transformou a vila de Penha Garcia, pelo facto de se encontrar muito despovoada, em couto

¹³³ ANTUNES, António Pires, (1950). Penha Garcia na Ordem de Cristo. Separata do 2º Vol. dos “Subsídios para a História Regional da Beira Baixa”(dir. Ribeiro Cardoso) Lisboa, p.9-10.

¹³⁴ GUADALUPE, Vasco Fernandes de (1965).Recolhas Etnográficas em Penha Garcia - Crenças Devocionais. Separa da Revista de Portugal-Língua portuguesa-Vol. XXX. Lisboa, p. 125.

¹³⁵ ANTUNES, António Pires, *Op. cit.* p.9.

¹³⁶ LOPES, Fernão. Crónica de D. João I - Segundo o Códice nº 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Vol I. Biblioteca Histórica - Série Régia. Livraria Civilização Editora. Oficinas Gráficas Editora do Minho, SA. 1990. Barcelos,p. 409.

de homiziados, para doze delinquentes.¹³⁷ Os homiziados viviam em liberdade com privilégios, garantias e protecção real. Foi assim Couto do Reino ou de Homiziados (perdoados) para os que não tivessem incorrido no delito de aleivosia¹³⁸ e traição.¹³⁹

Nos livros velhos das Visitações da Ordem de Cristo de 1505 e 1537 podemos obter uma extraordinária fonte de informação com as descrições do Castelo, da Vila, da Igreja e da Comenda de Penha Garcia.¹⁴⁰ O Rei D. Manuel, o “Bem-aventurado” outorgou-lhe também Foral, “Foral Novo”, dado em Santarém, a 1 de Junho de 1510.¹⁴¹

Na *Corografia Portuguesa*, que saiu a público entre 1706 e 1712 verificamos que:

*“em sítio alto tem seu assento a Villa de Pena Garcia cercada de muros com forte castello sobre hum penhasco que a faz defensável: El Rey D. Manoel lhe deo foral, tem 90 vizinhos com huma Igreja Parroquial, Priorado da Ordem de Christo, Casa de Misericórdia e quatro Ermidas. O seu termo he fértil de pão, gado, caça & tem muitas colmeas”*¹⁴²

Nas *Memórias Paroquiais de 1758*, mais conhecidas por *Dicionário Geográfico de Portugal*, do P. Luís Cardoso, podemos constatar:

“é cercada de muros com entrada de uma só porta e com sua estacada de corpo de guarda. Tem em o cimo um castelo, firmado sobre uma penha, com baluartes e uma peça de artilharia, duas cisternas, um forno, casa do governador, torre e corpo de guarda e almenzém, pela parte do Norte”.¹⁴³

Em 6 de Novembro de 1836, dá-se a extinção do concelho de Penha Garcia, iniciando-se a decadência da vila devido à sua integração no concelho de Salvaterra, Penamacor e de Monsanto, passando definitivamente para o concelho de Idanha-a-Nova, em 1855.

Do passado histórico e glorioso da Vila podemos apenas contemplar importantes fragmentos da sua história, nomeadamente pedaços de lanços das fortes muralhas de grandes pedras de quartzito que protegiam a Vila, o lendário castelo templário, o “castelo da bufa” amaldiçoado por ser o local da forca, a “p’sserra” do “mata cães” ou traidores, no reduto da Igreja, a interessante e enigmática imagem de Nossa Senhora do Leite, datada de 1462, classificada como monumento Nacional, desde 1962,¹⁴⁴ o Pelourinho na Praça Medieval datado

¹³⁷ MORENO, H. Baquero. (1985). Os Municípios Portugueses nos séculos XIII a XIV. Editorial Presença. Lisboa, p.116.

¹³⁸ O aleivoso é principalmente desleal e calunioso e é uma característica das pessoas malformadas

¹³⁹ MORENO, H. Baquero, *op. cit.*, p. 116.

¹⁴⁰ HORMIGO, José Joaquim M. (1981). *Visitações da Ordem de Cristo em 1505 e 1537*. Património. Edição do Autor. Amadora, p. 47.

¹⁴¹ ALMEIDA, João de. (1945). *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. Tomo I. Edição do Autor. Lisboa, p. 453.

¹⁴² COSTA, Carvalho da. *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica*. Tomo Segundo. Edição Fac-Símile. Gráficas Contador, S.L., ALCALÁ, 2006, p. 412.

¹⁴³ SILVA, Pedro Miguel Canitos Rego da. (2003). *Concelho de Idanha-a-Nova - Memórias Paroquiais - Transcrições*. Edição: Ediraia. Castelo Branco, p.61.

¹⁴⁴ *Diário do Governo II Série*, nº 48, de 9 de Abril de 1962.

do reinado de D. Sebastião e classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1933,¹⁴⁵ as antiquíssimas capelas românicas e góticas com os seus oragos primitivos e as peças de canhão abandonadas nas ruas, desde o tempo das guerras da restauração.

Não menos importante, é o recente Parque Iconológico de Penha Garcia (figura 12) com os enigmáticos segredos das “*bitchas pintadas*” ou cobras pintadas.



Fig. 12 Fragas de Penha Garcia, onde se encontra localizado o Parque Iconológico¹⁴⁶

O Riquíssimo património geológico e paleontológico existente nas lajes dos rochedos das Fragas do Ponsul integra o território do Parque Iconológico, onde os vestígios presentes de Icnofósseis datados de há 600 milhões de anos foram sempre um enigma para as gentes da terra que os envolveu nas suas tradições, crenças e lendas, traduzidas na “*bitcha pintada*”, cobra pintada, e nas pedras “*screvidas*” ou escritas. O Parque Iconológico de Penha Garcia encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Municipal, sendo um dos dezasseis geomonumentos do Geoparque Naturtejo.¹⁴⁷

Recordamos, nas palavras do saudoso Padre João Pires de Campos, mestre e companheiro de jornadas e cruzadas em defesa dos valores culturais de Penha Garcia, a beleza natural das Fraga:

“ aqui a natureza esmaga-se na altura e na profundidade. Rochas que arrancam do solo e se atiram para o céu em apoteose de glória e morte, uma autêntica catedral da natureza.”¹⁴⁸

¹⁴⁵ Decreto nº 23 122, DG, I Série, nº 231, de 11 de Outubro de 1933.

¹⁴⁶ Imagem reproduzida do arquivo André de Garcia. Consultado em 29/09/2012.

¹⁴⁷ Encontra-se classificado como Imóvel de interesse Municipal ao abrigo da Lei nº 107/2001.

¹⁴⁸ CAMPOS, João Pires de; CATANA, António Silveira (s.d). Triangulo Turístico do Concelho de Idanha-a-Nova. Edição de Junta de Turismo de Monfortinho. Gráfica de S. José. Castelo Branco, p. 4.

Estes locais das Fragas, na garganta do Ponsul, onde a mãe natureza abrindo as entranhas expôs nos rochedos de quartzito os icnofósseis, cruzianas, rastos de trilobites que testemunham a longa História da Terra, povoados de velhos e rudes moinhos deliciam os estudiosos nacionais e internacionais e os visitantes. Mas estes locais são também lugares “mágicos” cheios de mistérios, de ritos e mitos. Aqui enterraram-se tesouros, procuraram-se pepitas de ouro nas “taliscas” do leito do rio, trilho de contrabandistas, tudo sob o olhar atento das personagens míticas, como o soldado do capote petrificado no rochedo do pego ou da lendária e bela princesa moura transformada por feitiçaria numa terrível “*serpente qu’tâe cabâlos*” e que serpenteia as “*p’sserras*” da lapa do castelo, cujo “*incante*” só pode “*sâr qu’bréde*” por sedução de um belo varão em sonhos, na “*noute de Sã João*”.

A chamar a atenção dos que passam menos atentos nas veredas e atalhos do caminho das fragas, lá continua escrito desde há muitos anos “*olhe p’ra cima*”, “*olhe p’ra baixe*” perpetuando a memória da “Ti Perdida” que na sua ânsia de valorizar todos aqueles vestígios inexplicáveis, “*agarrados*” nos rochedos a levou numa das suas muitas peregrinações, pelo santuário das fragas, numa tarde de verão, a registar nas lajes das “*p’sserras*” a sua preocupação, sob o olhar atento da cadela, companheira fiel e sempre presente nas caminhadas diárias da dona.

Mas o que identifica Penha Garcia com a sua história, o seu passado e o seu presente, a nível de arquitectura popular manteve-se muito pouco intacto (figura 13).



Fig. 13 Conjunto arquitectónico da Praça Medieval ou do Pelourinho de Penha Garcia¹⁴⁹

As destruições provocadas pela mão inculta dos homens, pelo rigor dos temporais e pela incúria de algumas autoridades locais e concelhias arruinaram grande parte do belo património arquitectónico construído pelas várias gerações ao longo dos séculos.

¹⁴⁹ Imagem reproduzida em 2005 do original existente na Casa Museu Padre João Pires de Campos, Penha Garcia. Arquivo André de Garcia. Consultado em 30/09/2012.

Como exemplo, destas destruições salientamos a destruição da antiquíssima Igreja de St^a Maria (figura 14) que sobrevivendo, aos saques e às intempéries acabou por sucumbir às mãos dos homens, dando origem a um templo descaracterizado e sem arte.



Fig. 14 Antiga Igreja de St^a Maria, cujas raízes se perdiam nas origens da Vila de Penha Garcia¹⁵⁰

Por sua vez, o isolamento da Vila, que durante muitos anos esteve mais próxima das terras castelhanas do que portuguesas permitiu às gentes da terra manter a sua cultura local. Apesar de lamentarmos e de reconhecermos as graves consequências desse isolamento e abandono no bem-estar e no progresso das populações locais. Esse atraso permitiu manter os contos, as lendas, as crenças, as cantigas, os usos e costumes, para deleitação de muitos investigadores ou dos simples visitantes que casualmente surgiam na povoação, muitos deles alertados pelas notícias que se publicavam nos jornais sobre a “guerra”, entre os médicos e os barbeiros do território, sendo os barbeiros acusados de curandeiros e a Vila designada por terra “imunda” e “pátria de curandeiros”.

Ainda hoje na povoação se abre uma ferida quando se fala ou lembra a imagem que o médico e escritor Fernando Namora criou de Penha Garcia, na sua obra *Retalhos da Vida de um Médico*. Segundo Namora (1994):

*“encontrei a Terra Prometida dos curandeiros. A sua capital é Penha Garcia, uma aldeia imunda desconfiada, que capta e transmite as epidemias dos dois países que ali se encontram.”*¹⁵¹

¹⁵⁰ Imagem reproduzida da fotografia existente no arquivo André de Garcia. Consultado em 30/09/2012.

¹⁵¹ NAMORA, Fernando. (1994). *Retalhos da Vida de um Médico*. Publicações Europa América. Lisboa. pp.169-170.

As favas pagou-as o velho Artur, esperto e refinado “*qu’nem um alhe*” que tinha obtido a “*cartilha*” do velho “*Fadelho*” que a troco de uma certa quantia (dois anos de trabalho gratuito e 18 alqueires de trigo) lhe certificou saberes e competência em barbeiro, alfaiate, sangrador e “*cirurgião*”¹⁵². Conforme consta na povoação o “Ti” Artur, barbeiro atrevido, sangrador e cirurgião, famoso pelas aventuras bem-sucedidas e pelos infortúnios “*scondides*” mas registados no “*livro da Mixina*”, angariava fama, honra e proveitos graças à sua clientela que não se enfadava de contar “*à boca tchâia*” na praça da vila, os milagres do homem. Lendo pela velha cartilha do “*Fadêlho*” aventurou-se nas “*sangrias*” e nos “*dismaches*” e a história termina num longo processo criminal (1958-1961)¹⁵³ na comarca de Idanha e com a sua morte, numa prisão do Porto. Segundo os idosos de Penha Garcia “*d’ziam as más-línguas*”, no dia em que saía em liberdade o que evitou a cobrança das avultadas avenças da longa lista de devedores, em tratamento a burros, porcos ou às pernas dos donos, feridas provocadas por cortes de foices e queimadas com ferros em brasa, ou dentes arrancados a “*ferros frios*”, na velha cadeira que sobreviveu a todos os tormentos e torturas, do dono e do tempo.¹⁵⁴

Também por aqui passaram investigadores e estudiosos, portugueses e estrangeiros que nos permitiu conhecer mais tarde, tesouros julgados perdidos, tais como os cantares do “Ti Gago” e outros, ao adquirirmos discos e publicações sobre Penha Garcia.

3.1.2.2 Lenda do D. Garcia

D. Garcia, segundo a tradição local é uma personagem lendária imaginada como o alcaide do castelo, com uma personalidade muito forte, aguerrida, rude como os penhascos das fragas do seu território, mas com um bom coração. Apaixonado por D. Branca, jovem de rara beleza, filha do alcaide de Monsanto, rapta a sua amada numa noite de tempestade. Após uma terrível perseguição acaba preso na serra do Ramiro e é julgado na praça da Vila. O alcaide de Monsanto compadecido pelas lágrimas da filha substituiu a pena capital (pena de morte) pelo corte do braço esquerdo (talhamento de membros), como penhor de justiça. Segundo os habitantes locais, nas noites tempestuosas a sombra do lendário decepado (figura 15) continua a ser vista, na torre do castelo ou nos cumes dos penhascos das fragas espreitando o cume de Monsanto, lamentando a triste sina e o grande amor.¹⁵⁵

¹⁵² Conforme informações por nós recolhidas no processo judicial consultado no tribunal de Idanha-a-Nova em 2011.

¹⁵³ Conforme processo existente no Tribunal de Idanha-a-Nova e consultado em 2011.

¹⁵⁴ Algumas partes destes acontecimentos foram publicadas pelo Jornal do Fundão. Cf. <http://www.jornaldofundao.pt/fotos/105/2847.swf>. Consultado em 28/09/2012.

¹⁵⁵ Conforme versão popular que nos foi contada pelos idosos de Penha Garcia. Testemunhos orais por nós recolhidos em notas de campo, em 1980.



Fig. 15 Quadro representando a lenda do D. Garcia, pintado no café “Tó Francês” em Penha Garcia¹⁵⁶

Segundo as nossas pesquisas nos pergaminhos dos arquivos históricos e na bibliografia sobre a freguesia, D. Garcia apesar de ser visto como uma personagem lendária é uma figura histórica no território. Descendente de famílias nobres, era neto do primeiro Alcaide de Monsanto, D. Gonçalo Mendes e Sousa, mordomo-mor de D. Afonso Henriques, casado com uma irmã do primeiro rei de Portugal.¹⁵⁷

O nome de Penha Garcia (Penagarcia) está na verdade ligado a D. Garcia Mendes e não ao facto de as garças fazerem os ninhos nos penhascos. O seu filho D. Gonçalo Garcia foi a primeira pessoa a assinar o foral, como porta-bandeira e foi igualmente genro de D. Afonso III.¹⁵⁸

Penha Garcia de ruas sinuosas, com múltiplos cantos e recantos, comunicando entre si por meio de escadarias, tem na arquitectura popular características típica. As casas, de pedra à vista, são de construção espontânea e têm as janelas e portas emolduradas pelo branco da cal demonstrando o gosto popular das gentes da terra. Vale a pena percorrer as ruas da vila com olhar atento, observando nos portados das casas as marcas do tempo, símbolos de crenças ou amuletos de protecção contra o “*mau ólhede*”.

Nos versos seguintes damos conta de algumas das quadras que o povo canta¹⁵⁹ sobre as belezas de Penha Garcia.

*Adâs ó Penha Garcia
Duas cousas t'dão graça
É a torre do rilógio
E o P'lorinhe da Praça*

¹⁵⁶ Por nossa influência os cafés da freguesia expõem ao público quadros relacionados com a história e as lendas da terra.

¹⁵⁷ LOBO, Ernesto Pinto e CALDEIRA, Francisco. (1972). Subsídio para a História e Conhecimento de Penha Garcia. Edição dos Autores. Castelo Branco, p.15.

¹⁵⁸ LOBO, Ernesto Pinto e CALDEIRA, Francisco, *op. cit.*, p.15.

¹⁵⁹ Recolhidas por nós nas actuações do grupo etnográfico “Os Garcias” em 1992 na freguesia.

*Quis vêr Penha Garcia,
Inganê-me no caminhe
Fui vêr a rua da Praça,
Incontrei o P'lorinhe.*

*O P'lorinhe da Praça
Incoste dos cavalheiros
D'dia é p'rós casades
À noute p'rós solteires*

*Esta noute me prendâram
Quem sará mê fiadore
O P'lórinhe da Praça
Qu' no tâe rame nim flor*

3.1.2.3 O Povo da Raia

O povo da raia não deixa morrer ou cair no esquecimento as tradições, os usos e costumes dos seus antepassados. Dão-nos a conhecer a alma, o amor, os sentimentos, a religiosidade, o sagrado e o profano, o sofrimento e a alegria.¹⁶⁰

Os sons dos inconfundíveis adufes, manuseados com grande vigor e rigor, pelas mãos “gretadas” mas quase divinais das mulheres dos territórios da velhíssima Egitânia, recordam-nos séculos de história, onde se cruzam raízes e longínquas heranças célticas, judaicas, árabes e castelhanas. Povo fervoroso nas horas de aflição, crente em deuses e demónios, bruxas e lobisomens conjuga o sagrado com o profano para combater os malefícios por que é atingido (figura 16).



Fig. 16 A gente simples e boa de Penha Garcia tesouros vivos em crenças e s'tórias de vida¹⁶¹

¹⁶⁰ Nos nossos trabalhos de recolha os idosos nunca se enfadaram de narrar histórias, acontecimentos ou partes de vida. Imagem da figura dezasseis reproduzida da fotografia existente no arquivo André de Garcia. Consultado em 30/09/2012.

¹⁶¹ Imagem reproduzida da fotografia do arquivo André de Garcia. Consultado em 30/09/2012.

Necessitando de milagres no seu quotidiano, acredita em bruxas, acedentes e maus-olhados, mas é ao mesmo tempo devoto da Virgem da sua romaria, venerada com grande devoção. As crenças e as superstições na raia tocam os extremos convivendo inseparáveis como a água das fontes que corre desde tempos imemoriais. Nos serões das noites frias dos invernos passados à lareira ou das longas noites dos verões passados nas soleiras das portas ou nos balcões floridos, sob a beleza deslumbrante da lua cheia, cenário onde apetece sonhar, quantos castelos no ar, quantas fantasias, quantos sonhos, contos, lendas e crenças não foram cerimoniosamente transmitidos pelos mais idosos às gerações mais novas.

Eram outros tempos, outros valores, outros sentimentos, outros modos de agir, de viver e de pensar do povo simples e trabalhador da raia.

Os tesouros enterrados, os “*incantes*”, os mouros, as lendas, os contos, os usos e costumes, as crenças e as superstições faziam parte do imaginário colectivo, como se tudo pertencesse a uma mesma realidade. Através, destes tesouros da literatura oral popular, repletos de histórias de mouras encantadas fazendo alusão aos lugares mais macabros e misteriosos como à forca, ao castelo da “*bufa*”, à “*bitcha pinteda*” ou à lapa do castelo, onde o povo tinha a mais enraizada superstição transmitiam os mais idosos às gerações mais novas os conhecimentos desses tempos remotos e históricos.

Acreditava-se em “*almas penadas*” que procuravam fazer cumprir obrigações a que se escusaram em vida. Em bruxas que “*untedas*” com uma “*mézinha*” que guardavam na “*pedra do lar*” se transfiguravam por artes do “*diebe*” em seres voadores que por altas horas da noite, iam fazer os seus “*concilius*” nas “*incrujilhedas*” dos montes ermos e agrestes da raia ou se entretinham a fazer diabruras na povoação.

Amedrontavam-se com os fantasmas a que davam o nome de “*mâdes*”, bem como em lobisomens, em maldições, em benzilhões, benzedeadas ou mulheres de virtude que curavam com rezas, cruces e defumadouros, desde o mau-olhado ou acedente até às mais complicadas “*malêtas*”.¹⁶²

Viam no grito da “*noutibó*”, no cacarejar da galinha a querer imitar o galo, no aparecimento de borboletas pretas ou no vôo da coruja sobre uma casa, um “*sinel*” de morte.

Acreditavam também nas maldições, nas pragas “*roguédas por male*” e na crença do “*uso dos inocentes*”. Levantavam-se de manhã cedo para verem o sol saltar de alegria no dia de “*Sã João*” e para se banharem antes do nascer do sol, por estar a água benta.

Saltavam as fogueiras na noite de São João e corriam as sete fontes, após a meia-noite para serem os primeiros a beber, porque lhes trazia beleza poder e riqueza.¹⁶³

3.1.2.4 O Culto da “Maia”

Em Penha Garcia, confeccionavam-se misteriosas e incompreensíveis bonecas, no mês

¹⁶² Segundo as crenças locais são doenças provocadas pelo bruxedo ou mal de inveja.

¹⁶³ Crenças recolhidas nos diálogos com a Ti Chitas. Recolhas por nós efectuadas em 1980 e depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 22/09/2012.

de Maio, a que chamavam “*Maias*” (figura 17). A Maia, boneca sem rosto, com sexo indefinido era construída com restos de trapos enrolados numa cruz de pau e vestida, “*maravilhada*” com roupas de bebé. Hoje é facilmente confundida com a “*marafona*” (figura 17) de Monsanto, vendida em feiras, romarias e lojas de artesanato. A “*maia*”, por sua vez, verdadeiro símbolo de cultos e ritos imemoráveis é facilmente reconhecida por ser identificada com uma criança enquanto a “*marafona*” está identificada com uma mulher adulta. A “*maia*” não se encontra à venda, o que na verdade lamentamos porque facilmente se tornaria num apetecível e atraente geoproduto turístico, procurado pelos turistas como amuleto nas rotas turísticas do território.

No dia três de Maio, segundo os nossos informantes “*todas as catchopas iam cas maias pró castele e ós poi vrévames pra tode o lade e gritevames:*

- *Vivá a maia do castele! Vivá a maia do castele! Vivó!*

D’poi vinhames pra casa e lá l’fiquévam na casa. D’ziam qu’dava sorte, no déxeva entrar o bruxâde.”



Fig.17 Imagens da “Maia” (esquerda) e da Marafona (direita)¹⁶⁴

Recolhemos também junto dos idosos de Penha Garcia a informação que muitas vezes a estas bonecas colocavam valiosos cordões ou gargantilhas de ouro e eram transportadas pelas mulheres às “*fanegadas*”¹⁶⁵, abençoando com as “*maias*” as searas para “*tré a cravela*”¹⁶⁶. As origens da “*maia*” perdem-se na longa noite dos tempos, nos cultos e ritos pagãos, embora mesclados com influências cristãs. A tradição oral relaciona-a com a fecundidade humana e a fertilidade dos campos.

Com um sorriso nos lábios e um olhar profundo, os idosos contam-nos histórias, onde as lendas, as tradições, as crenças, as superstições ou as “*partes de vida*” dos contrabandistas são o “*pão nosse de cada dia*”.

Apresentamos a seguir a recolha de um pequeno *corpus* de literatura oral tradicional recolhida por nós, junto da população mais idosa de Penha Garcia.

¹⁶⁴ Imagens reproduzidas das fotografias existentes no arquivo André de Garcia. Consultado em 15/09/2012.

¹⁶⁵ Campos cultivados de trigo ou centeio

¹⁶⁶ Doença do cereal

CAPÍTULO IV

4. BREVE ABORDAGEM FONÉTICA, MORFOLÓGICA, SINTÁCTICA E ESTILÍSTICA DA LINGUAGEM TRANSCRITA NO CORPVS

Sobre o *corpus* literário transcrito por nós, e apresentado no nosso estudo, tal como foi recolhido na região, esclarecemos que optámos pela forma apresentada para preservarmos e divulgarmos de modo simples e acessível o que faz parte da linguagem utilizada pelos informadores contactados.

As características típicas dos falares locais, cujas expressões marcadas pela vertente regional, para além de despertarem a curiosidade e a ligação afectiva dos mais jovens às suas famílias¹⁶⁷, caracteriza e divulga os diferentes grupos, conferindo-lhes uma identidade comunitária comum, variando em função da sua distribuição geográfica no próprio território.

Como muito bem refere Santos (2003) *“a análise dos espaços rurais mostra-nos, de forma clara, que as coordenadas sociológicas, económicas e culturais desse universo se relacionam, de modo directo, com a sua silhueta linguística, globalmente conservadora e regionalista.”*¹⁶⁸

Estes falares locais, com características diferenciadoras, exclusivos das gentes mais simples e humildes do povo, transmitidos oralmente de geração em geração, extinguir-se-ão com o desaparecimento dos idosos e dos contextos socioculturais em que se enquadram, nomeadamente pelo abandono dos campos. Segundo Sá (2009) *“a fala também surge em lugares diferentes, contextos diferentes e histórias de vida diferentes que formam falantes diferentes. Falar diferente, pois não significa falar errado.”*¹⁶⁹

Assim, as recolhas reunidas no *corpus*, que apresentamos e divulgamos, procuram pôr em evidência determinadas particularidades linguísticas da região, tanto do ponto de vista fonético como no que respeita à sintaxe e estilo discursivo, exclusivos e diversos de uma comunidade para outra. Quanto maior for o isolamento de uma comunidade, marcada pela desertificação dos territórios e pela interioridade da raia, maior será o seu potencial para preservar, no falar comum, as suas marcas distintivas.

Uma das questões que se nos impôs, no manuseamento deste *corpus*, estava relacionada com a caracterização e a classificação destes falares das gentes de Penha Garcia, repletos de curiosos e típicos regionalismos.

Na senda dos estudos dialectológicos de José Leite de Vasconcelos e outros investigadores, que se interessaram e distinguiram no estudo da dialectologia, remetemos entre outros para Gonçalves Viana, Manuel de Paiva Boléo e Luís Filipe Lindley Cintra,

¹⁶⁷ Cf. <http://pgpenhagarcia.blogspot.pt/2009/02/as-nossas-adufeiras.html>. Consultado em 30/09/2012.

¹⁶⁸ SANTOS, Isabel Almeida (2003). *Variações Linguísticas em Espaço Rural. A vogal [ü] numa comunidade do Baixo Mondego*. Lisboa, INCM, p. 235.

¹⁶⁹ SÁ, Edmilson. (2009). *Contribuições da Dialectologia para o Ensino de língua portuguesa*, p. 9. Cf. <http://pt.scribd.com/doc/58716009/CONTRIBUICOES-DA-DIALETOLOGIA-PARA-O-ESTUDO-DO-PORTUGUES>. Consultado em 30/09/2012.

podemos incluir os falares típicos de Penha Garcia, de acordo com o mapa dos Dialectos de Portugal continental e da Galiza, no território dos dialectos portugueses setentrionais, nomeadamente nos dialectos baixo-minhotos-durienses-beirões, anexo número quatro.¹⁷⁰

Esclarecemos também que com a presente abordagem e breve caracterização da linguagem transcrita no *corpus*, não pretendemos, nem foi nosso objectivo, aprofundar o estudo linguístico dos falares típicos dos nossos informantes, apesar de reconhecermos a sua importância. Estes falares do povo, com curiosas e típicas expressões merecem um estudo aprofundado que poderá vir a ser concretizado em futuras investigações.

As informações recolhidas, transcritas e apresentadas no *corpus*, revelam-nos sistemas vocálicos ricos e diferenciados entre si, por vezes complexos na transcrição e na explicação que procuramos dar. Contudo, essa mesma peculiaridade motiva o nosso estudo, procurando manter a especificidade linguística que caracteriza estes falares. Daí ser nossa opção enveredar por uma transcrição que nos aproxime da sonoridade local típica, não recorrendo aos símbolos fonéticos para o reproduzimos de um modo legível. É para nós fundamental que qualquer um possa apreender, reconhecer e valorizar os falares das gentes mais idosas de Penha Garcia, em grande parte dos casos.

Segundo Casado Velarde (1988) as diferentes comunidades idiomáticas são também diferentes comunidades culturais, já que a cada uma delas corresponde um determinado tipo de património cultural com reflexos na língua.¹⁷¹ Estes falares são, para nós, parte integrante do património imaterial oral associado aos valores culturais da nossa região em que se inscreve a localidade sede do nosso estudo.

Relativamente aos textos que apresentamos no *corpus*, tal como são pronunciados no território, limitamo-nos a registar e a comentar casos em que os falares típicos, com os seus regionalismos, se desviam da linguagem normal.

Assim a nível da fonética¹⁷² apresentamos os seguintes exemplos: a palavra *mês* é pronunciada localmente “*mês*”, evidenciando uma diferenciação vocálica, na vogal tónica. O som vocálico produzido é mais nasal e pronunciando o *e* fechado como um *a* fechado.

Localmente evidenciamos a nasalização e queda de algumas vogais, verificando-se quase sempre um fechamento da vogal intermédia ou inicial que na norma seria aberta, deixamos por exemplo: *talha*, pronunciado - “*tâlha*”, e *tenha*, pronunciado - “*tânha*”.

É interessante verificar como o quotidiano nos faz chegar a pronúncia da palavra chegar - “*tchegar*”, chapéu - “*tchapéu*”, chave - “*tchave*”, nesta forma tão peculiar e característica de dizer, própria do território e da região em que inscrevemos o nosso estudo. Transcrevemo-las deste modo para nos fazermos compreender mais simplesmente pelo leitor comum, cientes de que não recorremos aqui a uma transcrição fonética convencional.

É nosso propósito evidenciar também que o uso do artigo definido, de acordo com a aplicação da lei do menor esforço, se encontra sempre combinado com a vogal final da

¹⁷⁰ CINTRA, L. e F. REI, (1993) Mapas dos dialectos portugueses e galegos. Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. IN-CM, União Latina. ALPHM. Lisboa.

¹⁷¹ CASADO VELARDE, Manuel. (1988). Lenguaje y Cultura. Editorial Sintesis. Madrid, p. 44.

¹⁷² DAVID, Crystal. (1991). A Linguística. Publicações Dom Quixote, Lda. Lisboa, p. 213.

palavra precedente, conforme o caso que apresentamos: toda a vida fui pastora - *“tod’ à vida fui pastora”*, ou ainda na expressão: a minha maia é mais linda do que a tua - *“a minha maia è mai linda c’ à tua”*¹⁷³.

A nível de sintaxe e estilo nota-se, nos falares desta gente, que é pouco vulgar a omissão do sujeito, a expressão: *está doente?* passa a ser dita da forma que segue: *“tu ‘stás doente?”*. Dá-se igualmente um forte emprego às expressões enfáticas como nesta frase: eu julgava-o melhor - *“é qu’ eu julgab’ ó melhor”*.

Outro caso recorrente é o uso do verbo dever, quando é seguido de infinito, constrói-se com a preposição *de*, conforme o exemplo: deve ser meio-dia - *“debe de sâr mê-dia”*.

Destacamos igualmente o uso característico da preposição *a* que é combinada com os próprios verbos, como por exemplo na construção dos verbos *ir* e *vir*, seguidos de infinito: já me vieram dizer - *“já me vierem a d’zâr”*; vou trabalhar - *“vâ a trabalhar”*.

Surgem também abundantes pleonasmos, nos falares da região: enche o cântaro - *“entche o cantare tchâio”*; sobe - *“xobe p’ ra riba”* como um reforço da intenção verbal.

Outra curiosidade surge-nos na supressão de uma sílaba na palavra, quer no início, quer no meio, quer no fim, consoante a sonoridade das expressões e palavras circundantes. Uma palavra pode, numa determinada combinação expressiva, perder parte da sua sonoridade, o mesmo não sucedendo em todo ou qualquer contexto. Na expressão seguinte: é como o meu homem - *“é c’ mó mê home”*, verificamos precisamente as três circunstâncias. Porém se for usada a expressão interrogativa: como? manter-se-á inalterada a sonoridade da primeira sílaba, sofrendo a última sílaba uma atonização - *“côm’ ”*.

São igualmente vulgares os casos de inversão: nunca mais lá vou - *“mai nunca lá vâ”* e muito abundantes as antíteses: que a terra lhe seja leve como o chumbo - *“ca terra lhe sâja leve c’ mó tchumbe”*.

4.1 “AGouRES DO MUNDE NIM CRÂ-LOS NIM ‘SPRIMENTÁ-LOS”¹⁷⁴

Numa noite fria de inverno, num longo serão à lareira ouvimos e registamos com muita emoção as seguintes memórias, ao *“Ti Zé da Véstia”*:

“- Dantes s’tava tude no campe, s’tava tude tchão d’rendeires, duma ponta à outra e ó d’pois às tardes era um ad’vertimente p’los caminhes. A malta aqui d’ casa, da vila, contavam-se p’los dâdes das mãos, s’tavam todes lá p’ras serrras, p’ras quelas lantcheiras, nas malhadas. Hoje no há lá ningãe, só lá s’vão os casarões desbarrondades, tchãos d’mate e de bicharada.

¹⁷³ A maia é a boneca também designada por marafona noutras localidades, como por exemplo, em Monsanto.

¹⁷⁴ Expressão popular relacionada com as crenças. Quando se pergunta sobre a autenticidade das histórias respondem *“ maldições do mundo, nem acreditar nem experimentar”*.

- D'poi vinham todes à missa ao domingue, descalçes p'los atalhes a cantare, era um ad'vartimente, poi havia muita mocidade. Atão d'poi da missa os homes e os galafaios corriam p'rás tarbernas, a intchâr o corpe d'vinhe, a jogater e a cantare.

- Oh! Oh! na câle tempe, havia tamãe muitas bulhas, os do campe cos da Vila, mas tamãe havia muites cantadores e muita bodega p'ra fazâr barulhe, harmónhes intigues, cordionistas e violas. As mulheres e as catchopas tocavam adufes no terreire do forne, ó pé do p'lorinhe e d'onde calhava. Arranjavam-se muites balhes nas casas, d'uns e d'outres e à noite, às s'curas andavam as rondas p'las ruas da Vila. Intigamente a malta era mai alegre, mai ad'vartida, mas passava muite mal, tinham fome e trabalhavam qu'nem uns toures p'ra arranjar uns tostões.

- Oh! Os tempes mudaram, ó s'mudaram inté parece mintira.”

Com a recolha destas lembranças sobre um tempo já passado repleto de vivências e de convivências, profundamente marcado pelas rotinas dos trabalhos campestres tomamos conhecimento de formas de vida praticamente extintas. A preservação destas lembranças orais permitem-nos hoje compreender muitas das memórias relacionadas com as praças, cantos e recantos da povoação.

4.1.1 OS MEDOS

4.1.1.1 O “Diébe”

Nas recolhas que efectuamos no território surgem algumas referências ao grande senhor das trevas mas sem grandes mistérios atemorizadores. Apesar de estar sempre presente no imaginário coletivo, (figura 18) nas “*incrujelhédas*” e nas forças do mal relacionadas com as noites de Lua “*tchâia*”, terças e sextas-feiras, nos nossos diálogos com os idosos, as alusões ao “*diébe*” são matreiras uma vez que este procurava caçar almas para o inferno.



Fig.18 Gravura representando o diabo ” ¹⁷⁵

Nas crenças locais ele encarna a figura do grande bode negro, do cão ou do homem que tanto pode ser dos mais belos como dos mais sinistros do mundo. O encontro com o “*diebe*”

¹⁷⁵ Baphomet, gravura de Eliphas Levi (1810-1875). Retirada do site Clube do Tarô. Cf. http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_15_diabo.asp. Consultado em 29/09/2012.

pode trazer riqueza, beleza e poder a qualquer um, desde que lhe conceda em troca a sua alma, ficando para sempre condenado às penas do Inferno. O acordo é selado num pacto de sangue. Assim, quando um indivíduo enriquecia de um dia para o outro dizia-se na povoação que *“fulano p’ra târ tanta sorte só pode târ vendide a alma ao Diébe”*.¹⁷⁶

Também consta na povoação que quando alguém andava de *“cú p’ra trás”* estava a ensinar o caminho ao Diabo. Segundo, os nossos informantes, os interessados em encontrá-lo, pelas mais diversas razões, devem colocar-se em frente de um espelho, nas noites de terça-feira ou sexta-feira de Lua cheia e aguardar pelas doze badaladas do sino da Igreja. Podem igualmente encontrá-lo nas encruzilhadas dos caminhos completamente disfarçado de homem ou de animal.



Fig. 19 “Ti” Catarina “d’avó”, nasceu em Penha Garcia e faleceu com 111 anos¹⁷⁷

De seguida apresentamos algumas das recolhas sobre os *“medes”*, *“partes d’vida”*, rezas e benzeduras, tradições, costumes e superstições da raia que nos foram transmitidas por idosos de Penha Garcia. A “Ti” Catarina Avó¹⁷⁸ ou “d’avó” (figura 19) contou-nos com grande firmeza, a sua vivência com o fatchó, *“diebe ‘spanhol”*. Começou a sua história com o seguinte dito: - *“ âlha catchope qu’ê vardade!”*

4.1.1.2 O Fatchó: “Diébe ‘Spanhol”

“ - Bãe eu fui criada em ‘spanha, lá prós lades da r’bêra dez¹⁷⁹. E ó poi quande tinha mai ó menos dezasseis anes o mê pai mandou-me cá a casa, à Vila a procurar farinha p’ra cozârmes lá no nosse arraial. Ó d’pois, quande cá tcheguei descudeme e fâz-se d’noite, no mâio do caminhe vinha a cantare atrás do burre carregade de farinha e ó redor d’um mataçal o burre tâve mâde e ‘specou-se. Olhê e vâje atão um tchibinhe prâte, muito bonite, reluzidinhe e gorde. Diche p’ra mim:

¹⁷⁶ Actualmente na povoação ainda se utiliza a expressão *“ vendeu a alma ao diabo”*.

¹⁷⁷ Imagem reproduzida da fotografia original existente no arquivo André de Garcia. Consultado em 15/09/2012.

¹⁷⁸ Faleceu com 111 anos na freguesia de Penha Garcia. Cf. http://www.urbi.ubi.pt/020115/edicao/102reg_ticatarina.html. Consultado em 29/09/2012.

¹⁷⁹ Rio Erges.

- *Ai! Atão já é d'noite, concertâza que pardâram o rai do tchibe 'sta abandonede e andem prai os lobes e dão cabe d'âle. Agarrê nâle ó cole e lá fui andande. Mas, dai a nada, o tchibe cada vâz carregava mai e deu em carregar cada vâz mai, até qu'eu já no podia com âle. Olhê bõe p'ra âle e só tive tempe d'zâr:*

- *Ai! Valha-me Dês, qu'rai de tchibe é âste. É vardade! Âle 'stendeu-me o pesçoçe muita grande e com os dentes tão grandes c'mós dâdes das minhas mãos diche pra mim:*

- *Olha qu'eu no sou tchibe, eu sou o Fatchó e tu no tienes los dientes como yó.*

- *Ai Jasus! Valha-me Dês! qu'é o diabe 'spanhol. Tive tante mâde! Tante mâde só tive tempe d'dêter aquela cousa pró tchão e rebentou com um 'stoure muito grande. Cagadinha de mâde, agarrê o burre d'rêdea curta, bõe junto das nálgas e lá ia p'ra câles caminhes abaixe com os empurrões do burre. O mê pai quando me viu logue 'stranhou.*

- *Atão catchopa! Qu'rai tens tu?*

- *Ai! Vânhe tchâia de mâde, incontrê um tchibe e ós poi era o Fatchó.*

- *Nunca mai tornê agarrar mai nada, nim qu'er sabâr."*

4.1.1.3 A “Boa-hora” e a “Má-hora”

Constava na freguesia de Penha Garcia que da “mâia-noute” à “uma” andava a “Má Fortuna”. Assim, as pessoas procuravam estar recolhidas em casa e com as luzes apagadas. Evitavam sair à noite, principalmente da meia-noite à uma hora porque neste período de tempo acreditavam que aparecia a boa-hora vestida de branco ou a má-hora vestida de preto.

Segundo a crença local, a boa-hora surgia sempre antes da má-hora e perguntava às pessoas que encontrava o que desejavam e adverti-as para que recolhessem o mais rápido possível a suas casas porque a seguir vinha o mal: - *“atrás de mim virá, quem mal te fará “.*

A boa-hora era vista como uma senhora muito bonita, por vezes comparada a Nossa Senhora que tinha como função prevenir os incautos, os aventureiros ou os mais atrevidos. Quando encontrava casas com as luzes acesas, apagava-as e avisava as pessoas para ficarem quietas e caladas até que passasse a grande “sombra nâgra”. Esta batia nas portas e nas janelas a *“tchamar p'ra vâ se enxergueva alguma p'ssoa mai atravida p'ra lhe fazâr male”*. Então, segundo os nossos informantes, *“acâles qu'no eram foites ao vâ a sombra nâgra f'quevam cagadinhos de mâde e ó poi morriam d'suste”*.

Apresentamos a seguir alguns relatos de passagens de vida que nos foram transmitidos pelo “Ti Zé da Véstia”.¹⁸⁰

¹⁸⁰ Era conhecido por Zé da Véstia por trazer sempre aos ombros uma “véstia” jaqueta.

4.1.1.4 A “Diabolca”

“- Andavames numa cêfa a cêfer e ó poi cande acabames o quinte mudames p’ra outra cêfa. Ó poi fomes a boâr augua ó r’bêre e vimes atão nas tcharas aquela bitcharada toda s’pintcheda. No há ningãe nâste munde que f’zesse acâle trabalhe, só Dâs é co podia târ fêto, por boa ó má arte. Tanhe o’vide d’zâr cá p’ssoas ca tãem o’vide. Sê lá! Dizem ca ouvem d’zâr:

- Caça! qu’ê caçarê. S’pintcha qu’ê s’pintcharê. Caçaste! Caçê. Atão caça qu’ê s’pintcharê”.

Conforme é referido na comunidade nunca “ningãe viu a diabolca”, pois apenas a têm ouvido. Consta que é uma espécie de “ventaneira” muito forte, um vendaval que transporta vários diabos, às gargalhadas a assobiar e a bater latas, matracas e chocalhos, provocando uma barulheira infernal. Por onde passa apanha tudo pela frente, pessoas, animais e plantas, deixando atrás de si um rasto de destruição e de sangue. Por esta razão, a diabólica era muito temida.

Ainda hoje, nas noites de Inverno, as pessoas idosas quando ouvem a “ventaneira” nos telhados de telha mourisca, ficam em silêncio ou murmuram preces e em voz baixa vão dizendo: - “*rais partam a ventaneira, inté parece canda a diabolca no ar*”. Actualmente, na povoação, ainda se diz quando faz muito vento, “*anda o diabo à solta*”.

Na comunidade conta-se também, por exemplo, com grande calor e fervor a famosa lenda do “*Ai que Farê*” que nós recolhemos e a seguir transcrevemos.¹⁸¹

4.1.1.5 Lenda do “Ai qu’ Farê “

“- D’ziam os velhes intigues ca havia cá na Vila um home que d’zia à boca tchâa qu’no tinha mâde d’nada. Um dia s’tava âle a fazâr carvão de manhê çâde lá pó pé do terreire das bruxas e ía arrancande as câpas e acadajande os tchamisses p’ra foguêra. Com mâde ó done do terrene andava a corrâr d’um lade pró outre a vâs câpas s’quemevam todas d’uma vâz. Apar’ceu a ventanêra do diebe e passou a diabolca, mas âle no s’agatchou, nim tâve mâde e at’rou-lhe com um tanganche d’lume. Atão foi caçade no mâio da ventanêra...

A diabolca s’farrapou-o tode e foi pô-lo in coure numa talisca multe aguçada d’uma p’serra d’onde no podia s’capar. Tchão d’mâde, d’fome, d’sâde e d’sanimede já âle tchamava p’los santes todes e griteva:

¹⁸¹ A lenda do “*Ai qu’farê*” é muito conhecida no território raiano. A nossa transcrição faz parte das recolhas que efectuamos nos diálogos com o Ti Zé da Véstia em 1980 na freguesia de Penha Garcia. arquivo André de Garcia. Consultado em 14/09/2012.

-Ai! Ai! Quem ma code... Ai! Ai! qu'farê... Ai! Ai! Qu'farê ê... Ó d'poi lá forem a trer o rai do home com um calibre, s'não morria lá a griter. Ainda hoje s' tchama a p'serra do " Ai qu' farê ".

4.1.1.6 Os "Lob'somens"

Segundo as recolhas que efectuamos, em Penha Garcia, os lobisomens são homens "male incarédes" e tidos na povoação como indivíduos de mau carácter ou feitio. Segundo os "dites dos intigues" estes homens amaldiçoados transformavam-se em "lobsomens" (figura 20) em noites de Lua cheia e tinham como " sina corrâr sete vilas acasteladas".

Percorriam, igualmente, as ruas da procissão entrando e saindo no local denominado "Portas da Vila ". Contam as pessoas humildes e bondosas da nossa terra, nas longas noites de Inverno, ao serão que estes pobres homens condenados pelo destino e má sorte, saíam de casa à meia-noite e com a "parnâta" vagueavam pelos campos a "urrer c'mós toures" e corriam nas ruas da povoação, como se fossem cavalos a trote.



Fig. 20 Imagem representando o "lob'somem" de Penha Garcia¹⁸²

Se vissem luz, em determinada casa, na Vila ou num arraial, no campo atiravam-se aos coices às portas para fazer mal às pessoas. Assim, nestas noites "amald'çuedas" ninguém se atrevia a passar nas "incruj'lhedas" dos caminhos e evitavam pernoitar fora de casa.

Mesmo recolhidas, nos lares e apesar de confiarem na protecção da imagem do Sagrado Coração de Jesus que se encontrava fixada nas portas das casas, as pessoas assustavam-se facilmente e apagavam todas as luzes, ao ouvirem qualquer "stropel" de cavalo.

Consta, também na povoação, que estes homens que "tâem esta mal'quêra" se vão "sposjar" nos "sposjêres" onde os animais se deitam. Assim, podem transformar-se em "lobes, cavales, burres, toures" ou em qualquer outro animal. A "parnâta" só pode ser tirada se alguém os conseguir picar com o ferrão das varas das vacas. Era preciso, muita coragem e muito cuidado, pois se o indivíduo que procurava "curér" o lobisomem apanhasse alguma gota de "sengue" ou se fosse descoberto "stava desgracede prá vida d'âle, poi f'queva tamãe âle lobsomem".

¹⁸² Imagem reproduzida de um quadro com os medos de Penha Garcia existente no arquivo André de Garcia. Consultado em 3/09/2012.

Segundo, a “Ti” Assunção, nossa informante, jurou-nos a “pés juntos ca havia cá trãs na terra”, chegando mesmo a identificar as personagens, dizia ela:

“-A raspête dos lob’somens d’ziam os mai intigues ca havia cá trãs. E p’ra d’zâr a vârdade cefê p’ra âles todes. Âles nas târças e sâtas fêras d’lua tchâia f’quevam aluêdes ca parvalhêra qu’lha aparcia ca lua. Atão, déchevam a casa dêles cande era d’poi da câa e iam a urrer p’ra câles calhordes e só tchegavam cande já no tinham a maluquêra.

- Tamãe óvi d’zâr que s’for um lobsomem a corrâr ali p’la quelha abaiche e ‘stiver uma p’ssoa entre as ombrêras da j’nela e lhe pragar a f’rradela que dête sengue já mai nunca torna a sâr, já mai nunca lhe torna a dar a parnâta.

- Oh! no sê d’zâr mai nada . Os velhes d’ziam e ens’nevam estas cousas à gente. “

Segundo a superstição local os “lob’somens “ para voltarem ao estado normal, tinham que se rebolar num “*spojêre*” antes do nascer do Sol ou do galo cantar três vezes. Se não o fizessem desapareciam para sempre. Assim, segundo a crença local, há quem acredite que os rochedos com forma humana que existem nas “*p’serras*” das fragas de Penha Garcia, são homens “*d’graçêdes*” que no cumprimento da sua sina acabaram petrificados. Ainda hoje, lá estão as suas silhuetas de pedra, ao calor, ao frio e à chuva para lembrarem às gerações que passam as lendas da terra.

4.1.1.7 O “Lob’somem” da Porta da Vila

“ - Havia n’esta Vila acastelada, um home muito mau e mal incarede tchamavam-lhe “ lobisomem “ e a d’zâr a vardade bõe parcia sâr, poi mastocava a mulher e os filhes. Âle f’queva cá em casa e mandava a mulher carregueda d’filhes a lavar pró campe. Atão, um dia diche prá desgraçada da mulher:

- Hoje no vás a cozâr.

- Atão por câ mê Dâs... Já tanhe a vâz p’dida na fornêra.

- Tu vâ lá! No cozas esta noite, âlha qu’s se te passa male. Faz lá o qu’seres...

Ela agarrou na criança d’mama ó cole e co tablêre à cabâça lá foi pri abaiche al’mieda p’la Lua. Cande tchegou à rua do Cante, já pert’linhe da Porta da Vila, óviu o ‘stropel d’um rai d’um cavale a corrâr, a corrâr e co mâde arr’mou-se prá parâde d’uma casa. Passou atão acâle cavale pr’ela, détou-lhe o focinhe pra cima e rapou-lhe p’las franjas do tchailhe qu’imbrulheva a criança. Aflita de morrâr lá tchegou ó forne.

- Ai! Ai! Catchopas no posse acad’ter no qu’vi e no qu’incontrê p’rali. Só Dâs é qu’me trou daquela cousa amald’çueda .

Ó outre dia, o home ‘stava d’cama amalêtede e branque c’má cale.

- Atão 'stás male home?

Ále male falou, mas ela logue viu as pontas das franjas das baâtas do gaiate nos dentes do rai do home.

- Ai mê Dâs! atão home qu'sina é a tua, 'stás pardide.

Ale olhou p'ra ela e diche:

- Tu podes treme esta parnâta, esta cruz amald'çueda, poi todas as luas tchâias, tanhe d'corrâr sete vilas acast'ledas e imb'rralhar-me nos 'spójêres qu'incontrer nos caminhes e tante posse sâr um lobe a uiver, um burre, um cavale ó um toure a 'scravar. Vai arranjar uma vara d'quelas d'colhâr à zétona e prega um f'rrão bõe grande na ponta. Arruma-te p'rai a um cante e ós poi dá-me uma p'cadela. S'deter sengue tiras-me d'âste p'sadâle.

A pobre da mulher dê-le p'ra lá foi e lá 'stava agatchadinha a morrâr d'mâde. Male óviu o 'stropel do cavale, imp'nou-se, fâz o s'nel da cruz e atromózeda co mâde, agarrou a vara comprida e cande começou a vâr as tchipas d'lume das f'rraduras vái d'cá e zás 'speta-lhe o ferrão. Aquela cousa lá foi ós urres pri arriba, p'las ruas 'scuras e ós couces às portas das casas p'arcendo carrancava as pedras das calçadas.

- Ós pois o home era bom e mai nunca tâve a mal'quêra da parnâta.¹⁸³

4.1.1.8 As Bruxas

Na superstição popular¹⁸⁴ as bruxas, são mulheres “fâias”, mal “incaredas” e com “olher” forte e tanto podem ser velhas como novas (figura 21). Têm o dom de fazer mal, aos animais, às culturas e às pessoas com o seu “mau ólhede”. Acredita-se que estas pessoas com olhar penetrante tem poder para fazer adoecer, entristecer, enlouquecer ou levar à morte.



Fig. 21 Imagem da bruxa voando na vassoura, nas noites de Lua “tchâia”¹⁸⁵

¹⁸³ Esta história está relacionada com uma personagem local que tinha mau feitio e tratava muito mal a família. No povo criou-se o mito que era lobisomem. Recolhida por nós num serão com a “Ti” Assunção.

¹⁸⁴ De acordo com as recolhas que efectuamos no território da raia, em 1980 e depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 2/09/2012.

¹⁸⁵ Imagem retirada do site winchesterhome.Wordpress.com.

Cf. <http://winchesterhome.wordpress.com/2011/06/24/lendas-de-supernatural-bruxa/> .

Quando uma pessoa está apanhada do mal, "tãe ac'dente" tem de recorrer a homens ou mulheres de virtude que saibam tirar o "mau olhede" os "ac'dentes" com rezas, benzeduras e mézinhas. Para evitar-se o mau-olhado um individuo quando se cruza com alguém, com fama de bruxa, ou tida como tal, na povoação, é costume fazerem com uma das mãos, escondida nos bolsos ou atrás das costas, figas utilizando o polegar entre o médio e o indicador. Ao mesmo tempo vão dizendo em voz baixa:

*"Deus te veja,
Cinco te apalpem:
Coração que te rebente,
Alma que te partam."*¹⁸⁶

Também era costume, cravar nas portas dos currais, dos palheiros ou das casas, ferraduras ou pintar três cruzeiros para se afugentarem as bruxas. Para se saber se uma pessoa que está dentro de casa é ou não bruxa, coloca-se uma vassoura atrás da porta. Se na verdade esta for bruxa, vai-se logo embora aborrecida por saber de tal situação. Damos a conhecer uma "recêta" que nos foi transmitida pela informante "Ti" Felismina, nossa avó, para conhecer e combater quem nos faz mal de inveja ou bruxedo:

"- S' uma p'ssoa 'stá desconfiada qu'tãe male d'inveja, agarra numa felpa dessa p'ssoa e mete-a a farvâr drente dum caldêro tchâio d'augua á mãia-noite. D'poi d'óvir as dozes badaladas do r'lógio da torre da Igrâja, a p'ssoa tãe de piquer a felpa cum 'sfelão. Ó d'poi a p'ssoa qu'lhe fâz male, no podendo cas dores das p'cadelas vái lá atâr a p'dir qu'no a piquem mai, poi mai nunca fará male."

4.1.1.9 A Bruxa "Arranhéda"

Contava-nos também a nossa avó "Ti" Felismina, e repetida muitas vezes, pelo nosso carinhoso mestre e amigo Padre João Pires de Campos, com grande paixão e gargalhadas, durante as inúmeras viagens para Madrid a "s'tória da bruxa arranhéda" a qual expomos a seguir para deleitação dos leitores deste trabalho.

*" - Im tempes intigues apar'ciam cá bruxas a fazâr male. Atão havia um bande d'elas qu'se ajuntevam todas p'ra Lua tchâia, às târças e sâstas fêras.- Ó d'pois d'batârem as doze badaladas d'ziam umas práas outras:
-A voa! Avoa! Por cima d'toda a folha.*

Consultado em: 29/09/2012.

¹⁸⁶ Foi-nos ensinada muitas vezes pela nossa avó Felismina e nossa informante. Recolhas depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 3/09/2012.

E ála, lá iam as almas do diebe incarrapatadas às gargalhadas a fazêr diabruras a todes acêles qu'incontravam p'la noite adiente.

Havia cá um homem qu'era ganhão e tinha d'ir fazêr um trabalhe ó campe e já voltava p'ra casa d'noute. Male tchegou a uma incruj'lheda o rai do carre soltava-se das vacas e óvia muitas gargalhadas.

Âle bõe d'zia:

- Ah! Incouras do diebe! Andais a brinquer c'migue, mas ê tamãe brinque.

D'poi d'lhe soltarem as vacas do carre por três vâzes, vai d'cá e diche a reza das três palavras ditas e retornadas.

Oh! Oh! As bruxas f'queram a vâ-se todas incarrapatadas e 'stavam apanhadinhas d'tode, poi cobrou-se o incante. Ólhou bõe e viu atão o rai da c'madre d'âle no mâio d'elas:

- Ah! alma do diebe tu tamãe 'stás pardida, 'stás bõe arranjada.

- Ó compadre desdiz lá isse prá gente s'ir imbora.

- Oh! Oh! Agora p'ra eu vâ balhem aí todas incouras à minha frente.

Côme o homem mai nunca tchegava a casa a mulher dâle agarrou no cão e foi procuré-lo p'ra cêles caminhes qu'levavam à incruj'lheda no alte da serra. Incontrou atão o rai do home a balhar já no mâio d'elas fête d'zenvorgonhade.

- Ai home 'stás pardide. Atão qu'stás prá qui a fazêr no mâio d'estas incouras. Valha-me Dês !

- Ai ! Atão 'stou a balhar...

- Vames daqui imbora homem qu'inda perdes a alma, poi elas já 'stão pardidas.

O rai do homem no qu'ria abalar dali nim p'lo diebe, stáva bõe cas incarrapatadas!¹⁸⁷

Atão a mulher tâve qu'se benzêr e inpner a cruz do târçe e d'zêr:

- Bruxas,

Bruxêras:

E todes os bruxâdes,

Prá cêle silvâde.

E zás! Dite e fête caiu tude d'cambulhão no mâio do silvâde. Já âles gritavam cas arranhadelas!

Atão o homem al'vantou-se e 'scapou-se ca mulher p'ra casa às cantchadas p'la serra abaiche. As bruxas atarantêdas co suste e co amanh'çâr, poi já 'stavam a cantare os gales, junteram-se todas d'costas numa roda p'ra irem imbora. A

¹⁸⁷ "Incarrapatadas" expressão popular significa mulheres nuas.

comadre d'orientada e ca pressa d'abalare diche as palavras do incante, mas inganou-se d'zende:

*- Avoa ! Avoa !
Pro baiche d'toda a folha.*

Oh! Oh! Já elas b'rravam qu'nem umas capadas, poi t'verem qu'passare pro baiche d' toda a tralha, carrasquêres, silvêras e carap'têres e sê lá qu'mai.

Tchagaram a casa todas arranhedas e todes f'queram a sabâr qu'eram bruxas.

4.2 Partes “D’ Vida”

Nas recolhas que efectuamos na freguesia de Penha Garcia surgiram-nos muitas referências a acontecimentos que marcaram a vida dos nossos informantes, na infância e ao longo das suas vidas. Contaram-nos histórias maravilhosas, com enredos misteriosos que nos fizeram perder a noção do tempo, durante as gravações. Transcrevemos a seguir algumas dessas histórias de vida, designadas no território raiano por “partes d’vida”.

4.2.1 Parte do “Ti Zé” do Moinho

Contou-nos o “*Ti Zé da véstia*” num serão que fizemos na sua casa, no castelo da bufa que outrora em Penha Garcia:

“- havia cá na terra um homenzinhe qu'lhe tchamavam o Ti Zé do Moinhe,¹⁸⁸ S'tava no moinhe, (Figura 22) maneiras qu' é clare, tchamavam-lhe o Ti Zé do Moinhe. Um dia, cande foi p'la noite adiente, lá óviu uns barulhes no rai do moinhe: Truz! Truz! Truz! Truz... Ólheram! Ólheram e nada. No viam o qu'era. Côme era d'noite, ainda anderam p'ra lá a alumier com a luz das lanternas, mas no viram nada.

*Maneiras qu' é clare, agarrou em si mai na mulher e diche atão:
- Vames mas é imbora, vamos imbora daqui qu'iste no é boa cousa, iste só pode sâr o rai d'um mâde qu'anda p'rá qui. Vames imbora! já no podemos s'tar aqui mai tempe.*

Lá s'foram imbora do rai do moinhe. Maneira qu'ós d'pois começou atão a queixer-se p'rás pessoas qu'iam apanhande p'lo caminhe das fragas:

- Ai! no podemos lá s'tar no moinhe, s'tá lá o rai d'uma barulheda qu'no deixa pragar ôlhe a ningãe...

¹⁸⁸ Era hábito e costume na povoação identificar as pessoas com os locais de trabalho, acontecimentos ou laços familiares. Actualmente ainda se verifica este costume.

- Ó Ti Zé ! Âle à cada uma. Atão com damonhe! É assim qu'se larga o moinhe.
Vames lá a vâ!

Ajunteram-se atão uns pouques e âles lá forem todes afoutédes pró moinhe a vâ qu'rai sâria aquile. Maneiras qu'é clare! Mal tchagaram à s'leira da porta alguns s'pecaram-se. É clare! T'veram mâde. Atão d'poi lá andaram a vâ, a vâ, a vâ mas no viam nada. S'tava lá uma mulher com uma criança ó cole e o rai do garote assanava com o dedinhe e olheram atão todos p'ra lá. Era atão o damonhe d'um gate com um púcare na cabâça e batia com âle nos trongalhes qu'incontrava no mâio do caminhe.

Âle à cada uma! Atão era âste o rai do mâde ca havia no moinhe.”



Fig.22 Imagem com vista geral dos moinhos de Penha Garcia, nas fragas do Ponsul¹⁸⁹

4.2.2 Parte do “Ti Haizé”¹⁹⁰

O “Ti Haizé” era uma personagem muito típica na comunidade de Penha Garcia pela sua linguagem rica em expressões singulares. Ficou conhecido pela alcunha de “Haizé” por dizer e chamar sempre as pessoas por “hai Zé”. Contou-nos numa das muitas recolhas que efectuamos em sua casa que:

“ - Certa vâz, p'las altas horas da noite, ê ia mai fulana cá d'casa p'rás int'serras. P'la serra abaixe óvi aquela cousa a griter: AH! Ah! Ah. A fulana qu'ia ó mê lade, já atromojeda co mâde diche:

- Ó Zé 'scuta! É uma p'ssoa a berrar.

Aquile cada vâz soava mai perte. Ê bãe no cria crâr, mas fui obriguede a d'zâr:

- Qu'rai sará!

¹⁸⁹ Imagem reproduzida da fotografia original existente no arquivo André de Garcia. Consultado em 5/09/2012.

¹⁹⁰ Recolhas por nós efectuadas em 1980 na freguesia de Penha Garcia e depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 12/09/2012.

D'poi aquile calou-se. Lá fomes.

Atão! Mâsme às p'serras das Canevadas aquile tornou outra vâz a griter:

-AH! Ah! Ah! Ah.

Come s'tava a mode Lua tchâia, calhê a olher e vâje atão uma águia cabreira implóreda no alte d'uma p'serra a fazâr acâle trabalhe. A alma do diebe berrava mâsme c'má gente. Diche p'ra mim:

- Âlha cá cousas do arco-da-velha! Âlha! come o rai d'um home apanha um sarote dâstes."

4.2.3 Parte da "Ti Carrasca"

A "Ti Carrasca", uma afamada e conhecida padeira de Penha Garcia, nossa familiar, contou-nos, numa noite fria de inverno, durante um longo serão à lareira, uma história, argumentando que os homens também têm medo. Dizia-nos ela:

- "ê julgava c'os homens no tinham mâde".

Uma vâz vinha a cavale numa mula e imbrulhême no rai d'uma manta branca, poi era p'lo Inverne, fazia um frio d'ratchar e uma ventaneira dos damonhes. À porta do c'metério d'ziam que apar'cia lá um homem detéde, d'bruces e em camisa. Eu com mâde pus a manta pro cima da cabâça p'ra no vâz aquile, se lá s'tava! lá f'queva.

Era de noute, fazia um bocade de Lua e ó pois apar'ceu lá uma coisa muite alta e prâta, entre o c'metério e a parâde d'um tchão. Eu tive mâde, mas o rai da mula tamãe, poi s'pecou-se no mâio do caminhe e no havia modes da fazâr mexêre uma pata. Tchâia de mâde olheva prá coisa prâta e ela olheva pra mim.

Até qu'ê diche:

- Valha-me Dâs p'ra d'onde é qu'eu vou, no tanhe p'ra d'onde voltar p'ra trás e eu a impancar naquile no vou.

Ó d'pois aquela cousa prâta começou a desandar pró lado, à roda d'uma parâde e a s'capar-se. Olhê! Olhê! Até qu'vi qu'era o Ti fulano e diche pró homem:

- Ó Ti fulano no fuja! Sou fulana... Âle responde d'lá:

- Rais t' partem ! candas a metâr mâde à gente...

Oh! Atão eu s'tava caçadinha de mâde e o alma do diebe ainda s'tava mai male do qu'eu.

Ainda dizem cos homens no tãe mâde!

*Âle julgava qu'eu era a boa-hora, mas como a mula era prâta tâve mâde e eu julgava câle era a má-hora, poi s'tava de prâte.*¹⁹¹

4.2.4 Parte do “Ti Zé da Véstia”

Contou-nos o “Ti Zé da Véstia”, personagem típica de Penha Garcia, no alto das “p'sserras” do castelo da bufa,¹⁹² numa tarde cálida e abafada de verão, que nós destinamos às recolhas de literatura oral, a seguinte história:

“- ‘stava juste lá prós lades da Serra da Gorda, onde lhe tchamam o gorgolão, foi aí qu' me acont'câ esta parte. A gente n'asse tempe cozia e vinha a trazâr a taleiga ó moleire. Poi é claro! A mulher f'queva lá com o gade. À tarde, d'poi d'mâio dia, era tarde, mas inda cá me entarti com a minha mãe a fazâr um bocado d'sarão. Abalê eram p'raí umas dez e mâia da noute. A minha mãe ainda diche:

- Ó filhe! Atão inda vás imbora? Já são dez e mâia.

- Atão! ê no tanhe mâde. Lá vou! Lá vou...

'Stava mâio tapade mas fazia um bocade d'lua. Tcheguei a um certe sitio, lá mai á frente, atão 'stava uma malhada, foi a minha sorte. Entes de tchegar a essa malhada vâ-me aqu'âle mau pensamente e diche assim:

- Dizem qu'no é bom olher p'ra trás e eu ainda nunca 'sprimintê e dizem qu'se vâ logue uma cousa, vou 'spriminter, sâja o qu'Dâs qu'zer. Oh! Atão male olhê vâje o rai d'um cãozinhe prâte agatchade, no mâio do caminhe, d'trás d'mim.

- Ai! Ai! Qu'rai d'cão é âste qu'âlha tante p'ra mim. Atão, vou d'cá e digo:

- Martcha ! Martcha p'ró done! E nada...

Ó d'pois al'vantou-se e seguiu a andare atrás d'mim. Eu male dei pr'ela, já só o vi a s'mir-se no paste, qu'stava ó r'dor do caminhe.

- Mau! Mau! Maria! Iste no pode sâr boa cousa, atão o gaje s'miu-se aqui na terra. Eu já ía a mode à partar as calças, ó poi é qu'ê já as apartava comédade. Mai nunca tornê a olher p'ra trás de noute. 'Stá qu'ete! Oh! Oh!

4.2.5 Parte da “Ti Catrina D'Avó”

A “Ti Catrina d'avó”, (figura 23) num encontro, durante uma tarde de verão, contou-nos a seguinte parte de vida:

¹⁹¹ Recolhas por nós efectuadas em 1980 na freguesia de Penha Garcia e depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 4/09/2012.

¹⁹² Castelo da Bufa é o local onde se localizava a antiga forca da Vila. Segundo as crenças locais o espaço está amaldiçoado. Aqui os pobres construíram as suas casas nos penedos das fragas e fizeram pequenas hortas construindo paredões com pedras das fragas que enchiam depois com terra.



Fig. 23 “Ti Catrina d’avó”¹⁹³

“ - Certa vâz, ía cá d’casa prá malhada a cavale no burre, mas já era d’noute. Ó poi ali numa incrujilheda, d’onde lhe tchamam a eira dos ataques, o rai do burre começou a f’quer com as orêlhas imp’nedas e atrou-se p’ra fora do caminhe. Eu, bõe griteva:

- Burre! Burre! Mas o rai do an’mel ‘specava-se e nada.

Não andava p’ra diente, nim p’ra trás.

- Ai Jasus! Mari Zé! Santis’mo Sacramento, qu’ê iste?

Atão, no é co burre d’sandou logue e enverdou p’lo caminhe abaixo. Ó poi vi atão um cãozinhe prâte agatcháde ó redor do caminhe a olher p’ra mim. No sê qu’era aquile, só sê d’zâr qu’me tramiam as pernas qu’nem varas vâdes d’cima do an’mel ê r’zê tantes credes qu’até s’me s’cou a boca.”

4.3 REZAS E BENZEDURAS

Actualmente, embora já com menos frequência, as gentes desta região ainda recorrem aos “bentes, benzilhões ou benzilhoas” para que lhes atalhem as enfermidades, “malêtas” com rezas, benzeduras e mézinhas. Estas rezas despertam muita curiosidade, (figura 24) e revelam uma profunda ligação entre as forças sagrado e profanas, uma mistura de religião popular com crenças e superstições, que se perdem na memória dos tempos.

A seguir damos conta de várias rezas, benzeduras e das respectivas explicações que os nossos informantes nos relataram com fé e profunda crença. Um dos nossos informantes¹⁹⁴ esclareceu-nos como aprendeu as fazer as rezas e os rituais contra o bruxedo dizendo-nos:

¹⁹³ Imagem reproduzida da fotografia existente no arquivo André de Garcia. Consultado em 6/09/2012.

¹⁹⁴ Alguns informantes que nos transmitiram e deram a conhecer as rezas solicitaram-nos que respeitássemos o seu anonimato por não se sentirem à vontade na comunidade. Quando identificados com estes conhecimentos têm receio de serem conhecidos por bruxos, benzilhões ou bentes.



Fig. 24 Representação das rezas durante as Conferências “Entre o Sagrado e o Profano” por nós organizadas, na Biblioteca Municipal de Castelo Branco e que contaram com a presença e a participação de investigadores, nomeadamente, Moisés Espírito Santo, Donizete Rodrigues, Antonieta Garcia e os extraordinários “artistas da terra” que deram vida e alma às crenças da raia, para deslumbramento de todos os participantes.¹⁹⁵

“ - Oh! Eu aprendi com minha mãe e com os mês avós que Dâs tâha em descanse, âles já r’zavam as rezas qu’lhe tinham ens’nede os mai intigues cande se viam agourédes. Hoje é rale a semana que no costume rezar as rezas qu’ me ens’neram os velhes. As pessoas só cande s’atcham aflitas e d’sacorsuédas co male é que vâem atâr com quem sabe estas causas do munde. Iste é de toda a vida qu’eu me lembre, já vâe dos tempes multe antigues e no é da Igrâja, poi são rezas dos velhes.

As p’ssoas atcham-se bâte e agradecem, mas no pagam nada. Os mês filhes andam sempre a d’zâr p’ra eu as rezar ós mês netes, ó porque no comem ó porque berram qu’nem uns capades d’noite.

As p’ssoas tâem fé nas rezas poi acreditam mâsme n’âsse bruxâde que só sai por mâio d’rezas. D’ziam os intigues qu’houve p’ssoas danadas que tchamaram a nossa Senhora bruxa e por toda a vida há-de havâr essa gente l’vada do diabe.

Temos de sabâr essas cousas que nos deixaram os nosses avós p’ra nos defendârmes, do male d’inveja, dos acedentes, do mau olhede e dos maus agoures do munde. Eu aprendi porque me fâz falta por causa d’uma porca, no comia nada, nadinha. Fui vâr de fulana tal ... p’ra ma vir a rezar, mas já no p’dia andare. Fui obrigueda a aprandâ-las e a fazâ-las.

¹⁹⁵ Imagem retirada do documentário da Local Visão.
Cf. <http://videos.sapo.pt/YlHpCWqqZdA5Yoj5qB00>. Consultado em 23/09/2012.

As rezas só podem sâr fêtas em pernã e fazem-se cruzeiros enquanto s´reza cande no se tãe um cruzfique, pode-se fazâr as cruzeiros com pauzinhos ó co folhas d´olvêra, v´redas prá pessoa ó p´ra d´onde ´stá o male.

Dantes iam todes á benzelhoa e ó poi s´era p´ssoa levavam uma felpa s´era animal levavam um cabãle. E p´ra se sabâr s´ tãem acedente temas de fazâr assim:

Num prate branque (figura 25) com água dêtam-se três pingas d´azête virgem ó da candãia qu´stava á alumier e três arãas d´sal. So azête ´spalha atão temas mau olhede. Formam-se d´sanhes fãios com sârpentes, sapes e às vâzes a Lua. Atão tãe d´fazâr-se as rezas senã o male dá cabe d´âles. Outras vâzes é tão forte o ac´dente qu´só sai cande três Marias rezam a mãsma reza sem sabãrem umas das outras.

As p´ssoas só s´lembram d´Santa Bárbara cande fazem trovões, só acraditam nas rezas cande s´vãem afragatêdas co male. Ó poi logue acraditam qu´toda a vida houve bruxãde. Inté costumam d´zâr p´rá gente ca agoures do munde nim crã-los nim ´sprimentã-los.”



Fig. 25 Mesa com objectos e utensílios das rezas¹⁹⁶

Reconhecemos a profundidade das palavras da nossa informante que não identificamos por razões morais, de facto a necessidade obriga o ser humano a encontrar soluções para as aflições do quotidiano. Vejam-se, por exemplo, alguns dos provérbios populares sobre o assunto:

“ Na vida há remédio para tudo, menos para a morte”

“ Para grandes males, grandes remédios”

As gentes da raia guardaram os velhos costumes, as crenças transmitidas de geração em geração, umas vezes por necessidade, outras vezes, segundo eles “cá o encontraram cá o ande dexér”.

¹⁹⁶ Imagem reproduzida da fotografia original existente no arquivo André de Garcia.Consultado em 7/09/2012.

Nas noites frias e chuvosas de inverno, em torno da lareira ou nas noites sufocadas de verão, nas soleiras das portas, nos terreiros das eiras, nos alpendres ou nas escadas dos típicos balcões das casas beirãs ouviam-se as mais belas histórias do mundo, verdadeiros tesouros da literatura oral preservados pelas gentes simples do povo. Ouvimos e recolhemos na população rezas para diversas “malêtes” e situações. Um dos nossos informantes contou-nos e explicou-nos as seguintes rezas:

“- Inda era gaiate e já o mê pai qu’era ganhão d’zia p’ra mim:

- Âlha catchope tens d’aprandâr esta reza qu’ t’vou ins’ner p’ra mai nunca o lobe ir ó barde. Ê d’poi tinha fé e inté qu’me corria tude bãe. A reza é d’esta manêra:

*Sante Antonhe Gloriose
Peço Pulate do perdão
Qu’cingiste
Os vosses pêxinhes obed’çâram
Qu’hereges no conheçâstes
Vâio uma voz do céu
Qu’stá o vosse pai sant’ciéde
D’sete sentenças de sete forcas falsas
Nem dormisteis, nem reposéteis
Enquanto vosse pai no libresteis
Das sete sentenças,
Das sete forcas falsas
Conforme o vosse pai libresteis
Livrai a mim e a âste gade
E tude quante aqui st’ver
De mau cão,
De mau tourão,
De mau bujão
Qu’no tâha pé nem mão,
Nem raiz d’coração
Nem cabra babada,
Nem raiz de cobra cobrada
Fora! Fora Diabe!
Fora dâste gade!
Qu’âste gade no é teu
É do pai de St^o Antonhe
Câle mandou c’olhe guardasse
Se não c’olhe entregasse
E tude quante n’âle entrasse*

*Fosse tolhide
Por todo os séculos sem fim
Ámen.”*

4.3.1 Reza “Pra trér o Bruxêde”

“ - Sa gente sente qu’uma criança, ó uma p’ssoa grande ó inté um an’mel tãe ac’dente, atão tãe d’fazâr-se as rezas. A gente vã-se d’san’meda d’tode, poi tchegam a pontes qu’s se poêm d’rrangadinhes como ‘stvessem a morrâr. Atão tãe de fazâr-se dê s’guinte man’era:

A gente unta as pontas dos dêdes da mão d’rêta co azêta da candâia, ó da lanterna e pass’ós p’ra boca do amalêtede e vai d’zende:

*Em lovor de S. Cornude
Nosse Senhora te tire âste barbilhe
e âste male tode
(tãe de rezar-se três vâzes)*

D’pois reza-se a inda outra reza p’canina qu’ê assim:

*Ó Lua maldita
que pro qui passaste
Por Maria qu’levaste
Ó Lua bendita s’pro qui tornares
por Maria tornes a déchar
(tãe de rezar-se um Pai-nosse e uma Salvé Rainha)*

Tamãe temos atra reza p’ra trer o bruxêde. Com a cruz do târçe ó com cruces d’folha d’olvêra, ó d’pauzinhos de xara aponta-se p’ra cabêça da p’ssoa ó do an’mel e diz-se:

*Em nome do Pai, Filhe e ‘sprite Sante
Fulane tal...
Dâs t’fâz, Dâs t’criou e Dâs te livre
D’quem p’ra ti male olhou
Três to deram, três to trarão
S. Pâdre, S. Paule e S. João
S’to deram p’ra cabêça to tire Santa Trâsa
S’to deram p’lo costelade to tire Santiague
S’to deram p’la barriga to tire a Virgem Maria
S’to deram p’los pés to tire S. Tomé*

*S'to deram p'lo corpe tode to tire Nosse Senhora
Qu'tãe o sê divine podâr tode
Assim como as três divinas p'ssoas da Santiss' ma Trindade
Elas querem, elas podem d'onde vãe âste mal p'rai torne.
Um Padre-nosse e uma Avé Maria
(Tãe de r'zar-se três vâzes). “*

4.3.2 Rezas ” P'rás Cousas Pârdidas”

De acordo com o que nos dito e explicado¹⁹⁷ pelos informantes quando não conseguimos encontrar qualquer objecto perdido ou quando não conseguimos executar qualquer trabalho entregamo-lo a S. Silvestre e rezam-se as seguintes rezas “*p'rás cousas pardidas*”.

*Reza d'Sã Silvestre p'rás cousas pardidas
Entregue âste objecte ó âste trabalhe a S. Silveste
E à camisa câle veste e ás três missas do Natal
Qu'no haja home ó mulher qu'lhe possa fazâr male
(tãe de rezar-se três vâzes)*

*Reza da glórinha gloriosa
Glorinha Gloriosa
Tâ parfêta c'má rosa
Quande Dâs aqui nasceu
Tode o munde a exclarceu
Pastorinhe d'algun dia
Visteis p'ra Santa Maria
Santa Maria p'rali andava
Co sê livrinhe na mão
Rezande a oração
Oração dos pre'grines
Quande Dâs era menine
Qu'andava lá p'lo mare
À roda do sê altar
Anda cá Lua d'târça
- Onde vais!
- Ó baixadêre
Ou ali ó câle ôtêre*

¹⁹⁷ Recolhidas nos serões com a Ti Felismina, nossa avó. Recolhas depositadas no arquivo André de Garcia. Consultado em 8/09/2012.

*Que 'stá lá um martlão
Pargunta-lhe sâle é cristão
Sâle d'sser qu'não puxa p'lo tê clim,
Met'ho no coração
Clim tão bâte 'stimedede
Foi poste na barreira p'ra ganhar a cadêra
Cadêra de S. Sabastião
Câle matou o Menino Jasus
Sem d'zâr "Ai Mãe Jasus "
No cole da Virgem Maria
'stá uma rosa florida
No cole da Virgem sagrada
'stá outra incarnada
Câe esta reza d'sser
Três vâzes entes d'se deter
Três alma há-de salvar
A de sê pai, a d'sua mãe
E a sua em primêre luguer*

4.3.3 Reza "P'rás Trovoédas"

Recolhemos também através dos nossos informantes¹⁹⁸ rezas relacionadas com as forças da natureza, nomeadamente as tempestades, doenças e situações que afligiam o ser humano, no seu quotidiano. Assim damos conta de algumas dessas rezas recolhidas no território, as quais transcrevemos:

*Reza p'rás trovoadas
S. J'rolme, Santa Barb'ra Bendita
no Céu 'stais 'scrita
com papel e augua benta
Nosse Senhora nos livre
Desta tormenta
L'vai-a por âsses mates e maninhes
D'onde no haja mulheres com m'nines
Nem vacas com b'zarrinhes
Nem milhe, nim milhane
Nim alma cristã
Nosse Senhora á'rume*

¹⁹⁸ Por solicitação dos informantes foi-nos solicitado o seu anonimato quando divulgássemos as recolhas nos nossos trabalhos.

*Lá p'ra d'onde no dê perca nim dane
(tãe de se r'zar três vâzes e por uma vela ál'mier ó Santis'mo Sacramento)*

4.3.4 Reza “P’rás Quêmadelas”

*Santa L'zia tinha três filhas:
Uma amassava, outra cozia
Outra em alas d' fogue ardia
Nosse Senhora lhe disse:
- Cospelhe e bafâja- lhe
três vazes ó dia qu'daí no passaria.”*

4.3.5 Reza “P’rós Cobrões”

Chama-se “*coirão*” a uma inflamação que surge nas pessoas por ter forma de cobra, sapo ou lagarto. Segundo a crença popular esta “*malêta*” é causada pela passagem das cobras ou de qualquer outro réptil na roupa “*d'baiche*” quando esta depois de lavada era colocada nas margens da “*r'bêra a corér ó a secar nas lascras ó nos silvâdes*“. Para curar e atalhar o terrível mal ou “*malêta*” designado por *coirão*, a mulher “*d'vârtude ou benz'lhoa*” pega numa faca e faz cruzeiros na zona da pele inflamada para que este não se espalhe, pois segundo a crença se “*ajuntesse a boca co rabe a p'ssoa p'dia morrâr*“.

Ao mesmo tempo que se vai deslocando a lâmina da faca no local da erupção vai-se também fazendo cruzeiros e dizendo a reza:

*Em nome Dâs t'atalhe +
E t'corte, cobra e coirão +
A cabâça, o rabe e a raiz do coração +
Qu'no crâsças nim arr'vesses +
Nim juntas o rabe ca cabâça +*

Terminada a reza deve-se de acordo com as recomendações do nosso informante fazer o seguinte ritual:

“ - sacod'se a navalha p'ro tchão p'ra s'déter fora o male qu'vãe ag'rrade e tãe qu'fazâr-se a reza três, ó mai vâzes, mas sempre imparnãe até d'saparçâr do corpe da p'ssoa o male”.

4.3.6 Reza “P’rá Eris’pela”

Para curar ou atalhar “*a erisipela*”¹⁹⁹ ou a “*serpela*” na linguagem popular, usavam-se palhas de centeio, molhadas no azeite da candeia, em azeite virgem ou “*no azête ca al’mia o Sant’isme na Igrâja*”. Com as palhinhas molhadas no azeite fazem-se cruzeiros na pele inflamada ao mesmo tempo que se diz a seguinte reza:

*D’ onde vens S. Jolião
Vânho d’Roma
Qu’viste p’ro lá
Muita gente a morrâr de Zerpéla, Zerp’lão
Atão volta p’ra trás S. Jolião
Anda vai curer essa gente
Tu a atalharás
Com palavras minhas
Co azête virgem
Cas palhinhas do campe
Em nome do Pai, Filhe e ‘sprite Sante
(Tãe de rezar-se sete vâzes com sete Avé Marias)*

4.3.7 Reza “Pra Curér a Cabrita ó Farpão”²⁰⁰

Quem tivesse farpão, cabrita, névoa ou nevoeiro ou rosa vermelha nos olhos tinha que fazer a seguinte reza, fazendo cruzeiros com duas folhas “*d’ólvêra*”, ou com os dedos sobre os olhos doentes ao mesmo tempo que se vai dizendo:

*Dâs te benza
Dâs te qu’êra benzâr
Se és cabra ou cabrita

O cousa maldita
Ê t’benze e t’alhe
Adiente no irás
Atrás tornarás
Em lóvor das três p’ssoas
Da Sant’isma Trindade
Pai, Filhe e ‘sprite Sante*

¹⁹⁹ Erisipela infecção da pele que se caracteriza por cor avermelhada, dor e inchaço.

²⁰⁰ Doença dos olhos.

Segundo as recomendações do nosso informante “tãe tamãe de fazâr-se trãs vâzes e r’zar-se um Padre -nosse e uma Avé Maria”.

4.3.8 Reza “Prá Massa do Pão”

Quando se coze o pão, antes de este entrar no forno, a padeira ou a pessoa que coze faz uma ou mais cruzeiros sobre a massa do pão e vai dizendo a seguinte reza:

*“ Nosse Senhora te finte
Nosse Senhora te acrescente
E a alma no Céu pra sempre
ou
Dâs t’acrascente
As almas no Céu p’ra sempre
E nos livre d’ má gente.”*

Actualmente, na freguesia de Penha Garcia, já se perderam muitas das rezas e poucos são os que sabem lidar com os rituais, mas na memória das gerações mais novas ficou uma reza que o Padre João não se cansava de contar, nos longos serões do verão à porta da capela do Espírito Santo, onde reunia todas as noites, uma grande assembleia de ouvintes, vizinhos, estudantes e visitantes de passagem pela terra.

Muitos destes turistas, agarrados pelo encamento dos contos, ficavam sentados, nas pedras do grande auditório em que a rua se transformava. Por vezes tornava-se pequeno para acolher tão grande e interessada assistência. Quando o grupo estava silencioso ou chegava gente estranha, lá saía a reza para “trér” os ac’dentes”. Com um grande sorriso e gargalhadas o Padre João lá ia dizendo a “reza das três palhas alhas”.²⁰¹

*Com três palhas alhas
Com três maravalhas
Com três pêdes teus
Com sete pêdes dum cão
Vai-te daqui imbora ‘starfârme
Que ‘st’ás mai podre do que são.*

A reza provocava na multidão acomodada na rua pública muitos risos e grandes gargalhadas entre todos os ouvintes.

²⁰¹ Vivemos e testemunhamos muitos destes acontecimentos e vivências na nossa juventude.

4.4 CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES NO SÃO JOÃO

Segundo a tradição local, na noite, vésperas do dia de São João as mulheres do povo tocavam os adufes, cantavam e bailavam em torno das fogueiras de rosmaninhos, marcela e alecrim que ardiam em todas as ruas da Vila e nas portas das diversas “malhadas” dispersas pelos campos de Penha Garcia.

O povo segundo as crenças locais acreditava nos defumadouros, milagres do fume das fogueiras de São João pois o “*d’fumadoure*” (figura 26) livrava o gado das doenças, as casas e os seus donos do mal “*d’inveja*” e das forças negativas da natureza.

O São João foi e continua a ser um Santo amado pelas populações do território raiano. Na noite do Santo havia uma certa liberdade de acção, uma certa libertinagem que remonta aos mais antigos cultos da existência do Homem. A Igreja ao longo dos anos foi fechando os olhos a todas estas manifestações populares, onde o sagrado quando não era esquecidandava de mãos dadas com o profano.



Fig.26 “*Ti Benvinda Inverna*” saltando a fogueira do São João²⁰²

As tradições estavam demasiado enraizadas na memória colectiva para poderem ser proibidas. O povo em volta das fogueiras, deixava soltar a alma, cantava, bailava e vivia uma noite de amores proibidos, repleta de crenças e de superstições. O Santo ganhou fama de casamenteiro e muitas vezes é identificado com deuses de cultos muito antigos.

Hoje, as fogueiras, já mal têm forças para arder nas ruas ou nas praças da Vila porque os jovens partiram das aldeias e as populações locais apenas reúnem forças para queimarem uns rosmaninhos à soleira das portas.

Olham com tristeza para a pequena chama e alguns murmuram em voz baixa “*no sê qu’tempe é âste*”²⁰³. Lá longe, na noite escura, ouvem-se gritos e uma música “*endiabréda*

²⁰² Imagem reproduzida da fotografia original existente no arquivo André de Garcia. Consultado em 23/09/2012.

²⁰³ Já por diversas vezes registamos estes acontecimentos e tomamos conhecimento destes desabafamentos.

“ produzidas por potentes aparelhagens que animam festas sem qualquer significado histórico ou de vivências colectivas. Na parte adormecida da Vila, os adufes estão silenciados. Aqui ou acolá são por vezes acariciados por mãos trémulas de velhinhas que sabem que os sonhos são para aqueles que os sabem e querem sonhar.

Assim, quando passamos nos cantos e recantos, nas ruas estreitas da Vila é com saudade que nos sentamos nos balcões ou nas soleiras das portas a ouvir as “*s´órias de vida*” das gentes humildes da nossa terra. Com os rostos marcados pelo rigor do tempo, pelas alegrias e tristezas da vida cantavam com voz de anjos muitas quadras ao São João. Como exemplo dessas canções transcrevemos a seguinte quadra populares:

*“ O Sole balhava,
Na manhê d’Sâ João:
Balhava mê amore,
D’rente d’ mê coração.*

*Aquéla rélvinha vânde,
Foi p’ra mim pârd’ção:
Pârdi lá mê anel d’oure.
Na manhê d’Sâ João.
Sâ João era bom home,
S’no fora tâ v’lhaque:
Três moças foram à fonte,
Foram três e vieram quatre.”*

4.4.1. São João “Casamentêre”

4.4.2 OS “Donzâles”

Segundo as crenças, os usos e costumes da terra, as raparigas quando queriam saber se o rapaz de quem gostavam “*lhe qu’cria bõe*” tinham de queimar os donzâles, na fogueira de São João (figura 28). Chamuscavam as “*cabâças dos cardes*” na fogueira e colocavam-nas na água das sete correntes ou sete fontes que havia na freguesia de Penha Garcia.

Se renovassem, então o rapaz de quem gostavam “*cria-lhe bõe poi gostava d’ela co muita amore* “. São testemunhos de um passado fantástico e maravilhoso que só os mais idosos nos sabem contar com magia e encantamento (figura 28).



Fig. 27 Fogueiras de São João na Porta da Vila²⁰⁴

4.4.3 A “Erva dos Amores”

As tradições, as crenças, os costumes serviam conforme nos foi narrado pela “*Ti Catrina Chitas*” para as pessoas encontrarem soluções para as preocupações da vida. Informou-nos dos seguintes rituais:

“- As catchopas na câle tempe punham umas ervinhas ca havia no campe num lençe e atavam-no ó pulse na noite de Sâ João. No outre dia d’manhê câde iam vâ, se t’vessem marcas o catchope cria-lhe bãe e casava co âle”.

4.4.4 “Trér o Olhe à Fonte”

No dia de São João as moças corriam também as sete fontes a cantar. E segundo a “*Ti Chitas*”:

“- À mâia noute, d’poi desta hora as catchopas cantavam e pentiavam-se nas fontes ca havia cá na Vila e a primêra a boâr a augua treva o olhe ó rai da fonte.

A catchopa f’queva cos olhes mai lindes do munde e podia incantar todes os catchopes com o ólher d’ela. Oh! Oh! Todas criam trer o rai do olhe á fonte. ”

²⁰⁴ Imagens reproduzidas da fotografia original existente no arquivo André de Garcia. Consultado em 6/09/2012.



Fig.28 A “Ti” Alice com elementos do nosso grupo etnográfico “ Os Garcias” narrando com magia, as crenças, as tradições e as superstições da raia, no auditório da Biblioteca Municipal de Castelo Branco.²⁰⁵

4.4.5 “Fazêr os Namorades”

Registamos, também nos diálogos com a “*Ti Chitas*”, os seguintes rituais, relacionados com as tradições, crenças, usos e costumes do São João:

“ - Quando erames novas, tinhames vontade de brinquer, quer d’zâr d’nos advartirmes. Atão no Sã João faziames os namorades, qu’era assim:

Quande as nossas avós ‘stavam a fier o linhe nós iames d’cá e róbevames bocades de linhe. D’poi faziames atão acâles novâles e détevames as bolas p’rá foguêra do Sã João d’zende:

-Hoje é Lua Nova!

À manhê quarte cracente,

Cá vai fulena co sê amore à frente.

Os novâles ó ardâr uns ajuntévam-se e outres s’paravam-se. Os que s’ajuntevam cria d’zâr ca catchopa casava d’pressa, poi o catchope tinha-lha multe amore.

Mas os amores nem sempre corriam de bom “*agoure*” e muitas vezes as “*catchopas arramplédas*” sentiam-se enganadas pelos “*catchopes*” e quando estes não casavam com elas eram “*amald’çuedes*” com pragas terríveis, conforme constatamos, nas seguintes quadras:

²⁰⁵Imagem reproduzida do documentário Local Visão.Cf.<http://videos.sapo.pt/YlHpCWqqZdA5Yoj5qB00>. Consultado em 26/09/2012.

*Ladrão qu' enganaste,
Bã podia 'star casada:
Pra comâr t'falte o pão,
Pra bebâr t' falte a água.*

*Não te ponhas a tchorar,
Lágrimas ò pé d'mim:
Bãe sabias qu'ê era homem,
No t'fiaras d'mim.*

*Cante bem ó cante male,
Cante d'toda a maneira:
Seja o que Dâs qu'ser,
Cantigas no vão à fêra.*

4.4.6 As Folhas “D'Ól'vêra Cor D'Vile”

“- Ajuntevam-se duas folhas d'ólvêra cor d'vile e detevam-se de costas uma p'rás outras. Ó poi inrolavam-nas e aventavam co elas p'rá fogueêra e d'ziam atão:

*- Costas com costas,
amore do mê coração:
s'tu me qu'seres bãe,
as costas s'voltarão.*

- Oh! O rai das folhas ca quentura inrolavam-se logue umas cas outras e era o qu'nós criames vâr, poi era s'nel co catchope nos cria muito bãe. Na câle tempe a gente tinha cada mal'quêra, era uma parvalhêra tã grande. “

Também segundo a tradição oral, as moças apanhavam as cinzas das fogueiras de São João e colocavam-nas nos vasos dos cravos para que estes se tornassem belos e coloridos. Depois, as moças casamenteiras, colhiam-nos e deitavam-nos das janelas para conhecerem o nome do seu prometido. Segundo a nossa informante:

“ - As catchopas détevam um crave colhide co muito amore da j'nela abaiche e ó poi 'sprétévam a vâr qual era o catchope co apanhava”.

Atão erames novas e tinhames a parvalhêra dos catchopes, lá faziames as cousas ca gente óvia e qu'nos ens'nevam os mai velhes”.

4.4.7 “Partir o Ove”

“ - Partiames tamâe o rai d’um ove e ó poi detéva-se num prate e acrad’tevames ca parciam d’sanhes a d’zâr a prof’ssão do catchope ca havia d’casar ca gente. Lá passavames o tempe a ólher, a ólher e no viames nada do ca gente cria vâ. ”

4.4.8 “Entreguér o Sone d’Ane”

“-Tamâe s’acrad’teva que na manhê de Sã João se entreguéva o sone do ane. A gente al’vantava-se d’manhê câde para vâ s’intregéva o sone do ane ó pr’mêre qu’visse na rua, d’zende em voz baicha:

- Entrego-te o mê sone,
Na manhê de Sã João:
O d’dia sim,
O da noute não.

- Oh! Oh! Iste às vâzes dava sarilhe, poi s’algum d’confieva da ‘stória f’queva danade e zangade d’zia:

- Âlha a alma do diebe qu’já ‘stá à badalhar a entragar o sone levó tu outra vâz, levó mê e o tê p’ra casa.”

As pessoas levantavam-se assim, o mais cedo ou o mais tarde possível, para não serem apanhadas na rua por estas pequenas pragas que por vezes incomodavam, pois alguns ficaram mesmo conhecidos na Vila pelo apelido de “Rei do Sono”.

4.4.9 “Assoalher as Roupas”

“ - Come as roupas do tempe quente ‘stavam f’tchadas tode o ane nas arcas e almáres eram atacadas p’la traça as p’ssoas atão punham a tralha toda a’ssoalhar, no dia de Sã João prás roupas simtchârem d’sol.

Outras iam pró campe procurar ervas c’mó r’masninhe, marcela, anecril e rude e quémavam-nas p’ra fazâr d’fumadoures p’ra âles, prás casas e pró gade. D’ziam co fume fazia bâte, poi treva as malinas.”

4.4.10 “As Crianças Cobradas”

Quando na povoação nascia uma criança cobrada iam os pais nas vésperas de São João para o campo com a criança acompanhados de três Marias e de três Joões e faziam o seguinte ritual.

Rachavam ao meio, um pequeno carvalho, castanheiro ou sobreiro, e passavam a criança três vezes de um grupo para o outro, pelo meio da árvore, do pau “*ratchedo ó mão e d’ziam*”:

- *Maria! João!*
Toma lá o mê m’nine podre,
E dá-me cá um são.

- *D’ziam e faziam o geste três vâzes. Ó d’poi, f’tchavam o carvalhe e apartavam-no bãe apartadinhe e ’stavam um ane e tal sim lá arr’mer ó pé dâle. Atão se p’gasse a criança ’stava cureda, se no ’st’vesse colade era s’nel ca criança no ’stava bãe. No ane adiente tinham que tornar a fazâr a mâsma cousa”.*

4.4.11 “Robér os Vases”

Na noite, vésperas de São João era tradição enraizada e costume muito antigo, os rapazes roubarem os vasos às raparigas da terra.

Segundo a tradição tiravam dos balcões ou da janelas floridas das casas das raprugas solteiras dois ou três vasos para enfeitarem o chafariz da porta da Vila, o pelourinho da praça medieval ou a porta da Igreja. Eram os pretendentes, os namorados “*arrelampádes*” conforme se diz na linguagem popular que roubavam os vasos. Conforme consta nas recolhas que efectuamos “*eram âles, os gaitêres qu’era p’ra vârem as catchopas de manhê a procurer os caques e ó poi ajudevam a carr’jar co âles p’ra casa*”.

Actualmente, pelo São João, ainda é frequente assistirmos, a conflitos porque os rapazes tiram os vasos das janelas e dos pátios às pessoas idosas o que provoca iras e fúrias nas famílias. Os rapazes defendem-se com a tradição, mas os idosos tem razão quando argumentam:

“- Atão! Hoje é tude uma parvalhêra poi inté vão trer os caques às velhas qu’no podem cum gate p’lo rabe”.²⁰⁶

4.5 TRADIÇÕES, COSTUMES E SUPERSTIÇÕES

4.5.1 O “Intrude na Raia”

²⁰⁶ Presenciamos e testemunhamos muitos destes acontecimentos durante a nossa juventude.

Como velha tradição popular e muito característica das gentes da raia o Carnaval, melhor dizendo o Entrudo ou “*Intrude*” iniciava-se na 5ª feira Magra (Dia das Comadres Ranhosas). Nas longas entrevistas que realizamos com a “*Ti Chitas*”, nas “p’serras” das fragas de Penha Garcia, enquanto ela guardava as suas cabrinhas ficamos a conhecer muito do mundo que já considerávamos perdido. Ouvindo a grande enciclopédia viva das culturas milenárias da raia perdida foi nos possível recolher um património oral extraordinário. Assim, damos conta das tradições do velho “*intrude*” português que actualmente se confunde com o Carnaval dos “Sambas” muitas vezes apoiado e estimulado com dinheiros públicos.

Na 5ª feira que antecedia o Domingo Magro, assim designado porque se comia pouco, normalmente comiam o rabo do porco com couves, surgiam os primeiros entrudos ou a “*Intrideda*”.

Seguia-se a 5ª feira Gorda (Festas das comadres e dos compadres), os rapazes e as raparigas juntavam-se à noite numa casa e conviviam numa grande festa. Jantavam (ceia) couves com enchidos e toucinho, ofertas que tinham recolhido nas Janeiras cantadas durante todo o mês de Janeiro.

Havia muito vinho e zaragata. Tiravam as “*sortes*” e no sorteio os rapazes e as raparigas ficavam compadres para todo o ano. Muitas vezes a brincadeira acabava em namoro e casamento.

Seguia-se o baile, “*balho mandado*” ao toque da concertina, dos ferrinhos e dos antiquíssimos adufes, tão bem tocados por mãos femininas “*calejadas*” pelo trabalho nas longas jornadas de sol a sol. A dança e as contra danças desenrolavam-se à luz das candeias sob o “*olhar atento*” dos mais velhos, não fosse o Diabo tentar os “*galafaios*” ou as “*catchopas*”. Lançavam “*serpentinhas*”, fitas de papel, aos pares que “*balhavam*”. Estes enrolavam-se nas fitas e iam ficando cada vez mais juntos e quando terminava a “*musca*”, o “*catchope*” procurava largar a “*cachopa*” sem estragar o colar das serpentinas. As moças vaidosas ostentavam então ao público os colares coloridos de papel, o maior e o mais bonito significava “*interesses*”, amor.

Durante o “*balhi*”, “*balho*” ou baile chegavam os entrudos e estragavam o “*damonhe*” da festa, muitas vezes por rapazes rivais ou descontentes com as “*sortes*” que lhe deram uma comadre ranhosa, feia, magra ou gorda.

Seguia-se Domingo Gordo, assim designado porque se comiam todas as partes do porco. Neste domingo surgiam as raparigas vestidas de “*raiana*” ou arraina. Traje colorido, bordados com símbolos de amor. Não havia “*cachopa*” solteira que não tivesse o seu lindo traje de raiana, bordado com paciência nas noites frias de inverno ou nos longos serões de verão. Aparecia a “*entrudedada*” e metiam-se com as “*catchopas*”.

Segunda-feira Gorda, à noite, era o fim do mundo. Velhas e novas, na rua ou em casa, ninguém estava em paz. Metiam púcaros de barro com pimentos queimados a arder nas casas, pelas portas, através do buraco dos gatos.

Terça-feira, dia de Entrudo era uma folia durante todo o dia e toda a noite. Havia balhos nas praças e nas casas, mas os “*intrudos*” surgiam em todo o lado. Eram muito feios, vestiam-se de pobres, ricos, lobisomens e de bruxas.

Neste dia, à tarde, “*paria a Galana*”,²⁰⁷ aparecia um homem vestido com peles de animais, com rabo e cornos. Todos tinham medo, mas todos queriam ver o “*rai da galanha*” que era o Diabo. Ele trazia um penique com “*m...da*” e benzia toda a gente. A “*malta*” fugia, mas alguns caíam e não tinham salvação eram condenados às penas do Inferno ficando todos borrados.

Ainda, hoje se diz, “*pariu aqui a Galana*” quando se vê num determinado espaço ou local uma multidão de gente. Atiravam também as “*cacadas*”, pedaços de louça partida para dentro de casa quando apanhavam as janelas abertas. As mulheres juntavam-se a tocar os adufes e cantavam quadras chocalheiras ao entrudo:

*“Ó intrude, Ó intrude,
Ó intrudo maravalha:
Ajuntérem-se os moços todes,
Num palheiro a roâr palha.*

*Abaixe vai o Intrude,
Carreguéde d’tocinhe:
P’di-lhe um gardanape,
P’ra limpate o focinhe.”*

E cantavam-se muitas outras quadras sarcásticas e picantes, como por exemplo:

*“Moças cantai e balhai
Prá al’grar o paramêre
As qu’no cantam nim balham
São as co dão primêre”²⁰⁸*

Por fim, este tempo de folia, de liberdade terminava no dia seguinte, quarta-feira de cinzas. A Igreja lembrava os sacramentos, o pecado, a penitência e durante a missa quando se dava a imposição das cinzas, lembrava o ser humano que o Homem é pó e em pó se há-de tornar. Iniciava-se então um novo ciclo na comunidade.

A seguir ao Entrudo, às folias, à abundância e ao esquecimento do pecado chegava a Quaresma, tempo de penitência pelos martírios do Senhor não se vendo alegria nem qualquer manifestação de “*advârtimente*” até sábado de Aleluia.

²⁰⁷ “Parir a galana” significa multidão.

²⁰⁸ Foi-nos contado pela “Ti” Gracinda Nabais nas actuações do nosso grupo etnográfico “*Os Garcias*”.

Actualmente o “*intrudo*” como festa antiga, baseada na cultura popular própria da sociedade tradicional cujos tempos estavam ligados aos ciclos agrários e às celebrações religiosas cristãs, já não existe.

Talvez se encontrem vestígios em aldeias perdidas, isoladas, mas actualmente não há isolamento, a rádio, a televisão e a internet entraram até nas cabanas dos pastores.²⁰⁹ Hoje o “*intrude batatude*”, já não surge no Carnaval, promovido pelas escolas, autarquias ou associações. Imita-se o Rio de Janeiro, o Samba, e os entrudos portugueses perderam-se e já não fazem parte da memória das novas gerações.

Deve-se apostar na valorização da tradição popular e não fomentar o aparecimento de desfiles com prémios e brindes para o melhor figurante de samba. Deve-se estimular os mais jovens para que em colaboração com os mais velhos possam continuar a promover, a perpetuar e a eternizar os velhos ritos, (figura 29) mitos e cultos que uniram os povos, as comunidades ao longo dos tempos, marcando o fim e o início de cada ciclo, sejam eles agrários, estejam eles ligados ou não ao próprio Homem, à Vida ou à Morte.



Fig.29 Mulheres beijando as pedras das ruas durante o rito dos “Passes” da Semana Santa²¹⁰

4.5.2 O “Encomendar as Almas”

Era costume fazer a Encomendação das Almas do meio da Quaresma em diante, às sextas-feiras para se obter indulgências, salvando as almas do outro mundo, segundo as nossas informantes “ *p’ra ganhare o bâte e salvar almas perdidas p’los p’cades fêtos neste munde*”. Nos lugares mais altos da Vila, a partir da meia-noite mulheres vestidas de preto,

²⁰⁹ Lembro o sucesso da publicidade com os telemóveis “Tou xim “

²¹⁰ Imagem reproduzida da fotografia original existente no arquivo André de Garcia. Consultado em 9/09/2012.

com xaile tapando os rostos cantavam versos em tom pesaroso e suplicante pelas almas dos que já partiram.

Ao ouvirmos, no silêncio profundo, das noites frias, os cânticos arrepiantes da encomendação das almas, quantas interrogações se levantam na mente humana sobre estes rituais, que se perdem nas raízes do culto dos mortos.

Segundo os mais idosos cantam-se sempre em número ímpar e fazem-se nas terças ou sextas-feiras, não se podendo realizar durante a Semana da Paixão, conhecida também como Semana Santa que tem início no Domingo de Ramos e termina no Domingo de Páscoa. Podíamos citar neste trabalho tradições que se perderam, com ritos antiquíssimos, nomeadamente os “*Martíris do Senhore*”, “*Corrâr os Santes Passes*” ou o curioso e indecifrável “*Lovéde Nocis’mo*”²¹¹.

Muitas das crenças e das tradições esquecidas foram recuperadas e mantêm-se actualmente vivas graças ao trabalho e empenhos da nossa companheira de cruzada na preservação, divulgação e valorização da cultural local, professora Maria Nunes Pires Sargento, ou prof^a Maria Nunes, uma grande mulher, com obra feita em prol do bem comum, a quem as nossas terras muito devem, mas que tardam em reconhecer.²¹²

Apresentamos, dando seguimento à exposição do *corpus* os versos da Encomendação das Almas que nos foram transmitidos pela prof^a Maria Nunes.

Novena em três estações

Oferecimento:

Pelas almas do Purgatório, para que Deus lhe dê o descanso eterno.

1- Acordai, fieis cristãos,

Desse sono, em qu’ estais:

Lembraí-vos, de quem lá tendes,

Vossas mães e vossos pais.

Ajudai-nos a tirar.

Com Padre-nosso e uma Avé Maria. Seja p’lo amore de Deus.

2- Ó Almas, se tendes sede,

Ir beber ao Calvário:

Que Jesus, tem cinco fontes,

A maior, é a do lado.

Ajudai-nos a tirar.

²¹¹ Lovéde Nocis’mo (noxismo). No nosso entender talvez queira dizer louvado nosse Senhor, como muito querido e nosse senhor, surgiu a palavra muito nosse “nossíssimo”.

²¹² A Prof^a Maria Nunes recuperou os ritos da Semana Santa na freguesia.

Com Padre-nosso e uma Avé Maria. Seja p'lo amore de Deus.

3- *Acordai, fiéis cristãos,
Desse sono tão profundo:
Lembrai-vos de quem lá tendes,
A penar no outro mundo.
Ajudai-nos a tirar.*

Com Padre-nosso e uma Avé Maria. Seja p'lo amore de Deus.

(Fim da 1ª estação)

4- *Acordai, fiéis cristãos,
Desse sono tão prudente:
As Almas do Purgatório,
'stão no fogo muito ardente.
Ajudai-nos a tirar.*

Com Padre-nosso e uma Avé Maria. Seja p'lo amore de Deus.

5- *Ó Almas se tendes sede,
Ide ao Calvário a beber:
Que Jesus tem cinco fontes,
Todas cinco a correr.
Ajudai-nos a tirar.*

Com Padre-nosso e uma Avé Maria. Seja p'lo amore de Deus

6- *Ó almas se tendes sede,
Ide beber à ribeira:
Que Jesus tem cinco fontes,
A maior é a primeira.
Ajudai-nos a tirar.*

Com Padre-nosso e uma Avé Maria. Seja p'lo amore de Deus

(Fim da 2ª estação)

7- *Acordai, fiéis cristãos,
Desse sono tão activo:
As almas do Purgatório,
Estão no fogo muito vivo.
Ajudai-nos a tirar.*

Com Padre-nosso e uma Avé Maria. Seja p'lo amore de Deus.

8- *Eu hei-de subir ao Céu,
Por umas continhas brancas:
Ó almas ficai com Deus:
Ou ficai com as Almas Santas.
Ajudai-nos a tirar.*

Com Padre-nosso e uma Avé Maria. Seja p'lo amore de Deus

9- *À porta das Almas Santas,
Bate Deus a toda a hora:
As almas lhe responderam,
Que qu'reis meu Deus agora?
Quero que venham comigo,
Par'ó meu Reino da Glória.
Ajudai-nos a tirar.*

Com Padre-nosso e uma Avé Maria. Seja p'lo amor de Deus.

(Fim da 3ª estação)

4.5.3 Superstições do Quotidiano

Apresentamos e divulgamos também, neste trabalho recolhas relacionadas com crenças, ditos e superstições populares que se manifestam no quotidiano do território e que influenciam as vivências, as atitudes e os comportamentos das gentes da raia. Assim:

- “. Quande cantam os corves por cima das p'sseras ad'vinham morte.*
- . Quande os gales cantam “ fora d'horas” é s'nel d'mau agoure.*
- . Quande os gales cantam antes da mâia noute é s'nel d'morte.*
- . Quande s'ouve cantar a noitibó pertelinhe d'uma casa é s'nel qu'morre gente.*
- . Matar gates, no dá sorte. (a p'ssoa fica com sete anes d'azar e d'sandanças na vida).*
- . S'aparece um abelhão prâte a alguãe é s'nel d'azar na vida.*
- . S'canta a cruja ó uivam os cães é s'nel d'morrâr gente.*
- . Partir um 'spâlho é s'nel d'azar na vida.*
- . Quande as p'ssoas, no mâio d'uma conversa, começam cas mâsmas palavras é s'nel qu'no morrem nâsse dia.*
- . Quande s'vai a um entârre d'vesse déter uma mão tchâia d'terra na cova qu'vale tante come r'zar um pai nosse.*
- . Quando s'fala no nome d'um defunte deve d'zâr-se “no céu estâja” quande s'no gosta da p'ssoa “ ca terra seja leve c'mó tchumbe”.*
- . Ó passar p'las p'ssoas deve d'zâr-se “s'tá com Dâs” ó d'zâr-se “ Vá com Dâs”.*

- . Quando uma p'ssoa morre e fica cos olhes abertes é s'nel qu'está a tchamar outre.
- . Quande se sonha qu'uma p'ssoa morreu e 'stá viva dobra s'lhe os anes d'vida.
- . As târças fêras e sâxtas fêras são dias d'mau agoure, são dias d'bruxas, nâstes dias, no s'fazem casamentos.
- . Fazem-se figas quande s'passa por alguâe d'quem s'desconfia qu'é bruxa (assim no podem fazâr male à gente).
- . P'ra d'fendâr as crienças das bruxas, põe s'lhe ó p'scoço, um fio qu'tânha uma figa.
- . Prend'sse uma f'rradura d'trás da porta da intrada d'casa p'ra no intrarem as bruxas.
- . Da "mâia noute à uma" anda p'la terra a má fortuna.
- . Os lob'somens correm sete vilas acasteledas s'incontram algãe p'las ruas ó nas "incruj'lhedas" dos caminhes matam-nas. A luz das casas atrai-os por esta razão ouvem-se 'stronds durante a noite poi são os coices dâles nas portas.
- . O ant'criste há de nascâr d'uma Maria d'poi dos s'ssenta anes.
- . S'uma mãe óvir tchorar ma criença no ventre antes d'nascâr e s'no o d'zâr a ninguãe quande for grande a criença t'rá vartude.
- . As p'ssoas acraditam cas mulheres ó os homes d'vârtude tâem ma cruz no céu-da-boca.
- . P'ra livrar as crienças d'mau ollhede costumam pôr-lhe um fio ó pescoço com figas.
- . Fazâr três cruces nas portas ó nas parâdes das casas ó dos palheiros defende as p'ssoas e os an' meis dos ac'dentes.
- . Acradita-se que o que s'vâ na Lua é um home c'um molhe d'silvas p'ra sârvir d'case ós outres (O rai do home foi cortar silvas no Domingue qu'é dia d'Nosse S'enhor e foi castiguede por Dâs).
- . No s'devem por trâze p'ssoas à masma mâsa dá azar, uma d'elas morre (judas).
- . Durante a noute deve-se abanar a augua antes de s'bebâr, porque a água 'stá reposeda e pode fazâr male.
- . A augua corrente no mata gente.
- . A augua das nascentes é boa p'ra bebâr se cuspindo-lhe a saliva s'espalhar.
- . Quande um tchibo 'spirra é sinel d'bom tempe.
- . Quande o lume atiça é s'nel d'frio, s'estala é mau agoure, deta s'lhe sal p'ra cima para r'benter os " beços às bruxas".
- . Sa Lua tâe circule é s'nel qu'vai tchovâr.
- . Noute 'streleda manhê cagueda.
- . As canículas dão à gente s'nel do tempe qu'vai fazâr tode o ane: O ane tira o primere dia pra âle. O segunde dia representa Janeire o dia três Fevereire e assim pro diante.

- . *S'parece o arque-iris os velhes intigues d'ziam "arque da velha tempe d'merda".*
- . *Arque iris ao nascente água ó dia adiente.*
- . *Por um pedaço d'madeira no telhade livra a casa das tromentas.*
- . *Borbolâta em casa é s'nel d'boas novas.*
- . *S'alguãe veste ma peça d'roupa do avâse, é s'nel qu'vai recebâr um prasente.*
- . *S'aparece umajoaninha deve dizâr-se: "Sante Antónhe avoa avoa vai levar as cartas a Lisboa".*
- . *No há domingue sim missa nim sábadade sim sole.*
- . *Quem s'muda Dâs o ajuda.*
- . *È p'cade por o pão v'rede p'ra baiche.*
- . *S'o pão cai no tchão apanha-se logue e bêja-se.*
- . *P'ra atchar cousas pârdidas ata-se o diabe à cadeira, atande as pernas do assente c'um barace. Cãe sonhar trãs vâzes s'guidas com um havâr deve guardar s'grâde poi ad'vinha qu'stá lá um tesoure.*
- . *No s'deve varrâr a casa à noute, nim deter o lixo prá rua, poi deta-se a sorte e a fortuna prá rua.*
- . *Quande s'passa p'rum borburine d'vente, no s'deve atrer com nada pró mâio dêle porque fica assanhade.*
- . *Sas p'ssoas encontrarem um borburine tâe qu's'deter no tchão e fazâr uma cruz cos dâdes d'zende: "Foge! Foge! Venene da cruz ca aqui nascâu o m'nino Jâsus".*
- . *Custuma-se dizâr que quande s'fala numa p'ssoa e s'for vardade o que 'stá a dizâr ela aparece logue: "fala-se no diabe âle logue ap'rece..."*
- . *S'aquecem as orâlhas a ma p'ssoa e s'ficam "incarnadas" ê s'nel de que 'stão a falar dela. S'for a d'reita 'stão a dizâr bãe s'for a 'squârda é s'nel que 'stão a dizâr male.*
- . *Põe-se cuspe na orâlha p'ra p'ssoa qu'stá a sâr mald'zenta s'babe toda.*
- . *Quande ma mulher gráv'da tâe desâjos d'alguma cousa deve dar'slhe prá crença nascâr cos olhes 'spertes.*
- . *Na Lua nova no s'pode samiar ó fazâr trabalhes no campe.*
- . *Ma mulher co "cão" no pode mexâr no entchido, âste 'straga-se.*
- . *No s'deve contar as 'strâlas, por cada uma que s'contar, há de nascâr uma barruma.*
- . *Pra s'trer as barrumas a p'ssoa passa p'lo forne e diz baixinhe: "barruma barrumeira salta pró cu da forneira".*
- . *Quem canta seu male s'panta.*
- . *Mãos co levam parâdes o dêtam.*
- . *Dinheire male ganhe, augua o deu, augua o levou.*
- . *No peças a quem já p'diu, nim sirvas a quem já sarviu.*
- . *Quande s'ouve o cuco p'la primeira vâz no ane as p'ssoas tâem que 'sporjar-se no tchão p'ra no tâem "malêtas".*

- .No dia d'corpe Dãs no s'deve trabalhare poi na quinta fêra d'assunçeu s'os passarinhos sobessem nim comiam, nim bebiam nim punham os pés no tchão.*
- . No domingue d'rames no s'pode cortare ó piser ervas, anda Nosse Senhora 'scondide p'los campes.*
- . O al'crim e os rames d'oliveira benzides no domingue d'rames são bons p'ra livrar as casas das tormentas e p'ssoas dos ac'dentes.*
- . Na noute de São João é bom defumer o gade, as casas e as p'ssoas co fume d'al'crim, da marcela e do rosmaninhe, no apanham malêtas e livram-se do mau olhede.*
- . No dia do casamente, o noive só pode vâr a noiva d'poi d'vestida.*
- . O primeire ca pagar a luz da candâa no dia do casamente é o primeire a morrâr.*
- . Os solteires no s'devem sentar ós cantes das mäsas porque ficam p'ra tios.*
- . No s'deve varrâr os pés das catchopas solteiras poi ficam p'ra tias.*
- . As noivas p'ra târ sorte tâe d'por ma moeda no sapato quande vão p'ra Igreja.*
- . S'tchove na boda é s'nel cos noivos vão sâr riques.*
- . S'tiver qu'sâr pobre até na boda lhe há de tchovâr.”*

CAPITULO V

5. VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO LITERÁRIO ORAL TRADICIONAL

5.1 Estratégias Desenvolvidas na Valorização do Património Oral de Penha Garcia

Neste capítulo damos conta de algumas das estratégias e acções que concretizamos na recolha, preservação e divulgação das memórias da tradição oral do território, anexo número três.

Damos igualmente conhecimento dos contributos propostos e sugeridos neste humilde trabalho, simples sugestões mas que consideramos de maior importância na divulgação e preservação das memórias orais do território contemplado neste estudo.

Assim, a nível de conferências organizamos no dia quinze de Novembro de dois mil e oito as Jornadas Etnofolclóricas, na biblioteca municipal de Castelo Branco, em colaboração com as associações culturais da cidade e com o alto patrocínio da Fundação INATEL, delegação da Covilhã. A participação e o envolvimento dos grupos etnográficos permitiram a divulgação e a valorização das tradições orais conservadas em ambientes e espaços urbanos. As jornadas contaram com a presença e a participação do etnomusicólogo José Alberto

Sardinha e dos investigadores Antonieta Garcia e Donizete Rodrigues, da Universidade da Beira Interior.²¹³

No dia onze de Dezembro de dois mil e nove, promovemos no auditório da Biblioteca Municipal de Castelo Branco, uma acção intitulada - Entre o Sagrado e o Profano - tendo a mesma recolhido grandes apoios por partes das entidades, instituições e associações locais. Na iniciativa divulgaram-se os valores do património oral de Penha Garcia relacionados com as crenças, as tradições e as superstições. Contaram, igualmente com a comparência de diversos investigadores destacando-se a presença do investigador Moisés Espírito Santo. Os alunos das escolas que participaram recolheram inúmeras rezas e assistiram aos rituais efectuados durante o sarau cultural. A comunicação social²¹⁴ divulgou o evento tendo o mesmo sido objecto de uma reportagem divulgada na Local Visão de Castelo Branco.²¹⁵ Com o intuito de sensibilizarmos os alunos e as escolas para a valorização das memórias orais nos seus territórios educativos organizamos também uma exposição sobre a religiosidade dos nossos avós, no átrio da referida biblioteca.

Concretizamos também, no dia dezoito de Junho de dois mil e nove a conferência - Mouros e Cristãos - organizada e promovida, na biblioteca municipal de Castelo Branco, onde divulgamos lendas, superstições e rituais da raia beirã.²¹⁶

No dia treze de Dezembro de dois mil e dez promovemos o colóquio - República, Memória e Tradição Oral - na biblioteca municipal de Castelo Branco, onde divulgamos as memórias orais sobre a proclamação da República através dos testemunhos relatados por personagens de Penha Garcia.²¹⁷

Na Universidade Sénior albicastrense, Usalbi, onde leccionamos, em regime de voluntariado introduzimos e desenvolvemos a disciplina de Genealogia, onde os alunos transcrevem para livros as suas histórias de vida. Estes têm contribuído para a valorização dos idosos através da partilha das suas memórias orais com as gerações mais novas, filhos e netos, anexo, número um.²¹⁸

Ao longos dos anos temos de facto promovido muitas outras iniciativas orientadas para a preservação e a divulgação das memórias da tradição oral, integrando sempre que possível, as personagens vivas dos territórios nas acções. Os seus testemunhos orais e presenciais dão vida e alma aos valores patrimoniais, nomeadamente aos contos tradicionais, onde as crianças vibram com a oralidade e os gestos dos idosos.

²¹³ Jornal Reconquista. Jornadas Etnofolclóricas. <http://videos.sapo.pt/7uazRK3CRoZrOrUmVUdQ>. Consultado em 30/09/2012.

²¹⁴ URBI@ORBI. Inatel "entre o Sagrado e o Profano". <http://www.urbi.ubi.pt/arquivo/2009/516-2009-12-08/6777/>. Consultado em 30/09/2012.

²¹⁵ Local Visão. O Sagrado e o Profano - Conferência e Exposição na Biblioteca. <http://videos.sapo.pt/S5aK8zaO49t7PozUOlBr>. Consultado em 30/09/2012.

²¹⁶ Local Visão de Castelo Branco. Feira de Mouros e Cristãos. <http://videos.sapo.pt/jnrdZPf0zdEZOpPav2r2>. Consultado em 30/09/2012.

²¹⁷ Local Visão de Castelo Branco. República, Memória e Tradições. <http://videos.sapo.pt/s0UqZ0nWp4yPgG2LAVVH>. Consultado em 30/09/2012.

²¹⁸ Local Visão de Castelo Branco. Genealogia Eternizada. <http://videos.sapo.pt/i9pl114DpjHNZ0Bib3Rf>. Consultado em 30/09/2012.

5.2 Proposta com Estratégias de Valorização e Divulgação da Literatura Oral Tradicional a promover na Rota dos Fósseis do Parque Iconológico de Penha Garcia integrado no Geopark Narturtejo

Acreditamos que uma das soluções para a preservação das memórias orais e consequente valorização das personagens, dos idosos da região, detentores de preciosos tesouros da literatura oral tradicional passa pelo seu enquadramento no turismo incorporando os circuitos turísticos do Parque Iconológico de Penha Garcia, nomeadamente a Rota dos Fósseis.

Toda a riqueza e dimensão cultural, deste património imaterial, que segundo a Unesco²¹⁹ faz parte do Património Universal da Humanidade pode e deve ser dado a conhecer à medida que se percorrem as velhas ruas da Vila de Penha Garcia, cheias de histórias que o tempo se encarrega de extinguir. Pode igualmente integrar e ser valorizado através do percurso geológico da Rota dos Fósseis, cujo itinerário perde-se nos caminhos misteriosos, nas veredas e nos atalhes lendários das fragas do Rio Ponsul. Mesclando-se os tesouros das memórias orais dos lugares com as riquezas geológicas desses mesmos espaços pode-se enriquecer as atracções turísticas nos territórios. Os movimentos turísticos geradores de receitas financeiras poderão de facto apoiar e fomentar, a preservação e a valorização dos valores patrimoniais dos territórios, nomeadamente aqueles que são atingidos pelos graves problemas da interioridade e da desertificação.

A literatura oral popular de Penha Garcia pode ser assim, preservada sem ser imunizada em cassetes de áudio, vídeos ou em arquivos digitais, pelo contrário deve ser algo vivo que complementa e engradeça os interesses e os movimentos turísticos da região, fascinando os simples viajantes ou aliciando e seduzindo os turistas mais distintos.

A nossa memória colectiva como símbolo da nossa identidade pode ser descoberta, divulgada e valorizada em viagens através da história, revisitando locais, espaços ou monumentos materializados nos percursos do Parque Iconológico de Penha Garcia ou do Geopark Naturtejo.

O desafio que propomos com os contributos sugeridos neste trabalho consiste em utilizar os recursos patrimoniais, nomeadamente a literatura oral, nas referidas rotas turísticas integrando a participação, colaboração e o envolvimento activo das gentes do território. Reconhecemos que uma efectiva melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e o desenvolvimento local passam, também necessariamente, pela capacidade humana de interagir no e com o território.

Segundo a Carta Europeia de Geoparques:

²¹⁹ Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial que entrou em vigor a 20 de Abril de 2006. Portugal ratificou a Convenção a 26 de Março de 2008. http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=16. Consultado em 30/09/2012.

“ A maioria dos sítios presentes no território de um Geoparque Europeu deve fazer parte do património geológico, mas o seu interesse pode ser também arqueológico, ecológico, histórico ou cultural [...] um Geoparque Europeu tem impacto directo no território por influenciar as condições de vida e o ambiente dos seus habitantes. O objectivo é permitir aos seus habitantes reaproveitarem os valores do património do território e participarem activamente na revitalização cultural do território como um todo.”²²⁰

Tendo em conta os objectivos da Carta Europeia de Geoparques e a pensarmos no bem-estar das populações, nas questões da tradição e inovação do património, porque ele também se constrói, activa e destrói todos os dias, propomos a seguinte proposta com vista à preservação das memórias de tradição oral na Rota dos Fósseis do Parque Iconológico de Penha Garcia que se poderão alargar aos restantes percursos turísticos do Geopark Naturtejo.

CONTRIBUTOS PARA A PRESERVAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE UM SEGREDO QUE SE QUER E PRETENDE ABRIR AO MUNDO

O Fantástico e o Maravilhoso das Fragas do Ponsul

Na Vila de Penha Garcia carregada de história promove-se a chamada Rota dos Fósseis, um percurso pedestre, conhecido e divulgado através das acções turísticas do Geopark Naturtejo. O Parque Iconológico de Penha Garcia incorpora um território com uma extraordinária paisagem natural, histórica e paleontológica. Divulga riquíssimas atracções históricas, nomeadamente um castelo templário, cujas raízes se perdem nos míticos mouros, uma imagem de Nossa Senhora do Leite, do século XV e uma Praça Medieval que aglomera um conjunto de casas típicas, tipo beirão, onde a arquitectura se confunde com o empedrado das ruas antigas, sinuosas, estreitas e repletas de labirintos. Difunde, igualmente os fragedos do rio Ponsul, com inúmeros vestígios de Cruzianas, rastos de trilobites e de outras espécies marinha, incrustadas nas lajes dos rochedos das fragas, encerrando os Icnofósseis, os maiores mistérios da Terra e do Homem.

Tendo em conta o trabalho de investigação, da nossa colega Manuela Catana traduzido numa prática e útil tese de mestrado²²¹, sobre estratégias de valorização e de divulgação do Parque Iconológico de Penha Garcia, não podíamos deixar também, como filhos da terra, de contribuirmos e de enriquecermos com o nosso humilde estudo o santuário natural das fragas de Penha Garcia.

As propostas que apresentamos neste estudo, no qual designamos por estratégias para a preservação das memórias da tradição oral de Penha Garcia, são meros contributos, que poderão dar vida e enriquecer a Rota dos Fósseis. Um percurso também faz-se com sonhos

²²⁰ Carta Europeia de Geoparques. Cf. http://www.europeangeoparks.org/?page_id=357. Consultado em 30/09/2012.

²²¹ CATANA, Maria Manuela Domingues da Silveira. (2008). Valorizar e Divulgar o Património Geológico do Geopark Naturtejo. Estratégias para o Parque Iconológico de Penha Garcia. Tese de Mestrado em Património Geológico e Geoconservação. Universidade do Minho. Cf. http://www.dct.uminho.pt/mest/pgg/docs/tese_catana_2008a.pdf. Consultado em 30/09/2012.

vivências e mistérios e pode integrar as gentes locais, com as suas crenças, mitos e superstições, mesclando-se o natural, o biológico e o paleontológico com o fantástico e o maravilhoso que se manifesta nas memórias da literatura oral de tradição popular. Assim, talvez consigamos abrir e dar a conhecer ao mundo, nas palavras do Eng. Armindo Jacinto, vice presidente do Turismo Centro de Portugal,²²² um segredo muito bem guardado.

Os contributos com os quais pretendemos enriquecer e dar vida à Rota dos fósseis fundamentam-se no conhecimento, na divulgação e no estudo das recolhas do *corpus*, “*agoures do munde nim crâ-los nim ‘sprimentá-los*” que apresentamos na investigação e que delineamos num quadro, anexo número três.

Identificamos os valores patrimoniais e históricos do território da freguesia e incorporámos nesses espaços as memórias orais ligadas a esses mesmos locais.

Assim, no espaço do reduto da Igreja integrando as personagens locais poderão fazer-se ouvir numa linguagem típica, rica em dialectos caracterizadores do isolamento da comunidade, a lenda do mata cães, a maldição do reduto ou as quadras do culto à Senhora do Leite. Ao mesmo tempo que se ouvem as melodias das histórias contemplar-se-ão os locais, dessas mesmas memórias. Os rochedos das fragas ou os enormes pedregulhos de quartzito das muralhas que outrora protegeram a população da Vila farão sonhar qualquer um dos participantes nos percursos do parque Iconológico de Penha Garcia. No alto do castelo templário poderão ouvir-se os mistérios da lenda do D. Garcia ou as maldições do castelo da bufa, local da força e de habitação dos sem terra. A paisagem natural incorporando a memória dos homens, urdida numa espécie de teia de tear recordará aos visitantes os medos, as bruxas mas também as partes de vida, cujos testemunhos orais revelarão o sofrimento humano das gentes de outros tempos.

Nas fragas, santuário natural, onde se ocultam os mistérios da Terra e do Homem os testemunhos orais enriquecerão as explicações geológicas dos espaços e dos monumentos naturais. Os idosos relatando histórias locais com vivacidade, gestos e com olhares fixados no horizonte da vasta paisagem darão conhecimento da lenda da bela moura “*incantéda*” numa “*sãrpente com cabâles*”, dos misteriosos tesouros enterrados na “*bitcha pintada*” e terminarão com a conhecida expressão “*âlha qu’ê vardade!*” procurando reforçar e validar a veracidade dos factos explanados.

Nos moinhos integrados e enraizados nas rochas das margens do Ponsul darão conta das memórias relacionadas com o dia-a-dia dos moleiros, das suas vidas rudes e tormentosas, de luta permanente com a força das águas do rio que nas tempestades arrastava haveres e vidas.

No açude do pego contarão partes de vida relacionadas com os banhos da “*catchopada incarrapatada*”, proibidos às “*catchopas*”, como se fossem verdadeiros ritos de passagem da adolescência para a idade adulta.

No caminho da fonte, rua que conduz os visitantes e os grupos turísticos, numa rotina quase diária, aos fragedos do pego e que nas expressões populares dos mais idosos

²²² Descubra Um Segredo Muito Bem Guardado. Folheto turístico do município de Idanha-a-Nova. Impressão: Grafilinha, Lda, Agosto 2008.

corresponde a um “*pri arriba e pri abaixo*” podem ser revelados os ritos relacionados com o São João ou a maldição do cão “*prâte*”, praga rogada por uma jovem, com muito ódio, a um rico e avarento proprietário local.

Nos largos e praças da Vila as personagens locais detentoras dos saberes e dos conhecimentos das crenças e das tradições da povoação, através da oralidade darão vida às memórias dos espaços adormecidas no tempo. Há medida que se vão observando as velhas ruas, os espaços das tabernas, os canhões ou os fornos privados onde se pagava a célebre “*poia*” por cada “*fornada*” de pão cozido, os turistas poderão ouvir as rezas do pão ou serem contemplados com cenários vivos de “*saranatas*” aos noivos ou de rondas com os seus famosos cantares ao desafio. Na praça do pelourinho, as representações históricas poderão dar vida aos ritos da Semana Santa, com mulheres a beijar religiosamente as pedras das calçadas ou às recordações dos “*balhos*” no “*terrere*” do forno, onde se ouvirá “*a m’nina balha*”. Os idosos, também não deixarão de referir que naquelas ruas corria o terrível “*lob’somem*” com uma “*parnâta danada*” que escorregando nas calçadas de pedra de quartzito deitava “*tchispas*” de lume nas ferraduras e cravava violentos couces, nas portas dos lares.

A divulgação dos espaços históricos assim como dos vestígios geológicos existentes no território da Vila se integrarem na verdade, conforme propomos neste trabalho, as memórias das gentes locais possuidoras de saberes milenários transmitidos através da oralidade, ao longo dos séculos, nos percursos pedestres enriquecerão os conhecimentos e as experiências dos guias e técnicos de turismo do município.

NOTAS CONCLUSIVAS

O Povo da raia, ao longo dos séculos, nomeadamente as gentes de Penha Garcia, desde tempos imemorráveis que têm sabido transmitir às gerações vindouras os seus usos e costumes, as suas crenças, tradições, mitos e ritos, preservando verdadeiros tesouros da literatura oral tradicional.

Um cantar aqui, um conto acolá, uma crendice ou um rito na calada da noite, a mezinha que cura, a boa e a má hora que passam, as “*encruzilhedas*” do “*lob’somem*” o sabat ou “*concilius*” das bruxas, os “*balhos*” que animam os festejos ou os cantares das romarias, ao som dos adufes são memórias da memória colectiva do Povo que urge recolher, preservar e divulgar para que a nossa alma, as raízes do território continuem a navegar por esse mundo fora, nos horizontes da memória.

Pensamos que deste modo as vivências, a alma e o espírito do raiano poderão continuar a sobreviver e a serem transmitidas ao longo dos tempos preservando-se a memória oral do antigo território, marcado pelas heranças das inúmeras culturas dos povos que se sobrepõem nas ruínas das velhas pedras da antiquíssima Egitânia.

As riquezas da literatura oral tradicional, parte integrante do vasto e riquíssimo Património Histórico-cultural da raia, de natureza tangível ou intangível, que nas palavras do Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Eng^o. Armindo Jacinto, um segredo muito bem guardado, na memória e nas vivências das gentes do território deve ser descoberto, partilhado, valorizado e divulgado por todos, desde os naturais aos visitantes.

O turismo pode desempenhar um papel muito importante na preservação dos bens culturais, recriando e revivendo pedaços de memória, numa evolução constante, de preservação dos valores tradicionais que são legados dos avós aos filhos, aos netos.

Portugal pode ser um pequeno país, em dimensão territorial, mas é enorme em pedaços de memória que perduram e fazem do nosso país um enorme manancial de usos, ritos, costumes e tradições de uma riqueza incalculável que pode e deve ser integrado nas rotas do turismo do território.

Constatamos que muitos dos costumes e das tradições já se perderam no tempo, nomeadamente o hábito que as mulheres tinham quando aos Domingos e dias Santificados vinham a casa, à Vila, de levarem à cabeça atados num lenço grande, o xaile, a saia, as meias e os sapatos para se lavarem à entrada da vila, nas margens da “*ribeira*” do Ponsul. Os serões que animavam as noites frias, as rondas que durante a noite corriam as ruas da Vila, cantando ao desafio, cederam lugar à rádio, à televisão e à internet. O Homem tornou-se menos alegre, criativo e artista, as crianças já nem todas adormecem ao colo das avós, ao som das cantigas de embalar ou dos contos populares.

Penha Garcia, também já não é aquele aglomerado de casas só de pedras toscas e lá no fundo das fragas o rio já não corre, notamos grande movimento de turistas, mas sentimos a ausência das lavadeiras e a praça medieval da Vila, o coração da terra adormece ou ao som das lamentações e das orações de algum idoso que teima em não querer abandonar o local

das suas raízes ou dos ruídos dos grupos turísticos que percorrem as velhas ruas empedradas de quartzito, cheias de “*incantes*” e de “*misteres*”.

Mas, ainda hoje, no território raiano, tal como nas restantes comunidades rurais ou urbanas, apesar de se ter televisão e médico de família constatámos que nos momentos mais difíceis, nas “*amarguras*” da vida recorre-se às antigas crenças e continua-se a fazer mezinhas e benzeduras. Não sabemos, se por hábito e força da tradição, se por ignorância ou por se acreditar piamente nas superstições do mundo. Independentemente dos seus resultados práticos, estas formas do património oral merecem o nosso respeito, forte empenho nas recolhas, estudo e divulgação não só pela riqueza da literatura oral que encerram em si, mas também pelo papel que desempenharam e ainda desempenham na formação das identidades culturais dos territórios.

Ao longo deste nosso trabalho mergulhamos no mundo do fantástico e do maravilhoso das gentes simples e humildes da raia beirã. As comunidades locais apesar de marcadas pelas amarguras da vida, sofrendo os flagelos da desertificação e da interioridade souberam e sabem ainda hoje preservar e divulgar costumes, contos, lendas, crenças e superstições que se perdem na longa noite dos tempos.

Nestes lugares misteriosos, sagrados e profanos do território da velhíssima Egitânia onde todos as encruzilhadas conduzem a encontros com o longínquo passado do Homem e da Terra, a horizontes carregados de memórias e de referências históricas. Por entre as ruas estreitas e sinuosas, as soleiras das portas, subindo ou descendo os rochedos das fragas de Penha Garcia, encontramos, idosos de rostos marcados pelos rigores do tempo, personagens ricas em histórias de vida, cujos enredos prendem, qualquer turista ou investigador.

Sentimos uma profunda tentação de recolher, registar e preservar todas estas memórias, com curiosidade, empenho e entusiasmo, mergulhamos na grande aventura do encontro com as nossas próprias raízes. Nos diários de campo registamos os mistérios da raia, nomeadamente da freguesia de Penha Garcia. Caminhamos lentamente com muito esforço e sacrifícios pessoais fazendo longos serões nas noites frias de inverno e nas noites abafadas e sufocantes de verão.

Quanto mais ouvíamos mais desejávamos conhecer e descobrir. Assim, o que este humilde trabalho de investigação contém, são algumas das inúmeras recolhas, dos tesouros que nas nossas peregrinações pelos cantos e recantos da vila vimos, ouvimos e registamos. Temos consciência de não ter esgotado o tema, apesar das muitas falhas, que este pequeno e simples estudo seja uma renovação das memórias da literatura oral, de sonhos apagados nas nossas terras. Que sirva para impedir o crescimento das ervas daninhas do esquecimento, nos caminhos da esperança e do amor pelas pequenas cousas das memórias que nos ligam às terras e às gentes que nos viram nascer e crescer.

As gerações têm o dever de preservar as memórias orais, essa alma grande que pula e avança, essa sabedoria popular que, bebendo e alimentando-se das suas próprias raízes, nos fazem tão portugueses como o foram aqueles que sonharam Portugal.

GLOSSÁRIO

As terras da raia conforme constatámos nas recolhas etnográficas que efetuamos ao longo dos anos no território e das quais demos conhecimento no desenvolvimento deste trabalho, apresentam na sua literatura oral um rico e vastíssimo conjunto de termos populares que achamos por bem e oportuno integrar no estudo.

Assim no glossário que apresentamos damos conta das expressões populares dos falares típicos que compilamos no território raiano que apesar de muito incompleto poderá ser enriquecido e desenvolvido no tempo e em futuras investigações.

A

- **Animel**- animal
- . **Alcare**- álcool, bebidas alcólicas
- . **Aventar** - mesmo que *aventer* /deitar fora
- **Almáreo** - armário
- **Âtra** - outra
- **Apitcher** - incentivar
- **Atulhede** - cheio
- **Avintar** - deitar fora
- **Amanhade** - ter sorte
- **Antontem** - anteontem
- **Amargulher** - baixar
- **Alínterna** - lanterna
- **Aguamente** - ficar com desejo
- **Alimbrança** - recordação
- **Atarantede** - atrapalhado
- **A-de-rabe** - atrás de
- **Arre-Diebe** - Oh diabo
- **Aboâr** - A beber
- **Aboar** - a voar
- **Ajuder** - ajudar
- **Alacrário** - lacrau
- . **Aleije** - ferida
- **Anecril** - alecrim
- **Atão** - então
- **Aviede** - despachado
- **Amanhê** - amanhã
- **Apeguilher** - teimar
- **Assanhar** - incentivar
- **Amalhoar** - dividir
- **Anda que** - depois
- **Avissêra** - encosta
- **Arraial** - casario
- **Âlha** - olha
- . **Atão**- então

B

- **Badálo** - falar muito
- **Badalhoca** - porca
- **Batrel** - muro
- . **Balcória**- deservergonhada
- **Botar** - deitar
- **Bulir** - mexer
- **Batâr** - bater

- . *Balho*- baile
- *Batchaquer* - mexer na água
- *Boêro* - pedregulho
- *Brotcha* - calar
- *Barranhão* - alguidar
- *Butcha* - merenda
- *Barbêre* - frio
- *Barborine* - berburino
- *Barroco* - pedra grande
- *Barrocal* - terreno com muitas pedras
- *Badalão* - língua grande
- *Barrilêro* - mal-ajeitado
- *Bácoro* - porco
- *Bôtche* - chamar o cão

C

- *Cantchada* - passo largo
- *Cagule* - cheio
- *Carnéreda* - bater com a cabeça
- *Cartchantada* - pancada
- . *Cascalhada* - riso
- *Catchaporra* - objeto de bater
- *Catchaço* - pescoço grande, falar com arrogância
- *Catchôpe* - rapaz
- *Calacêre* - mandrião
- *Carujer* - chuva miudinha
- *Carjar* - trazer
- *Courão* - corpo grande
- *Caracol* - buzio
- *Cangalhas* - óculos
- *Coutche* - concha de cortiça
- *Corna* - corno de animal
- . *Coberta*- manta de ourelas / adubar a seara
- *Cunca* - recipiente
- *Caitela* - cuidado
- *Calhoada* - pedrada
- *Côdea* - naco de pão duro
- *Chanfana* - petisco
- *Cuder* - cuidado
- *Catraia* - rapariga nova
- *Calête* - mau feitio
- *Cantcho* - pedaço de terra
- *Cantchada* - passo largo
- *Cruite* - cimo de
- *Calipte* - eucalipto
- *Cabrêre* - pastor
- *Cantchal* - pedaço de terra
- *Cangalhêra* - objetos inúteis
- . *Cancelão*- portão

D

- *Dabanão* - de vez/enquanto
- *Damonhe* - demónio/diabrete
- *Danade* - zangado
- *Dar ó badále* - falar muito
- *Dentuça* - dentadura
- *Desmarzelede* - descuidado
- . *desmarzelas*- magoar-se
- *Drente* - dentro
- . *Dâle*- dele

- *Dantes* - antigamente
- *Detéde* - deitado
- *Defronte* - em frente de
- . *Desmentide*- deslocado
- *Dâs* - Deus
- *Dabolca* - diabólica

E

- *Empalamede* - doente
- *Entre-cama* - tira de lençol bordado
- *Escartchade* - partido
- *Esfandagar* - esfarrapar
- *Ervaçâde* - muita erva
- . *Estabordar*- cheio
- . *'Stambarede*- deitado

F

- *F'cou* - ficou
- *Foita* - destemida
- *Fatioca* - vestimenta
- *Fanega* - medida de cereal
- *Fanegada* - sementeira
- *Farnhêra* - farinha
- *Fazãr* - fazer
- *F'quer* - ficar

G

- *Gorrão* - pedra pequena
- *Gorroêra* - terreno com muita pedra
- *Gravanadas* - chuvadas
- . *Gravanços*- grão
- *Gaspacho* - salada
- *Garruça* - gorro
- *Gripeda* - com gripe
- *Gaitêre* - fino, vaidoso
- *Ganhão* - trabalhador rural
- *Ganguinhas* - teimoso

I

- *Inchogar* - enxaguar
- . *Inbotede*- sujo
- *Incardide* - sujo
- *Intchâr* - encher
- *Intrude* - entrudo
- *Intchide* - enchido, carne de porco
- *Ingarelas* - objeto para colocar carga nos animais, pessoa magra

J

- *Jãsus* - Jesus
- . *Jaja*-roupa de criança
- . *Javarde*- mal criado
- . *Javaril*- javali

L

- *Lantcheira* - pedaço de terra grande
- *Lapatchêre* - lamaçal
- *Lamaçêre* - lamaçal
- *Lá in riba* - lá em cima
- *Lá p'ra riba* - para cima

- *Lonjura* - distância
- *Lambâr* - lamber
- *Lête* - leite

M

- *Manápulas* - mãos
- *Miguelha* - migalha
- *Mastocar* - bater
- *Marouva* - fruta
- . *Marcar*- comprar
- *Mólheda* - mão cheia de
- *Molhe* - molho
- *Melhâne* - ave de rapina
- *Mãia-leca* - pequeno
- *Malquêra* - maluqueira
- *Mâio quartilhe* - pessoa pequena

N

- *Navãgo* - movimento
- *Nagálhe* - corda feita de palha
- *Naboêre* - nevoeiro
- *Navalha* - faca
- *Noute* - noite
- *Noutibó* - ave noturna
- *Nãgra* - negra

O

- *Ó depoi* - depois
- *Ós pois* - de seguida
- *Olvél*- olival
- *Orlhada* - bofetada
- *Ordanha* - ordenha

P

- *Pardejer* - escurecer
- *Pertelinhe* - perto
- *Poia* - imposto do forno
- *Pecanine* - pequenino
- *Patear* - pisar
- *Pose-o* - colocou-o
- *Pintchou* - saltou
- *Pego* - margem funda
- *Penérer* - peneirar
- *Pecarritche* - pequenino
- *Paviola* - objeto de transportar carga
- *Podão* - objeto de cortar
- *Priáde* - zangado
- *Pernil* - ponta de saca
- *Parâde* - parede
- . *Pata* - pé
- *Prâte* - preto
- . *Portade* - ombreira da porta
- *Portela* - passagem entre duas rochas
- *Parguejer* - amaldiçoar

Q

- *Quejeda* - quejeira
- . *Quiete*- quieto

R

- *Rapar* - cortar rente
- . *Rai t'partem*- raios que te partem
- . *Rais tapalirem*- diminutivo de raios te partem
- *Ratchar* - abrir
- *Ratchadela* - fissura
- *Rebusque* - apanhar desperdícios
- *Rebolta* - mudança de tempo
- *Relâmpague* - relâmpago
- *Relampão* - de repente
- *Restia de Sol*- raio de sol
- *Rebotelhe* - desperdício
- *Remoinhe* - remoinho
- *Relóquer* - endoidecer
- *Ralação* - preocupação
- *Rapnou* - roubou
- *Ripede* - roubado
- *Ratcha* - tira, pedaço
- . *Ratchar*- partir
- *Redol*- em redor
- *Ruça* - geada
- *Rebêra* - rio
- *Raiola* -jogo com moeda
- *Râde* - rede
- *Rude* - grosseiro
- *Ranhede* - riscado

S

- *Sagorre* - simplório
- *Sarrão* - saco
- *Sagreda ´Sritura* - Sagrada Escritura
- *Sarralhões* - terreno com erva e cardos
- ´*Stchabaçáde* - partido
- . ´*Strapor*- atirar
- . ´*Storrér*- rebentar
- . ´*Sterreda*- cabeçada
- ´*Stamborede*- deitado
- *S´nel* - sinal
- *Sortes* - convocação para o serviço militar
- *Sante* - Santo
- *Santanêre* - beato

T

- *Tchinas* - pedras pequenas
- . *Tapona*- bofetada
- *Tabéfe* - bofetada
- *Tatchas* - nádegas
- *Tamâe* - também
- *Tangânhe* - pau
- *Tcharas* - estevas
- *Tropar* - subir
- *Talefe* - marco geodésio
- *Talóca* - buraco
- *Tcheberre* - chibo, cabrito
- *Tchâio* - cheio
- . *Tchave* - chave
- *Tchavâlhe* - chifre
- . *Tchamar* - chamar
- . *Tchapar*- sexo

- . *Tchamise*- pequenos paus
- *Tropâce* - trapeço, assento de cortiça
- *Tchiquêre* - bardo dos cabritos
- *Tchovesquer* - chuva miudinha
- *Trunfa* - cabelo grande
- *Tromba* - rosto
- *Tchibe* - zanga
- *Tcharinguêre* - acusar alguém
- *Tuté e Mãia* - volta e meia
- *Tonha* - pessoa simples

U

- *Urrer* - gritar
- *Uver*- imitar o lobo

V

- *Vivó pove* - falatório
- *Varrâr* - varrer
- *Vinguer* - vingança
- *Vardade* - verdade
- *Vardasca* - vara verde
- *Ventas* - cara, rosto
- *Venegre* - vinagre
- *Vâr* - ver
- *Vârde* - verde.
- . *Vienda*- alimentação dos porcos

X

- *xara*- esteva
- . *Xô* - enxotar
- . *xérér*- cheirar

Z

- . *Zurrér*- ruído de animais

BIBLIOGRAFIA

- . ALMEIDA J. de. (1945). *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Vol. I. Lisboa: Edição do autor.
- . ALMEIDA, C. (1993). “Património: Riegl e hoje” in *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa: 2ª Série. Vol. X.
- . ALMEIDA, J. de. (1945). *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. Lisboa: Tomo I. Edição do Autor.
- . ANTUNES, A. P., (1950). *Penha Garcia na Ordem de Cristo*. Lisboa: Separata do 2º Vol. dos Subsídios para a História Regional da Beira Baixa.
- . ARROTEIA, J. C. (1994). *O Turismo em Potrtugal. Subsídio para o seu conhecimento*. Aveiro: Fundação João Jacinto Magalhães.
- . *Boletim Cultural Cira*, nº 2 (1986). Vila França de Xira. Edição Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- . BRAGA, T. (1915). *Contos tradicionais portugueses*. 2 vols. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- . CABANAS, A. (2006). *Carregos - Contrabando na Raia Central*. Lisboa: Artemágica.
- . CAMPOS P. J. P. de. (1959). *Estações Arqueológicas nas Bandas de Leste, no Concelho de Idanha-a-Nova*. Lisboa: I Congresso Nacional de Arqueologia.
- . CAMPOS, J. P. e CATANA, A. S. (s.d). *Triangulo Turístico do Concelho de Idanha-a-Nova*. Edição de Junta de Turismo de Monfortinho. Castelo Branco: Gráfica de S. José.
- . CAMPOS, J. P. *Considerações para a defesa do património cultural e natural*. Penha Garcia. (Trabalho não publicado).
- . CARVALHO, N. (2004). “Os Testemunhos que as Rochas nos Legaram: Geodiversidade e Potencialidades do Património do Canhão Fluvial de Penha Garcia”, in *Associação Portuguesa de Geólogos*. Geonovas nº 18.
- . CASADO VELARDE, M. (1988). *Lenguaje y Cultura*. Madrid: Editorial Sintesis.
- . CASTELLS, Manuel. (2001). *O Poder da Identidade*. Lisboa: Serviços de Educação e Bolsas, Fundação Calouste Gulbenkian.
- . CATANA, A. e FERREIRA, H. (2012). *Mistérios da Semana Santa em Idanha*. Idanha-a-Nova: Progestur.net.
- . CHOAY, F.(1999). *Alegoria do Património. Arte e Comunicação*. Lisboa: Edições 70 Lda.
- . CINTRA, L. e F. REI. (1993). *Mapas dos dialectos portugueses e galegos. Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: INCM.
- . COSTA, C. da . *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica*. Tomo Segundo. Edição Fac-Símile, 2006. ALCALÁ: Gráficas Contador, S.L.
- . DAVID, C. (1991). *A Linguística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Lda.
- . DELORS, J.(1996). *Educação - um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Lisboa: Edições ASA

- . *Descubra Um Segredo Muito Bem Guardado*. Folheto Turístico de Idanha-a-Nova. Idanha-a-Nova: Impressão: Grafilinha, Lda.
- . DIAS, J. L. (1971). *Etnografia da beira*. Vol VI. Lisboa: Livraria Ferin.
- . DIAS, J. (1963). *A Etnografia como Ciência*. Separata da Revista de Etnografia, nº 1. Porto:Junta distrital do Porto.
- . DUARTE, A. (1993). *Educação Patrimonial.Guia para Professores, educadores e monitores de museus e tempos livres*. Lisboa:Texto Editora.
- . DUARTE, de A. (2006). *Livro das Fortalezas*. Introdução de Manuel da Silva Castelo Branco. Fac "simile do MS.159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. A.N.T.T. e Lisboa: Edições Inapa, Lda. 3ªEdição.
- . ESPIRITO, S. M. (1984). *As Origens Orientais da religião Popular portuguesa*. Lisboa: Assirio e Alvim.
- . GIDDENS, A. (1991). *As Consequencias da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- . GIDDENS, A. (1994). *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta Editora.
- . *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. XX. Lisboa: Editorial Enciclopédia, Limitada.
- . GUADALUPE, V. F. de (1965).*Recolhas Etnográficas em Penha Garcia - Crenças Devocionais*. Lisboa: Separa da Revista de Portugal-Língua portuguesa-Vol. XXX.
- . GUERREIRO, M. V, (1997). *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*. Biblioteca Breve. Vol. IX. Amadora: Gráficas da Livraria Bertrand.
- . GUERREIRO, M. V. (1978). *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*. Lisboa:Instituto de Cultura Portuguesa.
- . HERMANO C. e FERREIRA, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação.Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- . HORMIGO, J. J. M. (1981). *Visitações da Ordem de Cristo em 1505 e 1537. Património*. Amadora:Edição do Autor.
- . ITURRA, R. (1987). "Trabalho de Campo e Observação Participante em Antropologia". In SILVA, A. e PINTO, J. (Orgs). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto:Edições Afrontamento.
- . *Livro das XVIII Jornadas sobre a Função Social dos Museus*. Idanha-a-Nova. Edição Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.2008.
- . LOBO, E. P. e CALDEIRA, F. (1972).*Subsídio para a História e Conhecimento de Penha Garcia*. Castelo Branco: Edição dos Autores.
- . LOPES, F. *Crónica de D. João I - Segundo o Códice nº 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*. Vol I. Biblioteca Histórica - Série Régia. Barcelos: Livraria Civilização Editora. Oficinas Gráficas Editora do Minho, SA. 1990.
- . MANGUEL, A. (2007). *A Cidade das Palavras*. Lisboa: Gradiva Publicações.
- . MEIRELES, M. T. (1998). *Contos e Lendas.Abordagem e Reflexão*. 1ºvol. Lisboa: Vega Escolar.
- . MENDES, J. A.(2009). *Estudos do Património- Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- . MORENO, H. B. (1985). *Os Municípios Portugueses nos séculos XIII a XIV*. Lisboa: Editorial Presença.
- . Moura, J. C. (2011). *História Terras Perdidas*. Castelo Branco: RVJ-Editores.
- . NAMORA, F. (1989) *Retalhos da Vida de um Médico*. Vol 2. Lisboa: Publicações Europa América.
- . NETO, C. (2006). *GEOPARK NATURTEJO DA MESETA MERIDIONAL 600 Milhões de Anos em imagens*. Idanha-a-Nova: Naturtejo E.I.M. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.
- . OLIVEIRA, E. V. (2000). *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*. Lisboa: 3ª Edição Fundação Calouste Gulbenkian / Museu Nacional de Etnologia. SIG-Sociedade Industrial Gráfica.
- . PACHECO, H.(1985). *Portugal- Património Cultural Popular 1*. Lisboa: Areal Editores, gráfica de Mirandela & Cª (irmão), Lda.
- . PACHECO, H. (1987). *Rostos da Gente-Escritos sobre o Património Cultural e Outras Histórias*. Lisboa: Editorial Caminho. Resopal, Lda.
- . PORTELA, J. (1985). *Observação Participante: Reflexão sobre uma Experiência*. Cadernos de Ciências Sociais, nº 3.
- . REINALDO, D. (2005). *Introdução ao turismo*. São Paulo: Atlas
- . RIBAS, T. (1977). *Etnologia (2)*. Cadernos F.A.O.J. Série B, nº 6.Lisboa: Gráficas do MAI.
- . RIBAS, T. (1977). *Etnologia 1*. Cadernos F.A.O.J, Série B, nº 5. Lisboa: Gráficas do MAI.
- . RODRIGUES, D. (2004). *O Terreiro das Bruxas: o religioso no maravilhoso popular*. Covilhã: Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior.
- . SANTOS, I. A. (2003). *Variações Linguísticas em Espaço Rural. A vogal [ü] numa comunidade do Baixo Mondego*. Lisboa: INCM.
- . SARAIVA, A. J. (1950). *História da Cultura em Portugal. Vol. I*. Lisboa: Jornal do Foro.
- . SARAIVA, A. J. (1993). *O que é a cultura?* Lisboa: Difusão Cultural.
- . SILVA, P. M. C. R. (2003). *Concelho de Idanha-a-Nova - Memórias Paroquiais - Transcrições*. Castelo Branco. Edição: Ediraia.
- . VASCONCELOS, J. L. (1913). *Religiões da Lusitânia*.Lisboa. Lisboa: Imprensa Nacional.

REFERÊNCIAS ELETRÓNICAS

- .*O Mundo das Trilobites de Sam Gon III*. Cf. www.trilobites.info. Consultado em 29/09/2012.
- .CATANA, M. M. S. (2008). *Valorizar e Divulgar o Património Geológico do Geopark Naturtejo. Estratégias para o Parque Iconológico de Penha Garcia*. Tese de Mestrado em Património Geológico e Geoconservação. Universidade do Minho. Cf. http://www.dct.uminho.pt/mest/pgg/docs/tese_catana_2008a.pdf. Consultado em 28/09/2012.
- .*Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural de 1972*. Cf. whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf. Consultado em 30/09/2012.
- .*Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial de 2003*. Cf. [Http://translate.google.pt/translate?hl=ptPT&langpair=en%7Cpt&u=http://portal.unesco.org/culture/en/ev.phpURL](http://translate.google.pt/translate?hl=ptPT&langpair=en%7Cpt&u=http://portal.unesco.org/culture/en/ev.phpURL). Consultado em 29/09/2012.
- .*Crónicas Ocasiais - Património e Tradição versus Desenvolvimento Local Património e Tradição versus Desenvolvimento Local*. Cf. <http://chaves.blogs.sapo.pt/558037.html>. Consultado em 30/09/2012.
- .DANIEL VILA, A. (2002). *El Turismo Cultural o la Mercantilización de la Cultura*. Cf. http://www.naya.org.ar/turismo_cultural/congreso/ponencias/aurora_daniel_villa.htm. Consultado em 29/09/2012.
- .*Diagnóstico social do Município de Idanha-a-Nova*. Cf. http://www.cmidadhanova.pt/gass/pdf/diagnostico_social.pdf. Consultado em 30/09/2012.
- .DISCURSO DA MINISTRA DA CULTURA, MARIA ISABEL DA SILVA PIRES LIMA. FÓRUM PORTUGAL, S. PAULO, Brasil. Cf. <http://www.portaldacultura.gov.pt/imprensa/intervenções/pagges/discursosme2005.aspx>. Consultado em 30/09/2012.
- .DIVERSIDADE, KOFI ANNAN. Brasília, 2007. Cf. <http://www.cultura.gov.br/noticias>. Consultado em 29/09/2012.
- .*Geopark Naturtejo: História milenar ao alcance de todos*. Cf. <http://escape.sapo.pt/boavida/roteiros/geopark-naturtejo-historia-milenar-ao-alcance-todos-4066507>. Consultado em 29/09/2012.
- .ICOMOS Carta de Turismo Cultural 1976. Cf. <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=248>. Consultado em 30/09/2012.
- .*Michel Giacometti (Povo que Canta)*. Cf. <http://pt.scribd.com/doc/18174805/1970-Michel-Giacometti-Povo-que-Canta>. Consultado em 29/09/2012.
- .*Os sons, os saberes e os viveres, Jornadas Etnofolclóricas Castelo Branco*, Cf. <http://www.imprensaregional.com.pt/reconquista/pagina/edicao/34/8/noticia-arquivo/5134>
- .*Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular de 1989*. Cf. http://portal.unesco.org/culture/en/ev.phpURL_ID=12779&URL_DO=DO_SECTION=201.html. Consultado em 30/09/2012.
- . *Rota dos Fósseis*. Cf. <http://historico.ensino.eu/2009/ago2009/propostas.html>. Consultado em 29/09/2012.
- .SANFILIPPO, M. T. (1998). *El Renacimiento de la Narración Oral en Itália e Espana (1985-2005)*. Departamento de Literatura Espanhola y Teoria de la Literatura, Facultad de Filología Universidad Nacional de Educación a Distancia. Tesis Doctoral. Cf. <http://www.uned.es/centro-investigacion-SELITEN@T/pdf/sanfilippo.pdf>. Consultado em 30/09/2012.
- .SÁ, E. (2009). *Contribuições da Dialectologia para o Ensino de Língua Portuguesa*. Cf. <http://pt.scribd.com/doc/58716009/CONTRIBUICOES-DA-DIALETOLOGIA-PARA-O-ESTUDO-DO-PORTUGUES>. Consultado em 30/09/2012.
- .URBI@ORBI. Inatel “ *Entre o Sagrado e o Profano*”. <http://www.urbi.ubi.pt/arquivo/2009/516-2009-12-08/6777/>. Consultado em 30/09/2012.
- .*Penha Garcia*. Cf. <http://pgpenhagarcia.blogspot.pt/2009/02/as-nossas-adufeiras.html>. Consultado em 29/09/2012.
- .“*TI*” *Artur*. Jornal do Fundão. Cf. <http://www.jornaldofundao.pt/fotos/105/2847.swf>. Consultado em 30/09/2012
- .*Notícia do Expresso sobre o PCI*. Cf. <http://expresso.sapo.pt/ministeriodaculturaprocessamembrosdogrupodopatrimonioimaterial=f638077>. Consultado em 30/09/2012.

.*Matriz Património Imaterial*. Cf. http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/patrimonio_imaterial/ContentDetail.aspx Consultado em 30/09/2012.
. *Turismo Espacial*. Cf. <http://www.turismoespacial.com/> . Consultado em 30/09/2012.
. *UNESCO*. Cf. http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=10 . Consultado em 30/09/2012.

REPORTAGENS NA LOCAL VISÃO

. *Cantares de Penha Garcia*. Cf. www.youtube.com/watch?v=NW2bgd46su4. Consultado em 28/09/2012.
. *Tanque de guerra em Penha Garcia*. Cf. http://www.youtube.com/watch?v=v4mwZNY_4il. Consultado em 30/09/2021.
. *Feira de Cristãos e Mouros*. Cf. <http://videos.sapo.pt/YlHpCWqqZdA5Yoj5qB00>. Consultado em 30/09/2012.
. *Genealogia Eternizada*. Cf. <http://videos.sapo.pt/i9pl114DpjHNZ0Blb3Rf>. Consultado em 29/09/2012.
. *Jornadas Etnofolclóricas*. Cf. <http://videos.sapo.pt/7uazRK3CRoZrOrUmVUdQ>. Consultado em 30/09/2012.
. *República, Memória e Tradições*. Cf. <http://videos.sapo.pt/s0UqZ0nWp4yPgG2LAVVH>. Consultado em 29/09/2012.

ARQUIVOS

. Arquivo André de Garcia (Penha Garcia).
. Arquivo do Tribunal de Idanha a Nova.
. Arquivo da Associação de Defesa do Património Cultural e Natural de Penha Garcia.

ANEXOS

Anexo nº 1



Anexo nº 2



Anexo nº 3

“SONHOS VIVÊNCIAS E MISTÉRIOS”

NA ROTA DOS FÓSSEIS DO PARQUE ICONOLÓGICO DE PENHA GARCIA

CONTRIBUTOS PARA A PRESERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS DA TRADIÇÃO ORAL DE PENHA GARCIA			
“SONHOS VIVÊNCIAS E MISTÉRIOS NA ROTA DOS FÓSSEIS”			
“UM SEGREDO QUE SE ABRE AO MUNDO”			
SÍTIOS E LOCAIS	MEMÓRIAS LOCAIS MISTÉRIOS/RITOS/MITOS	PARTICIPAÇÃO POPULAÇÃO LOCAL	PRESERVAÇÃO MEMÓRIAS DA TRADIÇÃO ORAL
REDUTO DA IGREJA “ O SAGRADO E O PROFANO”	<ul style="list-style-type: none"> . Destruição da Igreja . A maldição do Reduto . O “Mata Cães” . Culto da Sr^a do Leite . As Muralhas do Reduto 	<ul style="list-style-type: none"> .Integrar “idosos” conhecimentos sobre espaços e memórias locais 	<ul style="list-style-type: none"> .Divulgação das memórias locais .Registo das tradições orais
CASTELO TEMPLÁRIO “ MISTÉRIOS DA HISTÓRIA LOCAL”	<ul style="list-style-type: none"> . Lenda do D. Garcia . Os mitos da fortaleza . As obras de restauro . O Castelo da Bufa (local do enforcado e refúgio dos pobres) .O lugar do “carquejal” .A paisagem Natural e Humana . As lembranças e recordações de outros tempos 	<ul style="list-style-type: none"> .Guias turísticos deverão ter formação em história local conhecimentos teóricos sobre os sítios/espacos e memórias locais .Recursos fichas de bolso com resumos 	<ul style="list-style-type: none"> . Lenda D. Garcia . Mistérios dos Mouros . O papel da associação no restauro do castelo . As maldições do castelo da bufa . . Histórias orais: Ti Canilho, Ti Maria Taió, outros. . Memórias locais: . O crescimento da vila e a emigração”retrato rasgado”.
AS FRAGAS “SANTUÁRIO NATURAL” QUE GUARDA OS MISTÉRIOS DA TERRA E DO HOMEM	<ul style="list-style-type: none"> . As grutas das Fragas . A Lapa . Os tuneis da traição . Os lcnofósseis . A Cobra Pintada . Os Cristais de quartzo . Paredões/socalcos/furdas . Trilho dos contrabandistas . As “p’sserras” da Ti Chitas . A mina do “mão quartilhe” 	<ul style="list-style-type: none"> .Integrar personagens locais: . Diálogos com os “idosos” sobre sítios/espacos e memórias dos locais . Estimular as hortas e a pastorícia nas fragas do Ponsul 	<ul style="list-style-type: none"> . A magia da Lapa e a Lenda da Moura “<i>incantéda</i>” .Tesouro da “<i>bitcha pintada</i>” . Mina do “<i>mão quartilhe</i>” “<i>os sem terra</i>” . Quadras populares de Penha Garcia .”<i>Todá vida fui pastora</i>”
MOINHOS DAS FRAGAS “VER PARA CRER”	<ul style="list-style-type: none"> . Moinhos e Moleiros . Moinho do Pego . Moinho do Catafoio . Moinho do Paulo Costa . A Fonte da água santa . Casas, palheiros e furdas . Vidas de outros tempos “<i>s’tórias de vida</i>” .Objectos e vivências dos moleiros . As “<i>maquias</i>” . A Noite e a Madrugada nas Fragas: Excertos da obra de Fernando Namora. 	<ul style="list-style-type: none"> .Integrar personagens locais “idosos” .Objectivo valorização das partes de vida e das crenças locais . Conhecimento e valorização dos testemunhos baseados na oralidade 	<ul style="list-style-type: none"> . Recolha de “<i>s’tória de vida</i>” . O quotidiano nas veredas das “<i>p’sserras</i>” . As cheias do Ponsul . Os martírios do pão(quadras populares) . Canção da “<i>azenha velhinha</i>” . Vida de moleiro . Memórias do médico Fernando Namora sobre o contrabando e os curandeiros de Penha Garcia.

<p style="text-align: center;">O PEGO “O RIO E OS SONHOS DA RIQUEZA”</p>	<ul style="list-style-type: none"> . O pego e os ritos de passagem . O açude dos <i>“incarpates”</i> . O túnel do pego . Olhe <i>“p’ra riba e pra baxe”</i> . O ouro do rio . As levadas e os canais . A disputa pela água . Os mistérios dos vestígios da capela de S. Gens 	<ul style="list-style-type: none"> . Guias informados e dotados com recursos . Conhecer os locais . Integrar os <i>“idosos”</i>/cenário do garimpo. Há ouro no rio. . Diálogos sobre os espaços e as memórias locais 	<ul style="list-style-type: none"> . Recolha dos ritos de passagem na adolescência . O mito do homem do capote petrificado no rochedo do Pego . A Ti Pardida e as suas caminhadas pelas fragas . As <i>“bitchas pintedas”</i> . O contrabando <i>“Pardides na noute”</i>
<p style="text-align: center;">CAMINHO DA FONTE E AS SUAS TRADIÇÕES</p>	<ul style="list-style-type: none"> . <i>“Pri arriba e pri a baxe”</i> . A Fonte da Vila . Os ritos do caminho . A maldição do caminho 	<ul style="list-style-type: none"> . Integrar os <i>“idosos”</i> . Diálogos sobre espaços e memórias locais . Cenários vivos com lavadeiras na fonte 	<ul style="list-style-type: none"> . Recolha de tradições . <i>“Azades”</i>, lavadeiras e ritos do São João . <i>“O cão prâte”</i> . A maldição do proprietário avarento que se transforma em cão devido a uma praga de uma bela jovem
<p style="text-align: center;">LARGOS E PRAÇAS DA VILA “VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS DOS SEM TERRA”</p>	<ul style="list-style-type: none"> . As Portas da Vila . As muralhas . O chafariz . As vivências <i>“d’fumadouros”</i>, folias e lá se foram os vasos da Maria . As tabernas . As zaragatas e o jogo . Os cantares ao desafio . A Rua do Jogo Malhão . As <i>“poias”</i> do forno . Ritos e rezas do pão . O Mirante e a rua da Peça . O Penedo e a Guarita “Praça do <i>“p’lorinhe”</i> . Ferros e grillhões . Os Brasões . Câmara da Vila . O Foral D. Afonso III . As Casas Etnográficas . Arquitetura popular . O papel de intervenção da associação no coração medieval da vila . A Preservação das casas e das calçadas típicas . Casa do Ti Artur . Barbeiro, curandeiro, cirurgião e sangrador . O <i>“Terreire”</i> do Forno . Os costumes da rua . As Ruas da Procissão . Os costumes e os ritos . O sagrado e o profano . Os medos e as maldições . O <i>“lob’somem”</i> 	<ul style="list-style-type: none"> . Integrar personagens locais <i>“idosos”</i> . Cenários vivos com ritos e costumes locais . Recursos: grupos culturais, Centro de Dia / Lar da Terceira Idade . Guias turísticos . Conhecimento dos sítios, espaços e memórias locais 	<ul style="list-style-type: none"> . Recolha e divulgação: . Memórias orais: . Vivências e convivências: . <i>“partes de vida”</i> . <i>“robér os vases”</i> . <i>“os ratinhos”</i> . O jogo <i>“malhão”</i> . Os fornos privados na vila . As rezas do pão . Os Canhões . Os <i>“lob’somens”</i> . Quadras populares: <i>“esta noute me prendâram Qu’em sará mê fiador!”</i> . Os mistérios das Flores de Lys . Casa do concelho . As justiças locais <i>“quem falar mal de clero ou fidalgo fica com a boca cheia de estrume”</i> . Os ritos e os símbolos nos portados . As <i>“s’ tórias”</i> de vida do Ti Artur: . Médicos e Curandeiros . Os Retalhos da Vida de Um Médico . Os Pedços de memórias do Ti Artur . Quando tocava toda a <i>“bondega”</i> . A menina <i>“balha”</i> . Os <i>“balhis”</i> d . Rondas, serenatas e cantares ao desafio . Os Martírios, <i>“Santes Passes”</i>, <i>“Corrâr os Passes”</i> e o <i>“Lóvede Noc’isme”</i>

			. O “lob’somem” da Porta da Vila
<p style="text-align: center;">CAPELA DO ESPIRITO SANTO “CONTAR VIVÊNCIAS”</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Quando o Povo recupera o seu Património . A Arte Sacra . A Sr^a do Rosário . Os Costumes da Páscoa . Memórias da história local 	<ul style="list-style-type: none"> . Integrar os grupo locais . As Adufeiras Guia turístico . Conhecimentos sobre espaços, memórias (arte sacra) 	<ul style="list-style-type: none"> . Memórias orais sobre as Imagens e a arte sacra . Os costumes locais . As Alvissaras . A misericórdia local . Os espaço públicos de oralidades (os serões do Padre João)
<p style="text-align: center;">LARGO “CHÃO DA IGREJA “ “ GUERRA E PAZ” MEMÓRIAS PERDIDAS</p>	<p>O Património e os Homens</p> <ul style="list-style-type: none"> . O antigo cemitério . Os medos e as crenças <p>As esculturas do largo</p> <ul style="list-style-type: none"> . Catarina Chitas . O tanque de guerra (carro de combate) 	<ul style="list-style-type: none"> . Guia turístico . Conhecimentos sobre o espaço, e as memórias locais 	<p>Recolha das memórias orais:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Os medos e os fantasmas do cemitério . A magia da escultura da Ti Chitas . Os mistérios da guerra e da paz . O carro de combate

Anexo nº 5

LEVANTAMENTO DE BRUXEDOS/MAGIAS/REZAS/BENZEDURAS		
Local:	Freguesia	
Nome do bruxedo/magia/reza/benedura		
Doença/mal		
Bruxedo/magia/reza/benedura		
Preceitos de utilização		
O tratamento é acompanhado de uma receita: <input type="checkbox"/> não / <input type="checkbox"/> sim (v. doc.)		
Nome do informador	Idade	
Profissão	Habilitações	
Origem	Há quanto tempo vive na zona	
Onde/de quem aprendeu o bruxedo/magia/reza/benedura		
Conhecida e praticado por: <input type="checkbox"/> velhos/ <input type="checkbox"/> crianças / <input type="checkbox"/> jovens/ <input type="checkbox"/> curandeiros/ <input type="checkbox"/> mulheres/ <input type="checkbox"/> homens		
Relação entre a comunidade e a pessoa que conhece e pratica:	<input type="checkbox"/> Ajusta-se aos usos e costumes locais do presente	
Pagamento utilizado na compra do serviço		
<input type="checkbox"/> É de citação corrente na zona		
Há quanto tempo se julga ser conhecido?	Operador (colector)	Data